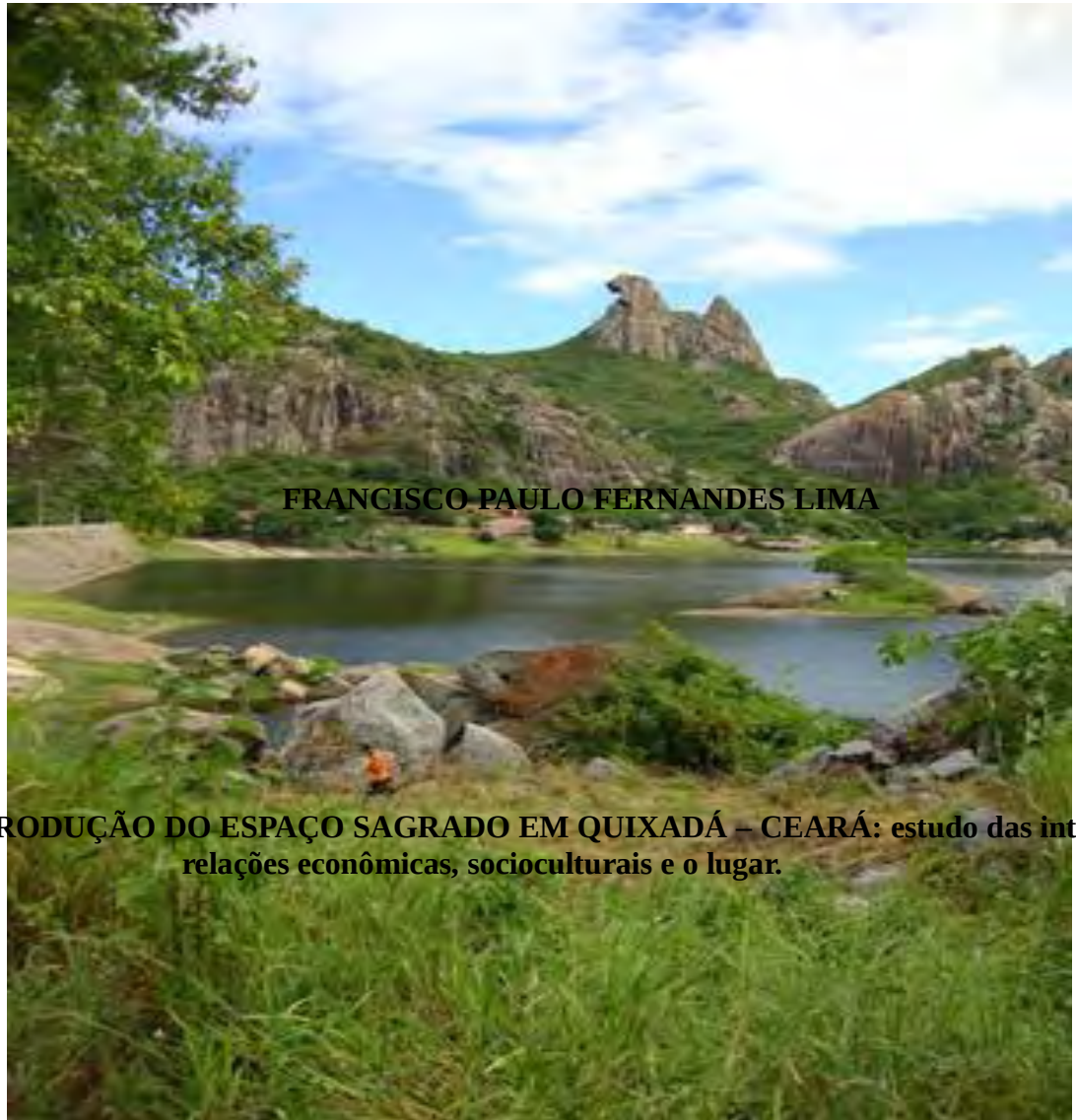


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ – CEARÁ: estudo das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.

Rio Claro - SP
2012

FRANCISCO PAULO FERNANDES LIMA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ – CEARÁ: estudo das
inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernadete Aparecida C. Castro de Oliveira.

Rio Claro - SP

2012.

910h.6 Lima, Francisco Paulo Fernandes
L732p A produção do espaço sagrado em Quixadá - Ceará:
estudo das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar
/ Francisco Paulo Fernandes Lima. - Rio Claro : [s.n.], 2012
126 f. : il., gráfs., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Bernadete Aparecida C. Castro de Oliveira

1. Religião e geografia. 2. Sertão. 3. Patrimônio cultural. I.
Título.

FRANCISCO PAULO FERNANDES LIMA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ – CEARÁ: estudo das
inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Geociências
e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” Rio Claro, como requisito para a obtenção do
Título de Mestre em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Bernadete Ap C de C Oliveira – Orientadora

Profa. Dra. Silvia Ap Guarnieri Otigoza

Prof. Dr. Antônio Carlos Sarti

Rio Claro, SP ____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho a minha mãe, a quem sou eternamente grato. Nordestina de fé inabalável, exemplo de vida, superação e dedicação. Assumiu integralmente o papel de mãe e esposa e não mediu esforços para educar seus 11 filhos. Em sua receita usou firmeza, desvelo, carinho e amor.

AGRADECIMENTOS

À força superior que transcende os nossos entendimentos e compreensões, e que costumamos encontrar nos momentos mais angustiantes da vida.

À família, fonte de apoio e amparo, e, em especial meu pai (*in memoriam*) um grande amigo.

À minha ex-esposa Socorro, aos meus filhos Paulo Victor, Isabelle, Mariana e Nicolas, pelo carinho e amor que me serviram de alicerce para continuar pensando.

À minha orientadora, professora Dra. Bernadete de Castro, que mesmo distante soube suavizar minhas angústias apontando caminhos e soluções, para a continuidade do trabalho.

Ao colega, amigo e companheiro de luta, professor Dr. Marcelo Marques pelo incentivo, apoio e força no decorrer de toda jornada.

Aos amigos Adriano e Ivani Aragão, grandes companheiros sempre dispostos a apoiar as enfadáveis idas e vindas à Quixadá.

Aos alunos do IFCE pela disposição e colaboração nas várias oportunidades de realização da pesquisa de campo.

Ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp *campus* Rio Claro, e o IFCE *campus* Fortaleza, pelas condições educacionais e financeiras, fundamentais para o desenvolvimento do estudo.

Aos moradores e demais funcionários públicos da “Terra da Galinha Choca”, especialmente à Sandra Venâncio e Henrique Rabelo que gentilmente se prontificaram a colaborar com a pesquisa.

À todos os amigos, companheiros e colegas de trabalho, pelo incentivo, meu sincero e eterno agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação é fruto da conjugação de pesquisa bibliográfica e de campo, cujo objetivo é desenvolver um estudo procurando entender as inter-relações socioculturais e econômicas que se estabelecem no processo de formação do espaço sagrado no município de Quixadá. E também seus efeitos sobre o turismo praticado na Região dos Monólitos cearenses, tomando como objeto de análise o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão e a Casa de Repouso São José. Para tal, deu-se voz a díspares segmentos sociais, tais quais: comerciantes, romeiros e a população em geral, aplicando instrumentos de averiguação quantitativos e qualitativos. Por intermédio de esforços investigativos, pretende-se contribuir com o debate sobre o processo de territorialidade, levando em consideração os dados que constituem a cultura material e imaterial, que formam o patrimônio da cidade. Assim, facilitando a compreensão da relação identitária, significados e ideia de pertencimento que se formou/forma entre os espaços sagrados, a população e o lugar. Como resultado do processo investigativo, percebeu-se que o Santuário, além de representar elemento de maior relação de pertencimento ao lugar, constitui segmento de peregrinação religiosa de massa, portanto, um grande componente de promoção e valorização do lugar, enquanto a Casa de Repouso não consegue evitar seu isolamento do contexto socioeconômico que caracteriza o cotidiano no qual está inserida.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Espaço Sagrado. Sertão. Quixadá.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a combination of a literature and field research, whose goal is to develop a study trying to understand the sociocultural and economic interrelationships that are established in the formation of the sacred space in the city of Quixadá. And also its effects on the tourism practiced in the Region of Ceará Monolith, taking as object of analysis the Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão Sanctuary São José Nursing Home. With this aim, it was considered several social segments, such as: traders, pilgrims and the local population, using the tools of quantitative and qualitative investigation. Through the of these investigative efforts, we intend to contribute to the debate about the process of territoriality, taking into account the data that constitute the material and immaterial culture, how that form the city heritage. Thus, facilitating the understanding of the relationship of identity, meaning and idea of belonging that formed/form between the sacred spaces, the people and the place. As a result of the investigative process, it was noticed that the Sanctuary, besides representing element of a greater relationship to the place of belonging, it also represents a segment of mass religious tourism, therefore, a large component of the promotion and enhancement of the place, while the Nursing Home can't prevent its isolation from the socioeconomic context that characterizes daily life in which it operates.

Keywords: Cultural Heritage. Holy Sight. Backwoods. Quixadá.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Vista panorâmica do "Vale Monumental" com destaque para o relevo, os morros testemunhos (monólitos) de Quixadá.....	21
Foto 2 - Açude do Cedro, em destaque a muralha central, construída em 1884.	27
Foto 3 - Aspecto do Centro comercial de Quixadá.....	30
Foto 4 - "Pau de arara" transporte popular.	31
Foto 5 - Carroça usada para deslocamento de mercadoria e abastecimento de água.	32
Foto 6 - Monumento em homenagem a Cego Aderaldo (Quixadá).	43
Foto 7 - Vista panorâmica do alto da serra do Estêvão (Casa de Repouso S. José).	62
Foto 8/9 - Antiga fachada do mosteiro da Santa Cruz/atual fachada do mosteiro das Irmãs Missionárias Imaculada Conceição.....	64
Foto 10 - Deslocamento de peregrinos, após o término da Missa.	69
Foto 11 - Movimentação de peregrinos no espaço profano: livraria e restaurante.....	69
Foto 12 - Vista do Monte Urucum do interior da Catedral de Quixadá.....	72
Foto 13 - Placa (fundamental) indicativa do local onde foi colocada a imagem de Nossa.....	72
Foto 14/15 - Maria/São José, mãe e pai assim como abrigam o filho, também acolhem os peregrinos e devotos do sertão.....	73
Foto 16 - Visão panorâmica do complexo turístico Santuário N. S. Rainha do Sertão.	74
Foto 17 - Altar da capela do Santíssimo, em destaque imagem de N. S. Imaculada Rainha do Sertão.....	75
Foto 18 - Cristo Crucificado, obra do artista holandês Toon Grassns.	76

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da localização da área de estudo.	22
Mapa 2 - Município de Quixadá, em destaque: serras do Estêvão e Urucum.	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População residente total e respectiva distribuição percentual por situação do domicílio e gênero.....	23
Tabela 2 - Calendário de eventos culturais/turístico de Quixadá.	44
Tabela 3 - Distribuição dos sujeitos segundo residência, idade e gênero.	81
Tabela 4 - Perfil educacional dos sujeitos.	82
Tabela 5 - Distribuição dos peregrinos e visitantes segundo residência, idade e gênero.	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos sujeitos por setor de atividade/trabalho.....	83
Gráfico 2- Projeto turístico institucional.	85
Gráfico 3- Segmento turístico que recebe maior investimento do poder público.	86
Gráfico 4- Infraestrutura.....	87
Gráfico 5 - Turismo religioso e desenvolvimento econômico local.	91
Gráfico 6 - O espaço sagrado e a relação sociocultural com o lugar.	93
Gráfico 7 - Função prevaiente dos espaços sagrados.	94
Gráfico 8 - Motivos de deslocamento.	100
Gráfico 9- Espaço de maior visitação	100
Gráfico 10 - Percepção sobre o espaço sagrado.	100
Gráfico 11 - Meio de transporte.....	102
Gráfico 12 - Companhia de viagem.	102
Gráfico 13 - Hospedagem.....	103
Gráfico 14 - Outro atrativo turístico visitado.	104
Gráfico 15 - Infraestrutura dos espaços sagrados.	105

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	20
2.1 Quixadá: Rainha do Sertão Central Cearense.	20
2.1.1 Caracterização da área de estudo.	21
2.1.2 História: a Fazenda José de Barros, percursos e desenvolvimento.	24
2.1.3. A dinâmica comercial local.	29
3 IMAGINÁRIO, ESPAÇO E PODER.....	33
3.1 Aspectos da cultura sertaneja.	33
3.1.1 Os profetas da chuva: o saber popular.	34
3.1.2 Cego Aderaldo: o grande poeta popular do Sertão Central.	40
3.2 Espaço e poder: agruras e esperanças.	46
3.2.1 Coronelismo: origem e poder no sertão cearense.....	47
3.2.2 As origens da religiosidade popular no sertão cearense.	50
4 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ.....	56
4.1 Algumas considerações preliminares.....	56
4.2 Quixadá: entre o sagrado e o profano.	57
4.3 Os espaços sagrados de Quixadá.	60
4.3.1 A Serra do Estêvão: Casa de Repouso São José.....	61
4.3.2 A Serra do Urucum: Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão.	68
5 MORADORES E VISITANTES: OLHARES SOBRE O ESPAÇO SAGRADO.....	78
5.1 Moradores e o espaço sagrado.	79
5.1.1 Caracterização dos sujeitos: população fixa.....	80
5.1.2 Projeto institucional do poder público local para o setor de turismo.....	84
5.1.3 Os Impactos sociais: aspectos positivos e negativos gerados pelo turismo.	88
5.1.4 Os espaços sagrados, o turismo e sua importância econômica, cultural, histórica para o lugar.	90

5.2 Visitantes e peregrinos: percepção sobre o espaço sagrado.....	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A POPULAÇÃO FIXA	118
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM OS SEGMENTOS REPRESENTATIVOS DA SOCIEDADE QUIXADAENSE.	121
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A POPULAÇÃO FLUTUANTE (VISITANTES/PEREGRINOS).	123

1 INTRODUÇÃO.

Refletir sobre práticas sociais no contexto global e do lugar, pressupõe conceber o espaço geográfico como elemento fundamental, que constitui a base material onde a vida se processa. É perceber o lugar em sua especificidade e dinâmica interior contraditória: nível de desenvolvimento de suas forças produtivas, as formas de ocupação e uso do solo, as relações socioculturais prevaletentes, os valores constituídos etc. A compreensão da relação do homem com seu entorno sociocultural possibilita perceber a:

[...] Geografia como estudo da individualidade dos lugares [...] tendo por meta compreender o caráter singular de cada porção do planeta. [...] Na modernidade, tal perspectiva tem sua expressão mais desenvolvida na chamada Geografia Regional. [...] Esta propõe, como objeto de estudo, uma unidade espacial, a região – uma determinada porção do espaço terrestre, passível de ser individualizada, em função de um caráter próprio. (MORAES, 1984, p. 15-16).

Entender as interconexões de grupos e indivíduos a partir dos interesses e as inter-relações socioculturais, econômicas que se estabelecem e se manifestam na produção do espaço sagrado e do lugar, constituirá no objeto de pesquisa do presente trabalho. Para isso, toma-se como *locus* de estudo o município de Quixadá, região do Sertão Central cearense. O cenário que conforma a região investigada é marcado pela influência da religiosidade popular e de características que melhor representam os costumes, hábitos e tradições do homem sertanejo. Área de imponentes formações rochosas, de valor ecológico e paisagístico, que compreende condições naturais tornando-a privilegiada para investimentos do turismo religioso de massa.

Desta forma, justifica-se a pesquisa pela necessidade de compreender os significados e “sentidos de pertencimento” produzidos pela relação histórico/cultural que se formou/forma entre os espaços religiosos e a população local; é, em outras palavras, a tentativa de aprofundar o estudo da singularidade de um lugar.

A verificação prioriza duas áreas em Quixadá que trabalham de forma diferenciada, pois apresentam características peculiares, a contemplação, o simbólico e o profano, são elas: a **Casa de Repouso São José**, situada na Serra do Estêvão, distrito de D. Maurício, e o complexo **Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão**, localizado na Serra do Urucum. Daí a necessidade de utilizar o método comparativo, para estabelecer a relação identitária que cada um apresenta com a cultura e a história local.

Para uma análise mais completa é necessário, também, entender a lógica que se interpõe na criação e produção dos espaços sagrados; que mudanças têm sido presenciadas no

modo de vida e no cotidiano local, nas manifestações religiosas e nas relações socioculturais. É importante, ainda, observar os impactos econômicos que tais centros de atração religiosos tem provocado, principalmente os relacionados ao setor turístico.

Para nos acostarmos ao objeto investigado, foram importantes os aportes da Geografia Crítica, pois, conforme Andrade (1987), esta corrente de pensamento geográfico indica perspectivas para uma sociedade capitalista em crise, ao mesmo tempo procura novos caminhos, novas alternativas tanto científicas como sociopolíticas. Com uma direção fundamentada no materialismo histórico e na dialética marxista, buscam analisar a sociedade a partir da existência de uma racionalização econômica que perpassa todas as relações dos homens em sociedade e destes com a natureza. Com esta corrente de pensamento geográfico é possível analisar a problemática política em relação ao espaço produzido, fornecendo-nos uma visão geral do mundo. Como diz Lakatos, “tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente” (2003, p. 101). Ou seja, é uma corrente que se propõe a avaliar de forma profunda a sociedade em crise, buscando o entendimento a partir das causas verdadeiras dos problemas que impedem o pleno desenvolvimento social.

Ao centrar o debate na forma e na lógica da mercantilização que direta ou indiretamente, ocorre à apropriação e transformação de áreas, foi fundamental os aportes teóricos metodológico da Geografia Crítica, que proporciona uma visão geral do mundo e, por meio dela, pode-se avaliar de forma incisiva as relações econômicas e a problemática em relação ao espaço produzido. Possibilita em fim, uma análise integrada do objeto de estudo e nos leva a compreensão da “realidade e sua diversidade, reconhecendo os atores sociais em seu cotidiano e procurando traçar as tendências para o problema investigado” (ORTIGOZA, 2009, p. 24).

Retomando a visão de Moraes (1984), dentro da perspectiva da Geografia Crítica, quando se propõe a analisar o espaço produzido é preciso percebê-lo a partir da lógica capitalista e entendê-lo como lugar de luta. Pois, na sociedade capitalista, a organização espacial é determinada pelo ritmo de acumulação obedecendo sempre à lógica do capital e não ao interesse do homem. O autor conclui “[...] seu traço geral é a desigualdade, pois a história do capital é seletiva, elege áreas, estabelece uma divisão territorial do trabalho, impõe uma hierarquização dos lugares, pela dotação diferenciada dos equipamentos” (MORAES, 1984, p. 125).

É possível observar a convivência de propostas múltiplas na Geografia Crítica cuja unidade, ainda conforme Moraes (1984, p. 126), “manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente”.

Embora o marxismo componha nossa base de pensamento fundante, não devemos nos furtar em dialogar com outras correntes de pensamento e áreas do conhecimento, desde que não sejam contraditórias, mas que possibilitem um melhor entendimento sobre o objeto estudado.

Dando prosseguimento à pesquisa bibliográfica, buscou-se ampliar o entendimento sobre o processo de produção, criação e natureza dos espaços, com o trabalho de Milton Santos. Um aporte teórico importante, tendo em vista sua análise sobre a problemática política em relação ao espaço produzido, a partir de uma situação local e mundial. Assim, tem-se a percepção do espaço geográfico sob duas ordens a:

[...] global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. [...] A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. [...] A ordem global e a ordem local constituem duas situações geneticamente opostos, ainda que em cada uma se verifiquem aspectos da outra. [...] A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. [...] A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade. [...] Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. (SANTOS, 1997, p. 267-273).

Entendido a ordem capitalista do lucro que se estabelece na organização do espaço, tanto a nível global quanto local, torna-se necessário superar este sociometabolismo procurando estabelecer novas alternativas e situações na organização de uma nova ordem que atenda aos interesses de todos. A despeito da importância de se estabelecer alternativas, não é este o objetivo do trabalho. Para as mudanças históricas, assinala Santos (2008, p. 14), é necessário um movimento de baixo para cima, no qual os atores terão que ser os [...] “deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; homem liberado participe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único”..

Para o entendimento sobre a questão da espacialidade, dentro de um viés cultural/religioso, recorreu-se à obra de Zeny Rosendahl, que trabalha a relação do espaço e a religião dentro da perspectiva geográfica. Um trabalho que analisa as vinculações constituídas entre o espaço e o sagrado, possibilitando novos caminhos para a pesquisa geográfica. Para a autora, geografia e religião são práticas sociais, isto porque o homem, consciente ou não, sempre fez geografia, enquanto a religião sempre foi um componente necessário para a

interpretação da sua vida. “[...] Ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente”. (ROSENDAHL, 1996, p. 11). E conclui, dizendo ainda que os geógrafos, preocupados em estudar as paisagens, negligenciaram os fatos religiosos, no entanto “são capazes de dar contribuições geográficas efetivas e inovadoras ao estudo da religião, penetrando profundamente [...] no estudo de temas como imagens e simbolismo, valor e significado, conflito e compromisso” (ROSENDAHL, 1996, p. 19).

Para o entendimento da cultura como elemento da espacialidade, foram fundamentais para a pesquisa os textos de Corrêa. Para este, a lógica que se estabelece entre espacialidade e cultura é marcada por valores simbólicos impregnados de significados. A forte relação entre as pessoas e o simbólico possibilita a valorização dos locais, em um processo recíproco de reafirmação. No texto “A Espacialidade da Cultura”, o autor chama atenção para os símbolos enquanto atributo da singularidade dos lugares, tornando-os centros funcionalmente diferenciados e conclui dizendo que os lugares,

[...] enquanto manifestações espaciais da cultura estão impregnadas de simbolismo que os torna específicos, dotados de uma singularidade simbólica. [...] O simbolismo desses lugares associa-se, em muitos casos, a uma singularidade locacional e esta é uma característica da espacialidade humana. Mas associa-se também à força de sentimentos criados em razão da afirmação do status de um grupo social ou da identidade étnica ou religiosa. (CORRÊA, 2008, p. 8).

Dando prosseguimento a pesquisa bibliográfica, foi importante para o estudo acostarmos nos autores que trabalham a história e a geografia local, no intuito de entender o processo de organização do espaço, ocupação e uso (econômico, social e político) ao longo do decurso do tempo, do estado do Ceará, e em particular da cidade de Quixadá. Isto não significa, portanto, uma mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas buscou-se uma reavaliação crítica, de modo a possibilitar a abertura para novas conclusões.

Neste contexto, uma fonte importante para a pesquisa foi o livro “História do Ceará”, coordenado pela professora Simone de Sousa, do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC), uma produção historiográfica que analisa a história local sob duas perspectivas importantes. A primeira trabalha os microtemas, tendo como referência as especificidades locais com uma vertente ligada ao cotidiano, ao imaginário e às mentalidades. A segunda é um estudo que trata das experiências sociais de outros sujeitos históricos, rompendo com a visão tradicional que privilegia a história dos heróis, o que não contribui para a formação de uma consciência crítica. É um trabalho que permite a análise de

especificidades e peculiaridades locais e regionais, constituindo em material de grande valia para quem se propõe a trabalhar com sujeitos construtores da história e da cultura local.

Outra obra do rol de pesquisa foi o trabalho de José Bonifácio de Sousa, “Quixadá & Serra do Estêvão”. No primeiro capítulo, “Formação Histórica”, o autor descreve o processo de formação e ocupação econômica do espaço quixadaense. Com riqueza de detalhes, descreve o cotidiano, hábitos e tradições, evolução político-administrativa, aspectos fisiográficos, econômicos dentre outros que marcaram a história do povo e da cidade. Enfim, é uma obra, como o próprio autor diz, de toda a história do sertão nordestino, quando assinala: [...] “não há, talvez, outro município no Ceará que melhor caracterize a formação da sociedade rural, desde a fase inicial da ocupação até o atual estágio de desenvolvimento. [...] Conhecer a natureza quixadaense é dar por vista a de todo o Nordeste”. (SOUSA, 1997, p. 19).

Na segunda parte do livro, “Serra do Estêvão”, o autor faz uma descrição das suas características físicas e geográficas em que a destaca como um “oásis em meio à aspereza dos sertões que a contornam” (SOUSA, 1997, p. 237). O ponto alto do livro fica por conta da historicidade da fundação, consolidação do Mosteiro da Santa Cruz e do Ginásio São José. Segundo o autor, o maior arquiteto neste empreendimento foi Dom Maurício Prichzi, Prior do monastério, reitor do ginásio e o primeiro beneditino aqui sepultado. São “[...] fundações que, depois de realizado o seu destino, permanece como relíquias respeitáveis, para revelar aos vindouros a história do idealismo de suas origens e da missão que desempenharam na época” (SOUSA, 1997, p. 240). Portanto, uma produção intelectual fundamental para a pesquisa, pois nos fornece os elementos reveladores da história emblemática do centenário espaço sagrado de Quixadá.

Outro importante escrito no rol de pesquisa bibliográfica, quer pelo volume de informações, quer pela riqueza de detalhes, foi o trabalho de João Eudes Costa, “Retalhos da História de Quixadá”. Um livro que resultou, conforme diz o próprio autor, de uma minuciosa pesquisa e de um processo exaustivo de quem se dedica a desenvolver um trabalho como um garimpeiro incansável à busca de sua preciosa pedra. Portanto, uma obra indispensável como fonte de pesquisa, pois explora de forma meticulosa, buscando, não só pela pesquisa documental, mas ouvindo jovens e idosos, o mote para a construção sobre a origem, evolução, história, economia e cultura da “Terra da Galinha Choca”.

Ainda nesta fase de acostamento ao objeto de estudo, devemos fazer referência a dois ensaios que se somam a outras obras para o conhecimento dos espaços sagrados em Quixadá. São eles: “Viva a Vida em Dom Maurício”, do Mons. João Olímpio C. Branco e “História do

Santuário”, de D. Adélio Tomasin. Tratam-se de duas pequenas obras que, dentro de uma perspectiva histórico/religiosa, enfatizam a criação dos respectivos espaços sagrados, enquanto plano de Deus, possibilitando ao homem/peregrino do sertão e ao visitante [...] “um oásis de amor e aconchego, de vida e sentimento, de oração e contemplação” (BRANCO, 2007, p. 3). Na história do santuário, por exemplo, isto fica bem claro, quando do relato do seu idealizador, D. Adélio Tomasin:

[...] no momento que eu celebrava a missa em homenagem a N. Senhora do Carmo, [...] de repente, não sei explicar como e nem porque, veio-me a mente a seguinte frase: “Por que tu não pensaste em construir uma casa para a minha Mãe?” E vi o santuário entre os monólitos, um lugar que dominava o sertão (TOMASIN, 1995, p. 3).

São fontes que enriqueceram a pesquisa, pois à medida que vão desvendando aspectos místicos que envolveram a sua história, tentam justificar para a população munícipe ou flutuante, tratar-se de espaços consagrados, portanto, fonte de referência à peregrinação, oração, meditação e adoração. Neste sentido, a proposta é justificar a relação sagrado, homem sertanejo e o lugar.

No desenvolvimento do trabalho de campo, foi importantíssima, para levantamentos dos aspectos sociais, culturais, econômicos e naturais da área estudada, a aplicação de entrevistas e questionários como forma de aproximar e obter informações sobre o objeto pesquisado. Deste modo, tendo definido como eixo desta investigação os processos de subjetivação na atividade de trabalho relacionada à produção e organização dos espaços sagrados no município de Quixadá, entende-se que na tentativa de cercar esse objeto de estudo, os recursos metodológicos devem ser fundamentalmente qualitativos. Isto não significa desconsiderar a contribuição da pesquisa quantitativa, na medida em que possibilite maior entendimento do fenômeno estudado. Segundo Günther,

[...] enquanto participante do processo de construção de conhecimento, o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. [...] encontrar a abordagem teórico-metodológica que permita, num mínimo de tempo, chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno (GÜNTHER, 2006, p. 207).

Com o objetivo de tornar a verificação mais expressiva e significativa, o universo de sujeitos definido foi pensado de modo a constituir em veículo privilegiado de aproximação da realidade local. Neste sentido, definiram-se dois grupos de sujeitos: (i) população fixa, que foi dividida em dois subgrupos para facilitar o andamento da pesquisa: população geral (estudantes, donas de casa, comerciantes, funcionários públicos, aposentados) e população específica, composta pelos representantes da vida cultural (cantadores, historiadores), da vida

religiosa (bispo, padres e irmãs que administram o Santuário N. S. Rainha do Sertão e da Casa de Repouso São José) e da vida política (prefeito, lideranças políticas e secretários); (ii) população flutuante, constituída de peregrinos/excursionistas.

O morador local e o grupo de visitantes que frequentam os lugares sagrados, por formarem um grupo numeroso e disperso, optou-se pela aplicação do questionário, por entender ser este instrumento facilitador, à medida que o universo pesquisado fosse o mais abrangente possível. Para o segmento dos representantes culturais, políticos e religiosos foi adotado o critério da entrevista, por considerar que seus depoimentos preñhes de informações assumem ares “qualitativos”, fechando assim o universo e o ciclo de pesquisa.

A estrutura da dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro faz-se uma referência à evolução histórica da terra dos monólitos. “Em Caracterização da área de estudo”, procuramos desenvolver uma breve discussão sobre as condições socioeconômicas e culturais que colaboraram para o processo de transformação da fazenda de **José de Barros**¹ em cidade, ressaltando os principais pontos que marcaram sua evolução política, administrativa e histórica.

“Imaginário, espaço e poder”, tema do segundo capítulo, aborda dois pontos significativos para o entendimento do processo de (re)organização do espaço cearense. No primeiro, abre-se uma discussão sobre a cultura sertaneja e o seu papel na definição da territorialidade. No segundo, aborda-se o papel desenvolvido pelos detentores do poder espiritual/material na ocupação/produção do espaço.

No subitem os “Profetas da chuva”², debate-se o saber popular e a relação homem/natureza. Os conhecidos “cientistas populares” são agricultores, gente simples do local, que a partir da análise de sinais da natureza fazem previsões sobre o “inverno”, período de grande expectativa para o sertanejo. Pela riqueza cultural, simbólica e histórica, constituem

¹ “Considerado o verdadeiro fundador de Quixadá, embora não tenha sido o primeiro a instalar uma fazenda, foi sem dúvida a que mais prosperou. Ao contrário dos que lhe antecederam, o proprietário do “Sítio Quixadá” veio disposto a ficar e fazer prosperar as terras adquiridas. Trouxe familiares e se fez acompanhar de escravos e trabalhadores rurais afeitos às lides campestres. As terras foram adquiridas em 1747, tomando posse oito anos depois. Por ocasião da posse, concretizada pelos meios legais, através de uma escritura pública de posse, lavrada em 27 de setembro de 1755, José de Barros, naquele momento cortou paus e improvisou uma cruz de madeira, como símbolo de sua fé e de proteção à nossa Quixadá” (COSTA, 2002, p. 12).

² “Os profetas do sertão cearense seguem, em sua maioria, rigorosos critérios de observação da natureza, sistematicamente reforçados nas experiências e leituras dos sinais relativos, por exemplo, à posição dos planetas, ao vento, ao acasalamento dos bichos, à barra desenhada no céu durante o Natal etc. As profecias que antecipam os ditos da natureza se diferenciam de uma tradição profética inspirada no messianismo e na ideia de um paraíso terrestre, pautada pelo imaginário do milagre. A imprevisibilidade, excluída da dimensão do milagre, e a incerteza do futuro são o céu e o chão de onde partem as profecias relativas ao tempo climático” (MARTINS, 2006, p. 14).

no dizer de Montenegro (apud BEHR, 2007, p. 200), “[...] tipos sociais com características próprias, que podem ser considerados representantes legítimos da sociedade sertaneja”.

Complementando a ideia de territorialidade, dar-se-á ênfase à trajetória da vida e obra do grande cordelista, poeta popular brasileiro, Aderaldo Ferreira de Araujo, o Cego Aderaldo. Estudá-lo torna-se importante para estudo, pois “por 50 anos foi o maior cantor da alma sertaneja, [...] encarnação sonora do seu povo” (BEHR, 2007, p. 194-195).

Como forma de reforçar o estudo sobre a produção do espaço, no item “Espaço e poder: agruras e esperanças”, será desenvolvido um breve estudo das questões que envolvem áreas dos sertões assinaladas pela relação ambígua entre os poderes da igreja e o domínio temporal, caracterizado pela figura do “coronel” e a religiosidade popular do homem do sertão nordestino.

A análise que desenvolveremos sobre “Produção do espaço sagrado em Quixadá” compreende a proposta do terceiro capítulo, razão maior da investigação. Enquanto fato geográfico, não deve ser estudado de forma isolada, mas inserido no contexto de fenômenos histórico/religiosos inerentes à estrutura socioeconômica e cultural da região. O homem vive em um mundo envolto de valores religiosos; sua história, seus valores muitas vezes confundem-se com a história da religiosidade. Neste sentido, é preciso entender com que objetivos e interesses determinados espaços sagrados são arquitetados.

Partindo deste pressuposto, desenvolve-se uma análise ainda no terceiro capítulo dos espaços sagrados em Quixadá, buscando entender as relações, valores e significados que estes lugares têm com a cultura local. Para que o objetivo fosse alcançado, o foco da pesquisa concentrou-se nas duas principais áreas sagradas de Quixadá. Na Serra do Estêvão, distrito de D. Maurício, encontra-se o antigo Mosteiro da Santa Cruz, hoje Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, que transformou o então Ginásio São José em Casa de Repouso São José, ou “Pousada” como prefere chamar a atual administradora, a fim de apagar a ideia de “sanatório” para cura de doenças infectorespiratórias ou “asilo” para idosos. Já na Serra do Urucum encontra-se o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, um complexo turístico religioso, idealizado por D. Adélio Tomasin, Bispo Emérito de Quixadá. Como proposta deve-se enfatizar as especificidades de cada espaço: localização, estrutura arquitetônica, história, recursos para a produção e administração. Aqui destacamos as entrevistas a serem efetuadas junto às religiosas que administram os respectivos complexos.

“Moradores, peregrinos e visitantes: olhares sobre o espaço sagrado” comporá o quarto capítulo da dissertação. Nesta parte do trabalho, serão relatados os passos percorridos durante a pesquisa de campo: visita, observação e verificação do ambiente físico e social.

Completando esta parte, e, usando de instrumentos como questionário e entrevista, serão desenvolvidos contatos com moradores, visitantes e peregrinos na coleta de dados. Como forma de dar voz a outros sujeitos, aqui se destacam os historiadores, poetas, religiosos e as autoridades que compõem a municipalidade.

Como fechamento do capítulo, apresenta-se uma análise dos dados a partir da categorização e demonstração, por meio de tabelas e gráficos, dos resultados obtidos.

Nas considerações finais, retomam-se as questões mais relevantes do trabalho, apresentando uma síntese dos principais resultados, verificação da hipótese e sugestões para pesquisas futuras.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.

2.1 Quixadá: Rainha do Sertão Central Cearense.

“Quixadá é um autêntico vale de bichos de pedra”.

(Miguel von Behr, 2007, p. 63).

Batizada de “Terra dos Monólitos”, “Curral de Pedras” ou, de acordo com a tradição, “Terra da Galinha Choca”, Quixadá forma um fantástico “Vale Monumental” – os *inselbergs* (monólitos) – os quais proporcionam uma paisagem natural que a distingue das demais regiões. São formações rochosas, cristalinas, com os mais variados e curiosos formatos, que, de acordo com Behr (2007), concentram-se em sua maioria em uma extensão de aproximadamente 20 km no chamado “Vale Monumental do Sertão Cearense”, município de Quixadá. Uma paisagem formada por relevos residuais distribuídos sobre áreas planas, resultado da erosão diferencial em rochas cristalinas numa escala de ocorrência gigantesca, dando à paisagem um caráter especial, que quebra a aparente monotonia do sertão cearense. Completa o autor: “[...] o conjunto de monólitos de Quixadá, atrativos paisagísticos peculiares e exclusivos no mundo, chama a atenção pela quantidade deles em uma única região e pela proximidade uns dos outros” (BEHR, 2007, p. 65).

Aziz Ab’Sáber fez pesquisas e trabalho de campo em praticamente todo o território brasileiro e é um dos maiores especialistas em questões ambientais, premiado e (re)conhecido nacional e internacionalmente. Sua grande preocupação social é uma constante; para ele, cuidar da questão ambiental só será possível com inclusão social. No livro “Os Domínios de Natureza no Brasil”, no capítulo dedicado aos sertões do Nordeste brasileiro, quando faz referência aos morrotes ou *inselberg*, caso específico de Quixadá, afirma que: “[...] foram relevos residuais que resistiram aos velhos processos desnudacionais, responsáveis pelas superfícies aplainadas dos sertões, ao fim do Terciário e início do Quaternário: superfície sertaneja velha e sertaneja moderna” (AB’SÁBER, 2008, p. 90). Complementando a ideia acima, Neves (apud BEHR, 2007, p. 65), diz que eles se formaram em uma profundidade de 10 km na terra vindo à tona após 580 milhões de anos de erosões. Por ser testemunho de um relevo anterior, são, portanto, chamados de morros-testemunhos.

Em Quixadá a natureza trabalhou de forma caprichosa, por meio das precipitações atmosféricas reduzidas e irregulares, associadas às temperaturas elevadas, atuaram como se fosse um escultor, que em momento de grande inspiração, esculpiu as rochas, dando a estas os

mais variados formatos. O exemplo clássico é a **Pedra da Galinha Choca** – símbolo, cartão postal e principal atrativo da cidade. Pela foto 1 é possível ver expressa toda essa imponência que caracteriza a paisagem quixadaense. Pela sua importância ecológica e valor natural, foram declaradas, pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural (IPHAN) “Monumento Natural Monólitos de Quixadá³”.



Fonte: Lima (2010).

Foto 1 - Vista panorâmica do "Vale Monumental" com destaque para o relevo, os morros testemunhos (monólitos) de Quixadá.

2.1.1 Caracterização da área de estudo.

Grande parte dos dados apresentados integra a pesquisa realizada no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Instituto de Pesquisa e Estatística Econômica do Ceará (IBGE/IPECE, 2010), na página “Quixadá Perfil Básico Municipal”.

Conforme dados (IBGE, 2010), o Ceará foi dividido em sete mesorregiões, considerando a organização produtiva, relações existentes entre as cidades e condicionamentos naturais ligados ao relevo, clima, hidrografia e vegetação, com o objetivo de conhecer melhor os

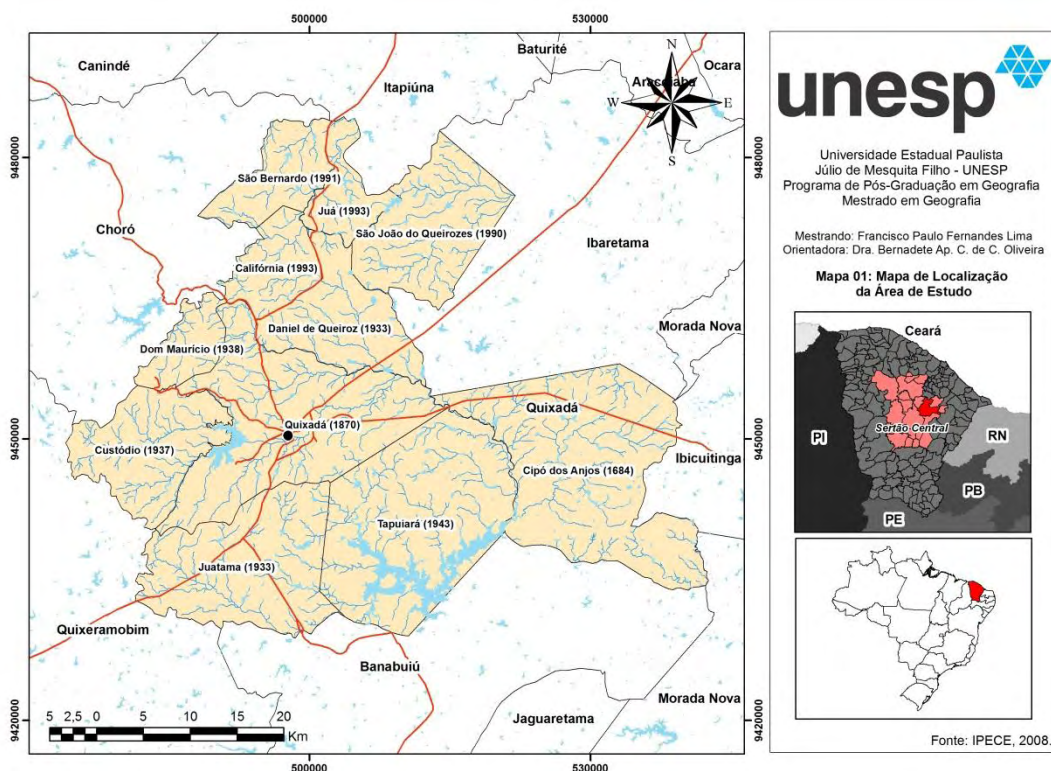
³ “Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá, tombado pelo Estado Decreto Nº 26.805, de 25 de outubro de 2002, constitui uma unidade de conservação e de proteção integral (SEMACE, 2009). Pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) a recomendação do tombamento levou em consideração os seguintes argumentos técnicos: do ponto de vista geomorfológico as paisagens dos *inselbergs* de Quixadá constituem formações características de climas semi-áridos, típicas do Nordeste do país, mas que em Quixadá assumem espetacular importância pela grandiosidade do conjunto de suas configurações. Do ponto de vista florístico: as formações rochosas são associadas a uma formação florística singular. Do ponto de vista arqueológico: por possuir dois sítios registrados no IPHAN, sendo presumível a existência de outros. Do ponto de vista paleontológico: a área possui sítios fossilíferos. Do ponto de vista paisagístico: pela sua ímpar beleza cênica. Do ponto de vista cultural: por coexistir com modos de harmonia, com modos tradicionais de cultura, mas que começam a ser alterados, com impactos nocivos à paisagem” (BEHR, 2007, p. 293-294).

lugares e de orientar as ações públicas ou privadas. Dentre os recortes espaciais, o regional é o que melhor expressa a unidade e as singularidades dos lugares.

Como forma de melhor localizar o município *locus* da pesquisa, optamos pela proposta do Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará (IPECE), que divide o Estado em treze regiões, conforme pode ser observado no mapa – 1. Diferente da divisão do IBGE, Quixadá é o município sede regional da décima segunda (12ª) Região Administrativa; Microrregião de Planejamento: Sertão Central, Mesorregião: Sertões Cearenses; e Microrregião: Sertão de Quixeramobim. Isto porque o município apresenta, com maior intensidade, as peculiaridades típicas da região do Semi-Árido, ou seja, suas características evidenciam de maneira terminante aspectos da cultura sertaneja.

Conforme relata Sousa (1997), a evolução administrativa seguiu as seguintes etapas: em 1838 passa para a categoria de Distrito de Paz, tributário de Quixeramobim, lei nº 150; município autônomo, pela Lei Provincial nº 1347, de 27 de outubro de 1870, tendo sido a sede elevada à categoria de vila. E finalmente torna-se cidade pela Lei Provincial nº 2.166, de 17 de agosto de 1889.

Mapa 1 - Mapa da localização da área de estudo.



Ao longo do período histórico, sua divisão administrativa sofreu várias alterações, com a criação de novos distritos ou o desmembramento destes para dar origem a outros municípios. A atual divisão política administrativa, como pode ser vista em detalhes no mapa - 1 compreende os seguintes distritos: Quixadá (Sede), criada em 1870; Daniel de Queiroz (1933); Juatama (1933); Custódio (1937); Dom Maurício (1938); Tapuiará (1943); Cipó dos Anjos (1964); São João dos Queiroz (1990); São Bernardo (1991); Califórnia (1993) e Juá (1993). (IBGE/IPECE, 2010).

Com uma área de 2.019,82 Km² correspondendo a 1,36% da área do estado, destaca-se como um dos maiores e mais importantes municípios da região. A uma latitude 4° 58' 17" e longitude 39° 00' 55", limita-se ao Norte com os municípios de Ibaretama, Itapiúna e Choro; ao Sul: Quixeramobim e Banabuiú; a Leste: Banabuiú, Morada Nova, Ibicutinga e Ibaretama; e a Oeste: Choro e Quixeramobim. (IBGE/IPECE, 2010).

Distante em linha reta 147 km da capital Fortaleza, o visitante vai ter duas opções de acesso: pela BR 116, percorrendo os municípios de Itaitinga, Aquiraz, Horizonte, Pacajus, até chegar a Chorozinho (região do triângulo), um entroncamento que interliga três importantes municípios: Fortaleza, Russas e Quixadá; daí segue-se quase em linha reta pela BR 122/CE 359, até chegar ao destino proposto. A segunda opção se faz pela CE 060 (antiga Estrada do Algodão); já por esta os municípios percorridos são Maracanaú (distrito industrial), Pacatuba, Guaiúba, Acarape, Redenção, Aracoiaba, Baturité, Capistrano, Itapiuna, para finalmente chegar a Quixadá. As rodovias se encontram em bom estado de conservação.

Com uma população de 80.604 habitantes, Quixadá se destaca entre as dez cidades mais populosas do Ceará e apresenta uma densidade demográfica de 39,91 (hab./ km²). Pela tabela 1, é possível verificar em detalhes a distribuição de sua população residente, situação de domicílio e gênero.

Tabela 1 - População residente total e respectiva distribuição percentual por situação do domicílio e gênero.

Distribuição da população de Quixadá					
Gênero		%	Domicílio		%
Feminino	40.835	50,7	Urbana	57.485	71,3
Masculino	39.769	49,3	Rural	23.119	28,7
					80.604

Fonte: IBGE (2011).

Org. Victor Fernandes.

Quixadá apresenta clima tropical, quente, semiárido, com temperatura média anual entre 26° a 28° C; período chuvoso de fevereiro a abril, com pluviometria média anual de 838,1 mm. Aliada a essa irregularidade do regime de chuvas, destacam-se os elevados índices de evaporação e ocorrência de secas severas.

Completando esse panorama natural, apresenta uma vegetação típica da Região Nordeste: caatinga (mata branca) arbustiva, densa; caatinga arbustiva, fechada; e floresta caducifólia, espinhosa, (IBGE/IPECE, 2010). Estas são um potencial ainda pouco explorado e valorizado do ponto de vista da biodiversidade. Neste sentido, é preciso pensar alternativas que mudem a realidade econômica da região, como projetos voltados para o turismo rural, que possam gerar trabalho, emprego e renda, utilizando-se do potencial natural do local – o conjunto de monólitos –, atrativos paisagísticos, sem agredir o meio ambiente. Enfim, projetos que possibilitem o desenvolvimento integrado, participativo, compartilhado com a comunidade e da atividade econômica, visando sempre a melhoria de vida da população local.

Em suas reflexões, Silva (2009) destaca ainda o turismo sertanejo como:

[...] uma opção para: diversificar a oferta turística do Brasil; minimizar as desigualdades regionais; valorizar a vida; resgatar a memória histórica-política-cultural da Região Nordeste do Brasil; conviver com o Semi-Árido; fortalecer as relações interestaduais; promover a interiorização e regionalização do turismo responsável; dentre outras possibilidades.” (SILVA, 2009, p. 90).

A despeito da importância para o turismo rural, esse conjunto de vegetação tem sofrido grande intervenção do homem, provocado por desmatamento, queimadas, utilização agrícola e criação de gado. Para agravar o quadro socioambiental, as políticas governamentais tem pouca abrangência, e as benesses dos avanços tecnológicos não chegam ao pequeno agricultor, o que promove grande desvalorização da terra.

2.1.2 História: a Fazenda José de Barros, percursos e desenvolvimento.

Quando a proposta tem por natureza a análise da ocupação do espaço do interior cearense, isto nos remete a um contexto histórico/geográfico do período colonial brasileiro, no qual a atividade da pecuária teve um papel preponderante. Enquanto atividade secundária, tinha a função de fornecer carne, força de tração e transporte para a região produtora de açúcar. A Carta Régia de 1701, instituída pelo rei de Portugal, oficializou a ocupação da parte do interior do Nordeste, pois a partir desta estava proibida a criação de gado até dez léguas, contadas a partir da faixa litorânea. As razões para tal medida estão relacionadas tanto a necessidade de espaço para o plantio da cana de açúcar, em função do aumento das exportações, como do próprio aumento do número de reses que ameaçava a referida cultura.

A criação de gado vai, portanto, deslocar-se para o interior da colônia e seu ápice se dá a partir da primeira metade do século XVIII.

É dentro dessa lógica expansionista que a Capitania do “Siará Grande” foi ocupada, diga-se de passagem, após cem anos do início da colonização. No entanto, é preciso registrar que se essa atividade efetivou a ocupação das terras do Ceará, por outro lado constituiu-se em fator de extermínio quase por completo da cultura indígena existente.

Conforme Girão (1997), a ocupação do sertão cearense se deu com o gado trazido das capitanias vizinhas, principalmente Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, por colonizadores que, requerendo as primeiras sesmarias interioranas, atingiram de início o vale do Jaguaribe. Foi pelos roteiros das boiadas que se abriram novas perspectivas para a verdadeira colonização da Capitania do Ceará, efetuada de forma lenta no ritmo e gemido do carro de boi.

A fazenda passa então a representar a unidade econômica e social, caracterizada pelo extremo patriarcalismo, específico das coletividades pastoris, no qual os laços de parentesco unem todos ao senhor: filhos, moradores, trabalhadores e agregados.

É por meio da fazenda que surge o elemento símbolo da vida sertaneja – o vaqueiro, “[...] a mais legítima configuração do sertanejo. [...] O vaqueiro foi sempre um indivíduo merecedor de respeito, em razão da superioridade que lhe conferia o conhecimento da terra, do gado, dos métodos de criação e a responsabilidade direta das cousas da fazenda” (GIRÃO, 1997, p. 35).

A necessidade de novas terras para a criação extensiva do gado levou exploradores a, utilizando sempre os rios como itinerário, fundarem novas fazendas. Quixadá é o exemplo típico de tal processo, pois segundo Sousa (1997), aventureiros ávidos por terras, após atingirem o rio Sitiá (Queiru na língua indígena) e expulsarem os índios Genipapos e Canindés, construíram uma fazenda e, após longos anos de lutas, enfrentando seca que marcariam de imprevisto bruscas paradas e retrocessos o seu crescimento, transformar-se-ia em cidade. Complementando a ideia acima, o autor relata ainda que:

[...] Quixadá nasceu de uma aventura. Uma casa de taipa e um curral de caiçara à beira de um rio seco, centrando duas léguas de caatinga compradas “pelo preço e quantia certa de duzentos e cinquenta mil réis”. Foi quanto custou ao capitão José de Barros Ferreira, em 1747, todo chão quixadaense. [...] A essas benfeitorias primitivas veio juntar-se depois uma capela, erguida pela crença e pelas esperanças [...] a toda sorte de perigos. [...] Estava assim formado o triângulo rural peculiar da região: casa, curral e capela, como expressões da família, da economia e da religião (SOUSA, 1997, p. 15).

A criação de gado, conforme ainda Sousa, além de fator de ocupação econômica, constituiu em elemento de aproximação e integração, influenciando de forma profunda os

costumes nesta sociedade, “[...] inspirou folguedos folclóricos, divertimento como a equitação, torneios populares como a cavallhada [...]”. (SOUSA, 1997, p. 46). Diz ainda que este tipo de esporte foi por muito tempo, um dos mais admirados entretenimentos coletivos da cidade, onde os:

“[...] rapazes da sociedade local, uniformizados a caráter e montando árdegos cavalos pomposamente ajaezados, disputavam entre si ou em grupos organizados a proeza de retirar, em plena disparada, com a lança que conduziam, pequena argola suspensa em um fio [...]. Conseguida a façanha [...], vinha o herói depositar o troféu às mãos de sua dama, que condecorava com um laço de fita a lança gloriosa. Nesses torneios, mesclava-se o que havia de cavalheiresco nas justas medievais, e de empolgante na destreza, segurança e golpe de vista dos peões sertanejos”. (SOUSA, 1997, p. 47).

As secas do final do século XVIII provocaram a crise da pecuária, reduzindo de forma drástica os rebanhos, fato que tirou do Nordeste a liderança nacional na produção de carne. Outro fator que explica sua crise, foi a dedicação do sertanejo a outra atividade que também marcaria profundamente a economia cearense: a cotonicultura, ou seja, o algodão, produto de grande importância no processo de ocupação e organização econômica do espaço cearense, ficando por isto conhecido por “ouro branco”.

Sua produção, que antes servia como matéria prima destinada à incipiente indústria caseira na confecção de fios para a produção de panos grosseiros e redes de dormir, tradição adquirida dos silvícolas; passaria com o advento da Revolução Industrial a atender o mercado externo. O algodão nordestino vai, portanto, estar condicionado à oscilação do mercado externo, que ora estimula sua produção com períodos de grande investimento, equilíbrio, ora está em crise. Como diz Silva, “[...] na economia sertaneja [...] a lavoura do algodão foi um fator de ação dinamizadora, sendo ainda um elemento fixador da população do sertão, pois o grande fazendeiro criador de gado mantém na propriedade os parceiros que plantam o algodão” (SILVA, 1994, p. 86).

É bom frisar que a lavoura algodoeira não excluiu a atividade pecuarista, mas passaram a coexistir para criarem os alicerces de uma difícil estrutura socioeconômica que se materializa no decorrer do século XIX, dando origem ao binômio gado-algodão. “E assim vive essa planta providencial, em secreta combinação com a terra, com o gado e com o homem, tudo agreste e maltratado, mas tudo integrado no mesmo milagre de vida” (SOUSA, 1997, p. 18).

A crescente necessidade por novas terras, levava a atividade a se desenvolver cada vez mais distante do litoral, buscando áreas do interior em virtude da regularidade das chuvas e da pouca umidade. Não obstante a sua interiorização, haverá de ocorrer, apesar da precariedade das estradas, uma maior aproximação com a capital, visto que Fortaleza torna-se o grande

centro coletor do produto e, conseqüentemente, passa a ser o novo e principal centro econômico e político do estado.

Nesse contexto de inserção de centro decisório do Ceará, a capital torna-se um grande incentivador de atividades urbanas no interior cearense. Assim, a fazenda de José de Barros ganhava projeção, transformando em povoado, ponto obrigatório no trajeto para a capital; e não tardaria para conquistar o *status* de distrito tributário de Quixeramobim.

Nem mesmo nos períodos de perturbações climáticas, que promoviam desequilíbrio na produção dos produtos primários, não constituiu, no dizer de Sousa (1997), fator de impedimento da prosperidade do povoado, pelo contrário, salienta o autor:

[...] as secas e os anos escassos, ao invés de reduzirem o ritmo de crescimento da localidade, concorreram para o incremento de sua população. Levas de adventícios fixavam-se ali, não só por motivo de segurança e subsistência, mas também por faltarem recursos aos mais necessitados para prosseguirem viagem em busca do litoral. Foi, talvez, esta circunstância que originou a antonomásia de “curral da fome”, a qual logo perdeu seu sentido pejorativo (SOUSA, 1997, p. 53).

Quixadá passa a ser espaço escolhido de retirantes e flagelados na busca de esperança de melhores dias, fato que contribuiria na escolha por parte do governo para o desenvolvimento de obras e serviços que minimizassem os efeitos devastadores das secas. Em 1884, tem início a construção do açude de Cedro (foto 2), uma obra que marcaria profundamente a história da cidade, pois possibilitou extraordinário progresso e vitalidade ao local.



Fonte: Lima (2010).

Foto 2 - Açude do Cedro, em destaque a muralha central, construída em 1884.

No decorrer da obra o comércio ganhou maior dinamismo, estradas foram edificadas de forma a ligar o distrito à capital para facilitar o desenvolvimento da obra. Conforme ainda Sousa, a acanhada Vila foi agitada “[...] na sua beatitude por uma chusma de homens diferentes, que pelos modos, hábitos logo denunciavam ser ‘gente de fora’”. (SOUSA, 1997, p. 53). Acompanhando o ritmo do crescimento econômico, a pequena cidade ganhava importância cultural, escolas, associações literárias, bibliotecas, jornais etc. Tudo isso iria contribuir para sua projeção como uma das principais cidades do sertão central cearense. Conforme o mesmo autor, “veio o açude do Cedro, trazendo um destino maior de beleza e padrão que de utilidade, e eficiência. Contudo, tem sido para Quixadá o que o Nilo é para o Egito”. (SOUSA, 1997, p. 17).

Em fins do século XIX, mais precisamente no ano de 1891, e, mais uma vez, em função da seca, a rede ferroviária era ampliada como forma de proporcionar frente de serviço aos flagelados atingidos pela calamidade. Se a seca atingia impiedosamente os sertanejos, as obras por ela decorrentes contribuía para impulsionar e desenvolver cada vez mais a antiga Fazenda, agora cidade de Quixadá. Assim, no dizer de Costa:

[...] o apito do trem despertava, para uma nova era de progresso, a cidade fundada por José de Barros Ferreira. [...] O apito da “Maria Fumaça” despertou os que ainda não acreditavam no crescimento de Quixadá. O grito do engenho de ferro, que ecoou por entre os serrotes que nos pastoram, anunciava a ligação sonhada entre Capital e o Sertão. [...] Transformada em ponto de linha da RVC, convergia passageiros e cargas de todo alto sertão. Era Quixadá no trono do progresso, ditando a propagação da nova era, mas acolhendo, com amor, todos que chegavam, em busca de ajuda, para viver e crescer também (COSTA, 2002, p. 59-60).

É bom registrar que a ampliação da linha férrea veio dar novo dinamismo às obras do açude do Cedro, a antiga e lenta engenhoca de ferro – a “**Marchambomba**”⁴, que fazia o transporte de material de construção era agora substituída pelo trem.

Quixadá segue o curso de seu desenvolvimento, marcada por grandes dificuldades, como é peculiar nas cidades do interior do Ceará. No entanto, o início do século XX foi próspero para o município. No campo da educação, a cidade acompanhava surpreendida a fundação, no topo da serra do Estêvão, do Ginásio São José, pelos monges beneditinos que, embora de curta duração, foi de grande importância para o município, tema que será melhor abordado no quarto capítulo “A produção do espaço sagrado em Quixadá”.

Novas obras e investimentos marcaram a evolução histórica da antiga fazenda de José de Barros, neste processo destaca-se a recente instalação de uma usina de biodiesel pelo

⁴ Segundo Costa (2002), no período da construção do açude do Cedro, a grande dificuldade era vencer os 97 quilômetros que separavam a obra da última estação da linha de ferro do Ceará, então o percurso era feito por uma carreta com rodas de ferro, movida a vapor, denominada “MARCHAMBOMBA”. (Grifo do autor).

Governo Federal. Com base nas informações de Manoel Neto (2007), a capacidade de produção será de 57 milhões de litros/ano e terá como principais insumos para produção de biodiesel os óleos vegetais (mamona, algodão, soja e girassol) e/ou gordura animal. A usina fica localizada no distrito de Juatama, devendo proporcionar a criação de 60 empregos diretos. Outro aspecto importante, diz Neto, são as negociações entre a Petrobras e as organizações nacionais e locais que representam a agricultura familiar, no sentido de obter o Selo Combustível Social. A inclusão social da agricultura familiar representará algo em torno de 25 mil produtores.

Com certeza é uma nova atividade que vem proporcionando uma alteração significativa no espaço ora analisado. Como não é propósito desta pesquisa aprofundar as questões que envolvem os aspectos do processo de industrialização no município, fica aberta a possibilidade para estudos futuros.

Em meio a toda essa profusão de civilização e cultura, pela qual passou a “Fazenda José de Barros”, é possível perceber ainda preservada a cultura sertaneja? Na era do capitalismo global, da homogeneização cultural e dos grandes avanços tecnológicos, que impactos socioculturais foram vivenciados na “Terra da Galinha Choca”? Em contraposição a esta estrutura contemporânea é possível perceber algum movimento de valorização da cultura local? Os questionamentos levantados deverão nos auxiliar na reflexão sobre o objeto de pesquisa e servir como elemento orientador para a dissertação.

2.1.3. A dinâmica comercial local.

Se a agropecuária não consegue superar o atraso econômico nem garantir condições adequadas para a grande maioria dos municípios cearenses, estes vão buscar alternativas que possibilitem minimizar os efeitos negativos da desigualdade social. Neste caso, investimentos locais são direcionados aos setores de comércio e de serviços.

Segundo dados apresentados pela prefeitura, em Quixadá, aproximadamente 59% da população ocupada (no qual 51% são trabalhadores autônomos, do chamado setor informal) trabalham em torno do comércio e do subsetor de serviços. Concentrado no centro, a cidade recebe semanalmente (principalmente nas sextas-feiras), para as compras, centenas de trabalhadores rurais e moradores de municípios circunvizinhos: Choró, Banabuiú, Ibicuitinga, Ibaretama etc. (QUIXADÁ, 2009). Este intenso fluxo intermunicipal acaba também por contribuir com o aumento de visitantes da região.

A vida econômica gira em torno do Centro, onde o lugar tem uma afirmação maior. Nele encontra-se a administração municipal, o comércio e as atividades de serviço, contando

também com hospitais, escolas, igrejas etc. É ainda o “[...] local das trocas materiais e simbólicas, lugar de encontro, reuniões e de simultaneidade. [...] Sintetiza o local e o regional. Nele ocorre o estranhamento e a identificação” (PEREIRA, 1999). Para lá fluem as pessoas dos bairros, distritos e até de municípios vizinhos. Seja para compras ou simplesmente para o bom e tradicional encontro na praça, onde se “joga conversa fora”. É também local de grandes festividades, “*Réveillon* Popular” e do “Carnaval da Feliz Cidade”, entre outros momentos de euforia e descontração que unem, na praça principal José de Barros, a grande família quixadaense que se soma aos visitantes atraídos pela hospitalidade do povo e pelas belezas naturais de Quixadá.

Quixadá apresenta uma peculiaridade nas suas relações pessoais e comerciais, caracterizada, em grande parte, por uma estrutura tradicional, marcada pela relação da compra em dinheiro “vivo”. O cotidiano vivenciado pelo quixadaense com suas tradicionais relações comerciais, onde sacas de cereais (milho, feijão, arroz, farinha etc.), a foto 3 deixa isso evidente, são colocadas na porta do comércio, ou ainda barracas móveis são armadas no centro, proporcionando uma dinâmica bem típica do comércio na “Terra da Galinha Choca”.



Fonte: Lima (2011).

Foto 3 - Aspecto do Centro comercial de Quixadá.

Segundo Pereira (2010) o comércio de Quixadá vivencia uma dinâmica marcada pela tradição onde:

[...] as sacas de feijão expostas na praça, à espera de compradores que veem suas encomendas sendo embaladas no instante da compra; e os vendedores ambulantes de hortaliças e frutas que seguram os saquinhos e abordam os transeuntes do centro. A feira livre de frutas, legumes e demais vegetais, organizada diariamente na travessa Chagas Holanda, próxima ao Mercado da Carne, também se enquadra numa dinâmica anterior aos padrões contemporâneos de comercialização. A abordagem é familiar,

sem códigos modernos de negociação, sendo o dinheiro em espécie a única forma de aquisição das mercadorias. Nesta mesma dinâmica, destaca-se a pequena feira livre de mercadorias diversas realizada na rua Eldásio Barroso, próxima a agência da Caixa Econômica Federal. Produtos manufaturados locais, nacionais e internacionais, geralmente de baixa qualidade, são negociados principalmente para os visitantes do centro (PEREIRA, 1999).

Completando a dinâmica da vida comercial de Quixadá, é possível perceber costumes antigos em suas relações cotidianas, como o uso do velho **pau de arara**⁵, visto em detalhes na foto 4, constituindo ainda em um dos principais meio de transporte da região.



Fonte: Lima (2010).

Foto 4 - "Pau de arara" transporte popular.

Um tipo de transporte que, por não oferecer as mínimas condições de segurança e conforto, foi proibido de circular pela legislação brasileira de trânsito, no entanto, é o meio de transporte que aparece como alternativa simples, não só em situações excepcionais, como nas romarias do interior do Nordeste, mas, em Quixadá, é comum vê-lo circulando no centro transportando pessoas e mercadorias, nas difíceis estradas locais. Por meio dele se estabelece as ligações entre bairros, distritos e até mesmo municípios vizinhos. Em decorrência da fiscalização do órgão de trânsito cearense (DETRAN-CE), sua circulação vem sendo limitada. Conforme nos disse um dos motoristas, a fiscalização vem restringindo seu uso, “hoje só podemos transportar pessoas e mercadorias apenas entre os distritos de Quixadá, embora tem

⁵ Pau de arara: vara utilizada para o transporte de aves (galinhas, papagaios, araras etc.). Pela quantidade, precariedade, algazarra, similar à dos pássaros e as tábuas paralelas que servem de assento, o termo migrou para nomear o meio de transporte coletivo muito usado no Nordeste. Adaptado de: wikipedia.org/cearamoleque.com/dicionario. Acesso em 23 ago. 2011.

muito motorista que se arrisca e continua fazendo a viagem pelos municípios também, você pode ver [apontando para os caminhões parados na praça] muitos são de outros municípios”.

Em decorrência da grande dificuldade enfrentada pelo homem do sertão, ele busca por alternativa barata e viável que possibilite minimizar seus problemas. Além do “pau de arara”, outro transporte muito usado no município é a velha e tradicional **carroça** puxada a burro, como pode ser observada na foto 5, utilizada para fazer circular internamente mercadorias, pessoas e até o abastecimento de água.



Fonte: Lima (2011).

Foto 5 - Carroça usada para deslocamento de mercadoria e abastecimento de água.

Outro exemplo, que poderia beneficiar o turismo na região, como em outras cidades que readaptaram ou mantiveram antigos meios de transportes como forma de incentivar o turístico, em Quixadá poderia seguir neste caminho, reativando os antigos bondinhos em trilhos puxados a burros, usados no início do século vinte, quando os visitantes que chegavam de outras localidades de trem os utilizavam para visitar o principal atrativo turístico da cidade – o açude do Cedro e a pedra da Galinha Choca. Isso foi possível, segundo Costa (2002), quando:

[...] a Inspetoria de Obras Contra a Secas (IFOCS), em 1913, resolveu dotar Quixadá de transporte que facilitasse o deslocamento das pessoas entre Cedro/Quixadá/Cedro. [...] Os bondes possuíam [...] dois estribos laterais para facilitar a subida dos passageiros, mas, também, eram utilizados pelos “bochecheiros”, isto é, aqueles [em sua maioria meninos] que subiam, mas não queriam pagar a passagem que custava cem réis. [...] O bondinho fazia três viagens por dia. Cedinho partia do Cedro até a estação ferroviária. Voltava ao meio dia novamente partindo da barragem a fim de esperar o cruzamento dos trens de passageiros, um que vinha do Crato e outro de Fortaleza. À tardinha repetia o trajeto, já chegando a garagem ao anoitecer. (COSTA, 2002, p. 79-80).

3 IMAGINÁRIO, ESPAÇO E PODER.

“O Sertão está em toda a parte”. (Guimarães Rosa, 2001).

3.1 Aspectos da cultura sertaneja.

Entender o cenário sertanejo e toda a sua complexidade não tem sido tarefa fácil. Neste sentido, procura-se, nas reflexões de Brandão (2006), entender o “espírito do sertão”. O pesquisador que refez após 37 anos os passos de Guimarães Rosa, mostra em “Dossiê Guimarães Rosa”, que o cenário do sertão mudou, principalmente nos dias de hoje, “[...] tão mexido, tão mudado, tão vazio de ser sertão, e, para conhecê-lo é preciso conviver com o sertanejo e habitar seu mundo, pois como os cenários mudam e, geralmente mudam para pior, o coração da gente sertaneja permanece o mesmo”. (BRANDÃO, 2006).

O território brasileiro é assinalado por uma complexidade quanto às suas paisagens geográficas. No entanto, “[...] em cada região se nota que um elemento se sobressai, levando o homem prático que moureja na terra a citá-lo, sempre que quer distinguir as várias áreas que compõe o mosaico regional”. (ANDRADE, 1986, p.24). Essa diversidade geográfica acaba por influenciar a estrutura sociocultural caracterizada por uma diversidade; neste caso, são as diversas forças sociais que no processo de aculturação vão criando e recriando os espaços. Essa pluralidade geográfica/cultural apresenta-se como nosso maior patrimônio, a partir do momento que potencializa os espaços com as várias manifestações dos saberes culturais, convertendo-se, deste modo, no combustível para estudo da Geografia Cultural.

A partir desta perspectiva, em que a cultura e espaço permitem um recorte socioterritorial, nosso objeto de estudo é reforçado com base as relações homem/sertão. A cultura analisada sob o ponto de vista da Geografia Cultural, conforme estudo desenvolvido por Corrêa, tem sentido político, passando a ser:

[...] vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada. [...] Sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, este conjunto, entretanto, é entendido como sendo parte do cotidiano e cunhado no seio das relações sociais de uma sociedade de classe. (CORRÊA, 2007, p. 13).

Conforme ainda o mesmo autor, existem inúmeros caminhos a serem percorridos pelos geógrafos, com o objetivo de colaborar “para dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre” (CORRÊA, 2007, p. 13). Nestes caminhos, conclui o autor, devem ser considerados todos os aspectos, os objetos e ações que envolvem a cultura, no presente ou no passado, assim como em todos os níveis global, regional e local.

Para o presente estudo, o caminho a percorrer tem como parâmetro a importância e o significado do lugar tomando como referência agora o patrimônio cultural imaterial em que se priorizam os objetos não palpáveis, ou seja, as ideias, saberes e técnicas que também se tornam referências na construção da identidade da comunidade em determinado espaço.

A paisagem, em sua dimensão humana, leva em consideração os elementos subjetivos e as sensibilidades sociais. Enriquecendo o debate, Gosgrove diz:

[...] I open with a discussion of landscape's conceptual role in articulating a response to the characteristically modern question of 'community' in its special expression, and seek to show how this constituted the original synthesis of the territorial and the pictorial. I then examine ways that landscape's moral authority, articulated through landscape representations, has been extended spatially to territorializing the imagined community of the nation state. (GOSGROVE, 2004 p. 6-7).

Como referência destacam-se dois importantes movimentos que expressam a cultura quixadaense em sua dimensão imaterial e pelo caráter peculiar que tem proporcionado ao lugar significado e identidade dentro de um ideário regional. O primeiro é o encontro dos profetas da chuva, que este ano encontra-se em sua XVI edição, representando o saber popular na sua íntima relação com a natureza. O outro, a vida e obra daquele que, na visão de Behr (2007), foi o maior representante nordestino, destacando-se como um dos principais cordelistas brasileiro, Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo). Movimentos que integram uma parte da espacialidade da alma sertaneja, configurando estratégia de preservação da cultura popular, que se materializa nas formas e expressões, tornando-se referência para pessoas e comunidades.

3.1.1 Os profetas da chuva: o saber popular.

Analisar as relações socioculturais dentro da perspectiva do saber popular, enquanto componente de produção do espaço, constituirá a proposta predominante desta parte do trabalho. Um tema que personaliza a cultura sertaneja, constituindo assim em mais um componente da diversidade cultural que caracteriza o espaço brasileiro em toda a sua dimensão, tendo provocado por isto grande interesse de pesquisadores ligados aos mais diversos campos, e em especial a Geografia Cultural.

Sua maior importância reside no fato de apresentar em nossa visão, um contraponto à cultura global homogeneizante, baseada na crença cartesiana de que o único acesso à “verdade” e à cultura se dá pela via da aquisição dos saberes científicos e tecnológicos.

Neste item abordamos o saber popular, fenômeno que representa uma fatia da manifestação da cultura sertaneja e que tem sido, ao longo destes últimos dez anos, objeto de

estudo de pesquisadores que buscam aprofundar a pesquisa sobre o cotidiano sertanejo. Na reportagem de Figueiredo (2006), cujo texto traz como título “A voz dos profetas do sertão”, a autora deixa transparecer o valor que tem a cultura popular, devendo constar de qualquer tratado científico; no entanto, argumenta a autora:

[...] são rechaçados pela vivência, ou até, ridicularizados. Um exemplo, é a literatura de cordel. Mas vou, além disso: há a cultura dos repentistas, emboladores, das parteiras, rezadeiras, dos pequenos agricultores rurais, que são frequentemente considerados cultura de segunda ou são tratados com frieza. Pois, esse conhecimento faz sentido, tem essência, fundamento. (FIGUEIREDO, 2006).

Entre os pesquisadores desta linha que veem, por exemplo, o movimento dos profetas da chuva como cultura com significado, fundamento, e que por isto, deve ser tratado com o respeito proporcionado pelo tema, apontam-se os trabalhos das psicólogas e professoras Fernanda Bruno, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Karla Martins, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR); esta última, responsável pela organização do livro “Profetas da chuva”. As pesquisadoras resumem o encontro dos profetas da chuva como parte de um movimento de resistência que se distingue da tendência do mundo moderno. Para elas, os profetas da natureza, como preferem chamá-los, “caminham numa direção oposta ao regime contemporâneo; seguem num corpo a corpo com o mundo, leem os signos discretos da vida sertaneja e entreveem o que não se vê imediatamente, um diálogo que remete à dimensão invisível da visão e à dimensão política da palavra”. (BRUNO, 2010, p. 01).

O mundo da mercadoria procura cooptar outras formas de saber, e eleger um padrão de referência cultural, obscurecendo a cultura popular. Neste conjunto estão a literatura de cordel, tema que será tratado no item seguinte, os repentistas, emboladores, rezadeiras etc. Um conhecimento secular, herança do conhecimento antigo passado de geração para geração, resultado do saber indígena e influência da religiosidade popular, que formaram o movimento de resistência à imposição da cultura dita erudita do ocidente “civilizado”. Assim, são capazes de criar e recriar uma cultura que se distingue pela sua forma particular de ver e fazer a leitura dos acontecimentos, “para não se tornar ausente; retira para se reencontrar, para se fazer presente, para buscar ‘ser’ no mundo” (OLIVEIRA, 1998, p. 201).

Como se não bastasse toda essa adversidade imposta pela economia globalizada, que se mostra, em diversos casos, de odiosas operações de limpeza ética, que restringe a livre circulação de pessoas entre os países desenvolvidos e que ver os movimentos populares como cultura inferior, ainda tem de conviver com os equívocos, omissões e descaso do Estado, quanto ao desenvolvimento de políticas públicas adequadas. É preciso, então, ampliar os estudos no sentido de resgatar e valorizar, assim como exigir do poder público em todas as

suas esferas, políticas adequadas que preservem, protejam e incentivem a cultura popular, sem colocar em risco a autonomia e liberdade dos grupos e comunidades que por meio de seu potencial criador divulgam e promovem suas tradições culturais.

O sertão apresenta uma cultura singular que o distingue como espaço “[...] síntese do diverso histórico, geográfico, simbólico, natural e cultural, é realidade e metáfora – expressão incontestada de brasilidade espalhada no território nacional”. (SCHIAVO, 2007, p. 43).

Em Quixadá, esse diverso histórico se expressa no movimento dos profetas da chuva, pelo que representa em termos de reconhecimento e identificação com o sertão. Neste momento, fazem suas previsões sobre o que mais interessa ao homem do sertão: o “inverno”, ou seja, a quadra chuvosa, um tema que se justifica pela sua projeção social e cultural. Os profetas são figuras do povo, sua vivência e relação com a terra os habilita a fazer prognósticos sobre o tempo. Pela relação dos entrevistados, que conta no livro “Os Profetas da Chuva”, fica visível se constatar que realmente são homens do povo: Antônio Anastácio (Paroara), Francisco Leite (Chico Leite), Francisco Mariano (Chico Mariano), Francisco dos Santos (Chico Leiteiro), José Felipe dos Santos (Jacaré), Joaquim Ferreira Santiago (Joaquim Muqueca) entre outros. Pelos seus relatos, fica evidenciado que seus saberes são fruto da experiência adquirida dos seus antepassados, em que seguem:

[...] rigorosos critérios de observação da natureza, sistematicamente reforçados nas experiências e leituras dos sinais relativos, por exemplo, à posição dos planetas, ao vento, ao acasalamento dos bichos, à barra desenhada no céu durante o Natal etc. As profecias que antecipam os ditos da natureza se diferenciam de uma tradição profética inspirada no messianismo e na ideia de um paraíso terrestre, pautado pelo imaginário do milagre. A imprevisibilidade, excluída da dimensão do milagre, e a incerteza do futuro são o céu e o chão de onde partem as profecias relativas ao tempo climático. (MARTINS, 2006, p. 14).

O evento é único no mundo, os profetas tomam por base a natureza e, de forma minuciosa e atenta, fazem sua leitura a partir do sinal do céu, ou das matas e dos bichos, para saber se o “inverno”, ou seja, se as chuvas, tão esperadas para a quadra de fevereiro a maio, virão fertilizar a terra dos pequenos agricultores. Uma experiência que foge dos parâmetros científicos e tecnológicos que regem o mundo de hoje e que, por isto, a transforma numa grande atração cultural.

Pela dimensão, significado e importância que vem tomando, seus organizadores resolveram enriquecê-lo com o festival Encanta Quixadá, momento que antecede o encontro dos profetas, constituindo numa iniciativa que exalta a arte popular. Um período marcado pela reunião de tocadores de viola, duplas de repentistas, que numa espécie de abertura do evento,

apresenta o que o sertão tem de mais rico em termos de sabedoria e cultura popular, uma riqueza que vem atraindo estudantes, jornalistas e pesquisadores dos mais diversos campos.

Carvalho (2007), em reportagem na revista *Raiz*, lembra nos que os profetas da chuva fazem parte de uma tradição agrária das mais antigas da civilização humana. Suas experiências vêm de muito tempo, de quando a vida dependia exclusivamente da agricultura e as condições climáticas eram fundamentais à sobrevivência da comunidade.

A vida do nordestino, em tempo “normal”, se desenvolve com grande dificuldade e se agrava mais ainda nos períodos de seca. Por isso, são levados a desenvolverem técnicas de forma harmoniosa com a natureza, de modo a produzir o que necessitam. As experiências são passadas de pai para filho, de geração a geração, sempre buscando um convívio afetivo com a natureza, de modo que as gerações futuras possam estar preparadas para enfrentar todas as adversidades da vida no sertão. Para comprovar o fato, toma-se como parâmetro a reportagem de Faheina, que, ao cobrir o evento em 2008, destacou como grande novidade a presença de vários novos profetas, que acompanhavam seus pais e avós como aprendizes e futuros profetas populares. Para ficar com apenas um exemplo, historiaremos sua entrevista com Chico Mariano, que se destaca como um dos mais antigos profetas populares de Quixadá e que na ocasião apresentou seu sucessor: André Luis Rabelo Lopes, 18. “Nós vamos ter ‘inverno’. Este mês (janeiro) com pouca chuva, mas vai chover em março e abril. Dá pra criar legumes. Não é muita água, mas dá pra plantar e pra aumentar a água do Cedro (o açude)”. André se diz orgulhoso de ter sido escolhido como sucessor de Mariano, “que é um homem culto”.

Outro ponto que se desvenda no estudo de quem procura conhecer a alma sertaneja é a relação de dependência e, conseqüentemente, a de afetividade que se cria e se desenvolve entre os agricultores/profetas e a terra – o sertão. E não podia ser diferente, pois sendo sertanejos, entendem como vivenciam todos os desafios e dificuldade face às grandes perdas e dores que se apresentam com grande intensidade nos períodos de estiagem – a seca. A terra se transforma em um cenário de desencanto e morte. Numa tentativa de evitar o mais trágico, o profeta recorre, segundo Costa (2007), “ao que lhe resta para lutar: a palavra, sob forma de profecia”. Mas a força da natureza torna as ações humanas diminutas. É contra isso, conclui o autor, “que os profetas buscam construir uma posição de atividade: as profecias-ato de dizer que pode sustentar a vida” (COSTA, 2007). Com o seu jeito e dom adquirido, segundo eles mesmos, de Deus, os profetas transformam-se nas pessoas mais importantes, principalmente para o pequeno agricultor que depende quase que exclusivamente da terra, embora hoje

alguns contam com algum tipo de benefício governamental, ainda jogam todas as suas expectativas por um prognóstico positivo.

Essa relação homem/natureza/roça fica evidente, por exemplo, nos vários depoimentos prestados pelos profetas. Entre os relatos colhidos por Martins (2006, p. 28), o profeta Antônio Lima deixa bem claro quando diz: “[...] tudo que vai nela, na terra, é belo, [...] é doce, é veneno, é o remédio, é tudo na vida, tudo é na terra, não vem de outro canto não, pertence à terra”.. A terra que é preparada pelo pequeno agricultor só receberá as sementes após escutar atentamente os prognósticos daqueles que, recorrendo ao conhecimento empírico e observação da natureza sobre a previsão do tempo, indicam o melhor período de plantar. Neste sentido, os profetas, quando desenvolvem suas técnicas, não têm por objetivo o controle da natureza, tornam-se, segundo Bezerra Júnior, os porta-vozes da natureza e,

[...] oferece aos seus pares mais que uma previsão para o próximo inverno. Eles lhes oferece uma visão de mundo e uma apreciação sobre a vida. Num contexto pleno de adversidades, ele recusa a impossibilidade, a impotência e ressentimento. [...] Por meio de sua percepção, a prosa do mundo se torna legível, e a esperança possível. (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 130).

Conhecedores dos problemas de sua região, os profetas sabem que a chuva é algo indispensável à vida do sertão e do sertanejo, tudo gira em torno dela. A chuva significa alegria, fartura; a falta significa tristeza, miséria. Assim, entender o contexto significa ser solidário ao problema de todos, neste caso, para o profeta, melhor que fazer previsões corretas é ser ambíguo, omissos, sem nunca perder a esperança, fé e coragem para continuar plantando. É isto que diferencia suas previsões das probabilidades meteorológicas científicas da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), que, com sua objetividade e frieza, não consegue se fazer entender pelo homem/agricultor. Chuva e seca, duas expressões que representam a felicidade/infelicidade, a saúde/doença ou, usando da expressão bíblica, o paraíso/inferno. Se o sertão é coberto pela chuva, ele permanece na terra, se não, em muitos casos, têm que abandoná-la. Para Chico Mariano, traduzir esta realidade climática habitual não é difícil:

[...] a seca significa que ela traz calamidade, traz sofrimento para o cristão, mais para os outros, porque com a seca o sujeito vai beber água ruim, não tem renovação d’água, vai sofrer com a viagem de outro canto, ser transportado do estado. Então essa seca se torna um grande prejuízo pra quem sofre ela. [...] E a chuva traz tudo, com poucos dia tem tudo ali, no seu terreiro. A primeira água você tem logo na biqueira, sai fora, bota o caneco e já bebe água boa, tá chovendo, uma beleza, né?! (MARTINS, 2006, p. 58).

Diante do impasse que antecede o “inverno” (quadra chuvosa) e face à possibilidade de grandes estragos resultantes da seca, os profetas lançam mão de uma simbolização pela via

da palavra e depositam toda sua fé e esperança na vontade soberana de Deus. Qualquer outro caminho é perda de tempo “[...] esse negócio de fazer promessa em Canindé, Juazeiro, é tudo ilusão, é a perdição do povo, sem a ajuda de Deus ninguém faz nada”. (MARTINS, 2006, p. 31).

De um modo geral, todos são enfáticos quanto a suas previsões e confirmam o conhecimento que lhes foi conferido pelo poder de Deus, que se encontra acima deles e é, portanto, a vontade DELE que deve prevalecer.

O movimento dos profetas da chuva é a expressão maior da relação que se processa entre o homem e a natureza, cujo objetivo seria encontrar a melhor forma de habitar o lugar. Nesta integração com a natureza, os profetas apresentam-se como observadores atentos, procurando entendê-la sem a pretensão de dominá-la e encontrando, a partir das agruras da vida do sertão, alternativas para fazer frente a elas.

Reforçando esta ideia, Rios (2006) apresenta fortes argumentos que confirmam esta ligação íntima e recíproca do homem com a natureza. Em parte do texto isto fica bem claro, quando assim se expressou:

[...] a ciência desses homens se alimenta da tradição, da experiência que aproxima natureza e cultura, homens e bichos. Não se trata de conhecer para ter o controle e colocar o mundo natural a serviço do homem, mas de travar um diálogo intersubjetivo entre natureza e o humano. [...] Ele faz parte da natureza que lhe fala. [...] Os profetas da chuva e todos os outros agricultores que, de certo modo, se irmanam com a natureza, sugerem reflexões para além da tradição das previsões do tempo. Colocamos em face de uma complexa articulação entre natureza e cultura, técnica e meio ambiente. (RIOS, 2006, p. 139).

O fenômeno assinalado pela leitura dos componentes naturais, descrito pelos profetas da chuva, reforça a ideia de que, sendo legítimos conhecedores dos problemas pertinentes a sua região, o fazem com propriedade de quem nela habita, vive e dela tira seu sustento. Nesta observação desenvolvem um diálogo com os elementos mais puros e sagrados que compõem a natureza, entre os quais citam o vento, as nuvens, os astros (sol, lua, estrelas e planetas), insetos (cupim, formiga, caranguejeira, borboleta), pássaros e plantas (*flamboyant*, mandacaru, juazeiro, feijão selvagem conhecido pelos sertanejos como feijão brabo), entre outros.

O observador atento às demonstrações dos profetas tem a nítida convicção de que eles representam uma forte expressão do saber sertanejo, e numa prova de que integram parte da cultura popular procuram encerrar suas previsões com uma apresentação bem humorada, então declamam uma poesia, um causo e até mesmo uma piada, mas a ideia é retratar o cotidiano da vida do sertão. Enfim, uma expressão da territorialidade.

3.1.2 Cego Aderaldo: o grande poeta popular do Sertão Central.

A cultura do Sertão Central só encontra sentido quando relacionada à literatura popular. Neste sentido, vamos encontrar no personagem Aderaldo Ferreira de Araujo, ou simplesmente Cego Aderaldo, como ficaria conhecido (pois segundo a escritora Raquel de Queiroz, na apresentação do livro “Eu sou o Cego Aderaldo”, diz que é assim que ele se reconhece e se fez conhecido e amado pelo povo), o maior representante da literatura de cordel que o Sertão Central conheceu.

O livro “Eu sou o Cego Aderaldo”, cuja coordenação coube ao escritor e jornalista Eduardo Campos, a quem o autor diz merecer tanto quanto ele os créditos da obra, constituiu a principal base da presente pesquisa. O livro, registro de vida, poesias, desafios, versos etc. representam uma lição de superação do homem pobre do sertão frente às dificuldades e sofrimentos impostos pela sociedade capitalista; Aderaldo teve ainda que superar três grandes tragédias que marcariam profundamente sua vida: a morte do pai, a perda da visão e morte da pessoa a quem mais amava – sua mãe.

A perda da visão foi o segundo episódio trágico de sua história, ocorrido logo após o falecimento de seu pai, que segundo Aderaldo (1994, p. 15) ocorreu no dia 10 de março de 1896, quando tinha 18 anos, uma “[...] morte macia. Veio chegando devagarinho até levar o melhor alfaiate e o melhor pai que conheci”.

O grande poeta popular nasceu no Crato, cidade da região do Cariri, sul do estado do Ceará, no dia 24 de junho de 1878. Alguns meses após o seu nascimento, a família teve que imigrar em consequência da seca, para fixar residência na cidade de Quixadá, na busca de melhores condições de vida, quando o Ceará, e grande parte do povo sertanejo, sofria as consequências da grande seca de 1877.

A família de Aderaldo escolheu Quixadá, impulsionada pela possibilidade de trabalho, pois o governo imperial envidava esforços no sentido de minimizar os efeitos devastadores de tão grande estiagem, com projetos que previam a construção do açude do Cedro. Era o início de uma política de combate à seca, que infelizmente não teve continuidade com a implantação da república.

Cego Aderaldo veio a falecer em Fortaleza, no dia 29 de junho de 1967, aos 89 anos de idade. Apesar de nunca ter se casado, “[...] Aderaldo criou 26 crianças pobres. [...] Ensinou a arte de tocar [...] fez uma pequena orquestra, que se apresentava nas preliminares de suas cantorias”. (COSTA, 2008, p. 34).

Pelos relatos tratados no livro, observa-se que a perda da visão vez o jovem de 18 anos de idade mudar radicalmente sua trajetória profissional. Agora sem condições de trabalhar na

metalurgia, viu-se forçado a buscar alternativas para sua sobrevivência. É a partir deste fato que enveredaria no campo da poesia. Assim, diante do sofrimento, angústia e inquietação, e como quem, sem encontrar explicações, apela ao poder de Deus, para fazê-lo entender como um simples ato de beber água teria causado tamanho estrago na vida de um pobre homem. Assim descreve,

[...] como é que se conta a história de um moço que ficou cego porque tomou um copo d'água? Que mal pode fazer um copo d'água? Por que eu haveria de cegar por isso apenas? Eu havia pedido água para beber na casa defronte á nossa: – Dona, me de água... Quando devolvia o copo com um ‘muito obrigado’, senti aquela dor horrível, um arrocho querendo sair da minha cabeça. Meus olhos ficaram logo turvos. Apertavam-se, doíam, como se estivessem cheios de espinhos de cacto. – Meu Deus! Foi o que pude dizer. Até aí, ainda enxergava. Eu podia ver o mundo, as coisas. Sabia o que era uma manhã de sol, um dia de chuva, o chegar da noite... Mas depois disso, aí meu Deus! Meus olhos se fecharam para sempre. (ADERALDO, 1994, p. 15-16).

Costa (2008), apresenta a versão de uma hemorragia, consequência de um momento exaustivo de trabalho. No momento que alimentava uma caldeira de lenha da fábrica do Sr. Daniel de Moura, sentiu sede e, ao beber água na casa de frente, foi acometido por um grande impacto na cabeça, os olhos estouraram sob pressão de uma grande hemorragia. A partir de então, continua o autor,

[...] cego, arrimo de família, impossibilitado de trabalhar, recebeu de uma vizinha o presente de um cavaquinho. Mesmo sem saber manusear o instrumento, Aderaldo saiu pelo sertão e, como milagre, passou a tocar e fazer poesia, sem nunca antes ter feito sequer um verso. Recebia como pagamento de suas apresentações gêneros alimentícios, para sustento de sua mãe. (COSTA, 2008, p. 33).

Para Aderaldo, o dom poético teria sido obra divina, talvez uma forma de compensar o triste episódio. Assim conta-nos que enquanto dormia, veio a sua mente um poema que ficou gravado e, após acordar, se questionava: “como pudera decorar fixar na mente a aquela estrofe? Imaginei então que, naquela estrofe, estava à mão poderosa de Deus, a dizer-me que meu destino era cantar”. (ADERALDO, 1994, p. 16-17).

Este primeiro poema faz parte do acervo histórico do Museu de Quixadá, na sala dedicada ao poeta popular. A funcionária que acompanha os visitantes faz questão em relatar o fato e, segundo sua versão: “Aderaldo ficou cego ao final de uma pelada [jogo de futebol] com os amigos, pediu água na casa que fica de frente ao campo, foi aí que ocorreu o triste episódio. Sua exposição termina solicitando que um dos presentes leia em voz alta o poema que provocou toda reviravolta na vida de Aderaldo Ferreira de Araújo: “Oh! Santo de Canindé!/Que Deus te deu cinco chagas,/Fazei com que este povo/Para mim faça as pagas;/Uma sucedendo ás outras/Como o mar soltado vagas!”.

Assim seguiria a nova carreira, e por parte da mãe não faltou incentivo, ao filho dizia: “canta filho... Um dia o pessoal te compreenderá!” (ADERALDO, 1994, p.17). Era o sentimento de quem antecipava a história daquele que seria “o maior jogral que o Nordeste já teve”. Um poeta que com suas “rimas, ritmo e agilidade, apresentou um saber que se cristaliza e se torna monumento feito de palavras e sons”. (FEITOSA, 2000).

A maior tragédia para o então jovem poeta foi a morte da mãe, e que dia “terrível!” Sentiu, pois já não podia ver, que sua mãe estava morrendo, outra grande privação para quem mal iniciara a nova carreira. Como não se bastasse a tristeza que o fato provocou, se viu sem recursos para providenciar o sepultamento, assim foi obrigado a romper o silêncio que o momento exigia. Afinal como conseguir os recursos necessários para o velório de sua genitora? Um amigo disse-lhe saber como obter o dinheiro; não teve tempo para pensar, deixou a mãe deitada no chão, sobre uma esteira velha aos cuidados de uma vizinha, e saiu à busca de uma gente rica que poderia ajudá-lo. Chegando ao local, percebeu que não seria nada fácil, pois se tratava de gente pouco amistosa. E entre os vários infortúnios e provações que teve de enfrentar, a ajuda financeira de que tanto necessitava só lhe seria dado se Aderaldo cantasse. E como ele mesmo conta, não teve alternativa, temperou a garganta, engoliu a seco a dor e cantou:

Oh! Meu Deus do alto céu/Lá da celeste cidade,/Ouça-me cantar à força/Devido à necessidade,/Aqui chorando e cantando/E mamãe na eternidade.../perdoe, minha Mãe querida,/Não é por minha vontade:/São os torturas da vida/Quem vêm com tanta maldade,/ Chorei meus sentimentos/De vê-la na Eternidade!. (ADERALDO, 1994, p. 20).

Sem que quisesse mais ouvir um cego chorar, pois estavam ali para se divertir, deram-lhe vinte mil réis, dinheiro com o qual pôde providenciar mais dignamente o velório para a mãe.

Após o triste acontecimento, Aderaldo saiu sem destino, como se procurasse algo ou um lugar que lhe amenizasse aquele terrível sofrimento. O destino mais uma vez o forçava a buscar na poesia uma forma de apaziguar o “coração” angustiado e sofrido. Entre as primeiras grandes composições destaca-se “As três lágrimas”, a quem dedicou a sua mãe. Uma poesia que retrata a vida marcada por dor e sofrimento:

[...] eu ainda era pequeno/mas me lembro bem/de ver minha pobre Mãe em negra viuvez/ meu pai jazia morto/ Estendido em um caixão/Pela primeira vez!// E a pobre minha Mãe/Daquilo estremeceu:/De uma moléstia forte/A minha mãe morreu./Fiquei coberto de luto/E tudo se desfez/E eu chorei então/pela segunda vez// Então, o Deus da Glória,/O mais sublime artista,/Decretou lá do Céu,/Perdi a minha vista./Fiquei na escuridão,/Ceguei com rapidez/E eu chorei então/pela terceira vez.// Meus prantos se enxugaram./Das lágrimas que corriam/Chegou-me a poesia/E eu me consolei./Sem pai, sem mãe, sem Vista,/Meus olhos se apagaram;/Tristonhos se fecharam/E eu nunca mais chorei. (ADERALDO, 1994, p. 25).

Aderaldo, apesar da sua limitação, percorreu o território brasileiro, ora como repentista e grande desafiador, oportunidade em que mostrava aos adversários o seu poder criativo e improvisador, ora se apresentando em programas de rádio, ou sendo recebido por autoridades governamentais. No entanto, em todas as suas apresentações, e por meio das poesias, procurava transmitir um único sentimento que o identifica com o lugar, a ideia de pertencimento, que o caracteriza como homem que melhor encarnou o povo e a terra sertaneja. O poeta, em várias poesias mostra com clareza essa grande ligação com a terra, o lugar, “[...] tenho aqui minha morada/Como residência e pouso/Vivo alegre e cheio de vida/Que não me falta conforto/Penso que só saio daqui/Um dia depois de morto”. (BERH, 2007, p. 195). Cego Aderaldo, conforme ainda o mesmo autor, representa um legado da cantoria romântica e dramática, declamador de poemas épicos, está entre os principais cordelistas brasileiros. Tornou-se uma lenda, tão importante quanto várias personagens que marcaram a história religiosa, social e artística dos sertões nordestinos.

Costa (2008) registra que no dia 5 de agosto de 1967, após pouco mais de dois meses do seu falecimento, e por iniciativa do poeta quixadaense Adalberto Porfírio, foi prestada uma homenagem ao grande poeta popular, sendo erigida em Quixadá, na parte de frente da Rodoviária, uma estátua de Aderaldo (foto 6), trabalho do escultor João Bosco do Vale.



Fonte: Lima (2010).

Foto 6 - Monumento em homenagem a Cego Aderaldo (Quixadá).

Cego Aderaldo enquanto poeta cordelista, repentista e grande desafiador, simboliza em linhas gerais mais um aporte que conforma a diversidade do patrimônio imaterial da “Terra da Galinha Choca”. Idealizou o espírito do homem, da terra e de tudo que afeiçoa o

sertão, é ainda a “[...] encarnação sonora da alma do seu povo” (BEHR, 2007, p. 195). O tema de suas poesias retrata de forma determinante a problemática sertaneja: suas dificuldades e tristezas, alegria e paixão, enfim tudo que liga o homem, sua diversidade cultural e o lugar. Por isso, recebe dos amantes da cultura popular nordestina a justa homenagem de “notável personagem do repente”, ou ainda “menestrel do Nordeste”.

Sua trajetória não foi nada fácil, como ele mesmo diz naquele início de século XX, os cantadores não eram reconhecidos, eram poucos os pesquisadores que valorizavam a cultura popular, a grande maioria sempre a via como insignificante, de segunda categoria. Portanto, Cego Aderaldo, Patativa do Assaré e muitos outros “cantadores” e poetas anônimos, além de valorizarem o que o nordeste tem de mais rico em termos de cultura popular, representam verdadeiramente a ideia de territorialidade. A razão direta está nos temas que os inspiram, os animam, ou seja, sua ligação com a terra, com sua gente, isso fica claro quando em um dos trechos do livro declara: “[...] dentro do meu peito eu sentia uma voz me chamando. Era o sertão”. (ADERALDO, 1994, p. 28).

Corroborando o conceito de territorialidade, a partir de valores que conformam a cultura sertaneja, Brandão (2006), através dos depoimentos colhidos entre sertanejos chamados de “símbolos especiais”, deixa transparecer pelas falas que “o sertão está em toda parte” mesmo ainda que seja nas lembranças.

[...] Aqui tinha um moço aqui. Ele era sertanejo mesmo. Ele tocava boiada. Eu cansei de ver quando eu era menino. Ver o gado passando aqui dentro do rio. Mil bois, certo? Quando o cara do berrante tava lá em cima, no alto do outro lado do rio, o culatra, que é o último boi, estava aqui no alto, aquela fila. Eu ficava de longe para ver aquele barulho na água. Os vaqueiros gritando e o cara tocando o berrante lá em cima. Só vocês vendo que maravilha. Hoje, acabou’. (BRANDÃO, 2006).

No calendário de eventos culturais/turísticos apresentada na tabela 2, embora se reconheça as limitações de ordem financeira e política, um esforço da prefeitura de Quixadá em preservar valores, tradições e costumes que tanto enriquecem e enaltecem a cultura popular sertaneja.

Tabela 2 - Calendário de eventos culturais/turístico de Quixadá.

Mês	Eventos (datas)
Janeiro	Festival das Férias Série de promoções da Prefeitura em locais públicos e gratuitos com atrações artísticas do Ceará. Encanta Quixadá* encontro de repentistas (tocadores de viola) que prepara o Encontro dos Profetas da Chuva* (Clube do Agrônomo). O evento acontece no segundo sábado considerado o dia do profeta popular.

Fevereiro	Carnaval Popular É o maior evento de rua do Sertão Central reunindo milhares de visitantes e foliões de todas as regiões. São quatro noites animadas na Praça José de Barros com atrações musicais de sucesso em todo nordeste. Além das bandas, som e iluminação, os organizadores proporcionam camarotes. Pela manhã, o açude do Cedro atrai dezenas de foliões. Festa de Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão (11)* Durante todo o dia, feriado municipal, uma intensa programação reúne milhares de fiéis com orações e celebrações eucarísticas no Santuário Mariano Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão.
Março	Corrida de São José (19) Além de celebrações religiosas, os quixadaenses homenageiam o santo padroeiro do Ceará com a competição esportiva. Segundo a crença popular, a ocorrência de chuvas neste dia define se haverá ou não inverno no ano.
Abril	Semana Santa As celebrações da Semana Santa envolvem ritos religiosos e festas populares. Na sede das paróquias, são realizadas liturgias de Quinta a Domingo. Na Sexta-feira Santa, uma via sacra percorre as estações de estatuas que recordam a Paixão, morte e ressurreição de Cristo na estrada que leva ao Santuário Mariano Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão. Os quixadaenses costumam realizar a tradicional queima de Judas e festas dançantes no Sábado de Aleluia.
Maio	Festa do Trabalhador (1) Uma programação durante o dia inteiro reúne os trabalhadores de Quixadá com eventos artísticos e esportivos para comemorar seu dia. Dia das mães A homenagem dos quixadaenses às mães acontece com apresentações artísticas, seresta e distribuição de presentes em praça pública.
Junho	Pula Fogueira Festas juninas com disputa da melhor quadrilha. São quatro noites, com apresentações em Praça pública com animação das maiores Bandas de Forró do Nordeste. Estrutura de arquibancadas e camarotes. Festival do Feijão Realizado no distrito de Cipó dos Anjos, o evento comemora as primeiras colheitas do cereal, principal alimento do sertanejo. Durante o dia, são realizadas celebração eucarística, palestras, oficinas e a degustação de diversos pratos preparados com o feijão.
Julho	Semana Cultural de D. Maurício* O clima ameno da Serra do Estevão, verdadeiro oásis no sertão, recebe durante uma semana apresentações teatrais, musicais e de danças de artistas de todo o município. Sertão Esportes Radicais (16, 17 e 18) Diversas modalidades de Esportes Radicais (como <i>Off Road</i>, <i>Rappel</i>, <i>Mountain Bike</i>, <i>Motocross</i>, <i>Cavalgada</i>, <i>Trekking</i>, <i>Voo Livre</i>) disputadas simultaneamente em diferentes locais. Parceria da Prefeitura e SEBRAE. Quixadá para Cristo Evento que congrega diferentes igrejas evangélicas. Acontecem Cruzadas em diferentes bairros da cidade durante todo o mês nos dias de terça, quinta e Sábado. O encerramento culmina com <i>blitz</i> e <i>show gospel</i> na Praça Coronel Nanan.
Setembro	Semana da Pátria (1 a 7) Os desfiles foram descentralizados durante toda a semana nos bairros de Quixadá. No dia 7 de setembro, todos os estabelecimentos de ensino, entidades civis e militares se apresentaram na Praça José de Barros. Milhares de pessoas lotam o evento. Toda a cidade é decorada com bandeiras e fitas verdes e amarelas.
Outubro	Exposição de Ovinos e Caprinos do Ceará (EXPOCECE) Atrai expositores de todo o Nordeste no maior Parque de Exposição de Ovinos e Caprinos da América Latina. Durante uma semana, a exposição conta com barracas de alimentação e produtos típicos do sertão. Semana do Município (27) Comemorações para celebrar o dia do município (27 de Outubro) culminando com festa em Praça pública com artistas de renome regional. Feriado Municipal no dia do município.

Novembro	Feira de Negócios da Região Centro (FENERCE) Reúne as empresas do município e da região que expõe seus produtos para milhares visitantes durante três dias com diversas apresentações artísticas. A organização é do SEBRAE. É a melhor oportunidade para vendas e divulgação do Sertão Central. Festival Internacional dos Trovadores Cantadores, repentistas e emboladores do mundo inteiro encontram-se em Quixadá para mostrar a Cultura Popular. O Festival conta também com exposições, oficinas, mostras fotográficas, de teatro, de xilogravura e apresentações musicais da MPB. X Ceará O município é sede do Campeonato Internacional de Voo Livre "X Ceará", desde 1989, realizado no mês de novembro de cada ano. A pista fica localizada na Serra do Urucum.
Dezembro	Natal Cultural Coral infantil nas repartições públicas, ornamentação nas Praças, presépio vivo, apresentações teatrais, musicais e de dança. Assim os quixadaenses comemoram as festividades do nascimento de Cristo. Nos distritos, o projeto Manjedoura organiza as atividades natalinas com a comunidade. <i>Réveillon</i> Popular (31) Os quixadaenses comemoram a passagem do ano na Praça José de Barros. Shows musicais preparam a contagem regressiva. Os primeiros minutos do ano novo são saudados com queima de fogos no alto da Pedra do Cruzeiro. O espetáculo pode ser observado de quase todos os bairros de Quixadá. Os quixadaenses, mesmo os que não estão na Praça, costumam sair de suas casas para observar os fogos.

*Eventos culturais relacionados diretamente ao tema em questão.

Fonte: Quixadá, 2010.

Adaptação: Lima.

Toda e qualquer iniciativa que se propõe a contrapor a prática voltada para uma cultura globalizada/homogeneizada deve ser merecedora de reconhecimento. Precisa, contudo, envolver a comunidade, para que ela se sinta representada e valorizada.

3.2 Espaço e poder: agruras e esperanças.

Para desenvolver uma análise sobre o processo de organização e delimitação do espaço a partir dos aspectos ligados à religião, tem-se que buscar as raízes de sua influência que se inicia com o processo de colonização europeia nas terras da Capitania do Siará Grande.

A investigação que se propõe visa a entender os interesses prevaletentes de agentes históricos construtores de um modelo de sociedade que se estabeleceu/estabelece ao longo deste processo, cujo modelo tem por base a relação entre exploradores e explorados. Para tanto, deve-se averiguar que instrumentos de poder foram utilizados por determinado grupo que lhe garantiu o domínio político.

Como primeira questão, propõe-se uma abordagem sobre o fenômeno do coronelismo, sua origem e as relações que se estabelecem entre os vários indivíduos que compõe a sociedade do sertão nordestino. Este fenômeno se caracterizou pelas relações ambíguas, fundamentado na propriedade da terra, garantindo-lhe uma gama de poderes, o que lhe permitirá ditar [...] “os rumos do relacionamento social e político, explorando no trabalho,

apadrinhando, protegendo ao mesmo tempo que oprimia e dominava, aqueles que gravitavam em torno de sua propriedade e de sua pessoa” (ARAUJO, 1994, p. 111).

Complementando o estudo, destaca-se a análise dos fenômenos histórico/religiosos que marcaram a história do povo cearense, próprios da estrutura socioeconômica e cultural da região do sertão nordestino. Daí a necessidade de debater a ação e a evolução da Igreja Católica na construção deste processo. Rosendahl, apud Büttner, diz que, para uma análise de um dos aspectos da geografia da religião, deve-se considerar a dialética entre religião e ambiente. E completa, “é necessário por um lado, mostrar que influência a religião tem sobre as pessoas, sua civilização, seus costumes; por outro lado, devem ser mencionadas as circunstâncias externas que levam à modificação da religião considerada” (ROSENDAHL, 2002, p. 16).

As ligações que se estabelecem entre Estado e Igreja determinaram as relações sociais, políticas e culturais predominantes no espaço brasileiro, presentes desde a exploração portuguesa. Só que, para a efetivação do projeto, foi indispensável o apoio da igreja, a partir de então “[...] os militares e os padres andavam juntos, ajuntando à força os índios nos assim chamados aldeamentos, para afastá-los da presença dos líderes religiosos antigos [pajés] e prepará-los a entrar no mundo dominado pelos brancos”. (HOORNAERT, 1994, p. 46-47).

Tal estrutura de domínio continuaria a assinalar por muito tempo as relações cotidianas de nossa sociedade, principalmente nas áreas onde o desenvolvimento tecnológico capitalista é procrastinado. No sertão do Ceará, por exemplo, o mandonismo do coronel, apoiado pela igreja, resistiria por mais tempo ainda, tornando-se assim em rico objeto de estudo para as ciências sociais.

Pela importância e interferência que o fenômeno tem no processo de organização do espaço, torna-se imprescindível sua abordagem para o presente estudo.

3.2.1 Coronelismo: origem e poder no sertão cearense.

A ocupação do interior nordestino tem uma história plasmada na violência contra as populações naturais e no arbítrio das relações socioeconômicas surgidas a partir da posse da terra pelos novos senhores. Seguindo as trilhas do gado, organizaram-se paragens, currais e fazendas, decorrendo daí o desenvolvimento de um setor de produção periférico destinado a abastecer as áreas produtoras de açúcar.

Logo nas primeiras décadas do século XVIII, encontram-se instaladas muitas fazendas de gado localizadas sempre nas proximidades dos rios. Estas iriam constituir a base da riqueza

e o fundamento da organização social da capitania do Siará Grande. Na visão de Araújo (1994):

[...] a posse da terra, ocupada com base na pecuária, foi o principal elemento que atuou na formação da sociedade sertaneja do Nordeste. A partir dela, estruturaram-se os principais grupos sociais. [...] A legalização das terras foi feita com a concessão de sesmarias, solicitadas pelos fazendeiros. Não raro um mesmo fazendeiro recebia mais de uma sesmaria, ou a ainda, a membros de uma mesma família, eram concedidas terras vizinhas, de modo que pelos meados do século XVIII, a base econômica e social da Capitania se fundava no latifúndio. [...] A distribuição desigual da terra dicotomizou a sociedade rural na medida em que definiu a posição social dos indivíduos. Assim, no ápice da pirâmide social encontravam-se os proprietários de terra, os fazendeiros, e na base, os não-proprietários. (ARAÚJO, 1994, p. 108-109).

Embora seja possível verificar uma relação social menos dura do que a instituída no Nordeste açucareiro (a escravidão) nas relações de produção na fazenda de gado, predomina o sistema de parceria, no qual o vaqueiro recebia como remuneração pelos serviços prestados uma cria de gado em quatro nascidas, era a “quartiação”; sistema que permitiria ainda que teoricamente, o campeiro poder, com o tempo, tornar-se proprietário. Com base nas observações do referido autor, “é preciso notar que não possuindo a terra pouco lhe valia ter o gado. Geralmente vendiam para o proprietário ou lhe entregavam como pagamento de dívidas já contraídas” (ARAÚJO, 1994, p. 109).

Essa relação de dependência e domínio também estava presente na produção agrícola, este caso, argumenta Andrade (1986), ao se aproximar o “inverno”:

[...] os agricultores recebem dos fazendeiros as áreas que devem ser cultivadas e as sementes. [...] Cabe ao agricultor a limpa do mato, o plantio e a capina. [...] Chegada a época da colheita, o agricultor paga ao proprietário de um a dois alqueires por tarefa. Caso o agricultor deva algum dinheiro ao proprietário, este poderá cobrar a dívida, exigindo que o pagamento seja feito em espécie. (ANDRADE, 1986, p. 168-169).

Dado o distanciamento geográfico da capital do Brasil com as províncias, deu-se um “vazio de poder”, logo ocupado pelos senhores de terras, surgindo daí um fenômeno sociopolítico com base no mandonismo local, conhecido como “coronelismo”. Grandes proprietários de fazenda que, por meio do uso de força particular, impõem a “lei” e a “ordem”, dando expressão ao poder local. Sobre esta ideia, Barros (1994) esclarece quando argumenta:

[...] tudo se concentrou em torno das casas das fazendas, distantes entre si, dos rebanhos espalhados nas caatingas e dos casebres esparsos distribuídos em arruados pobres e acanhados. [...] A região desenvolveu um tipo de cultura auto-suficiente. Nela, os principais elementos eram o fazendeiro, o padre, o vaqueiro, o comerciante, o boiadeiro e o comboieiro (almocreve em algumas zonas do sertão). [...] O **padre** da freguesia é o elemento mais importante nessa sociedade, **pregando uma ideologia ordenadora** ao mesmo tempo das relações com o sobrenatural e das formas de relações sociais na terra, a partir da codificação da mensagem católica. [...] A Igreja é

o aparelho ideológico do Estado mas também manipula o aparelho de repressão, participa das lutas políticas e do enriquecimento (BARROS, 1994, p. 253-254).

Essa composição política de mandonismo encontrará cenário ideal fundamentado em razões geográficas e socioculturais que podem esclarecer sua organização. Do ponto de vista geográfico, o sertão nordestino apresenta-se como área periférica, tanto pelo seu isolamento dos centros decisórios como pela distância do litoral, e ainda pela falta de vínculos econômicos diretos com o mercado europeu. Como segundo ponto, e de grande importância, deve-se ressaltar os aspectos socioculturais. O sertanejo é um homem marcado pela excessiva religiosidade e devoção ao santo padroeiro; apresenta pouco ou nenhum saber acadêmico; e soma-se a isto as precárias condições econômicas de dependência, temos aí, portanto, um campo fértil para a propagação de doutrinas que se impõem enquanto instrumento mantenedor do controle político. Neste sentido, aponta-se o sucessivo discurso da Igreja Católica que estabelece, por exemplo, a organização da sociedade dividida entre ricos e pobres, como condição determinada pela vontade de Deus, devendo todos aceitá-la como algo normal e impossível de se pôr em dúvida.

Diante deste quadro socioeconômico, nasce a relação de dependência entre as camadas pobres face aos senhores. Num contexto antagônico de dominados e dominadores, a ideologia católica institui uma falsa visão de igualdade ao apresentar o discurso de que “todos são iguais perante Deus”, contribuindo desta forma por manter o modelo predominante de sociedade.

Os coronéis foram por muito tempo os “senhores do lugar”. Se eles impunham a “lei” e a “ordem” também tomavam para si os filhos de seus capatazes como afilhados, compondo uma “política de compadrio”. Nos momentos de aflição, o coronel era a autoridade que todos recorriam, passando a lhe serem devedores de favor. Nas regiões mais castigadas pelas secas, o auxílio representava questão de vida e de morte. Por outro lado, eram exigidos serviços de toda ordem, inclusive como segurança particular. Cada chefe tinha seu bando armado – os jagunços⁶ também denominado “capangas” ou “cabras”, prontos a executar o que lhes fosse ordenado. O surgimento do poder privado deu origem ao mandonismo local, impregnando as relações sociais em todos os níveis.

As tensões, consequência da dominação-subordinação, manifestam-se em todos os planos das relações sociais. Para expandir seus latifúndios, muitos coronéis contavam com os jagunços para forçar posseiros a abrirem mão de suas terras. Se muitos trabalhadores

⁶ “O jagunço era o morador, o sem terra ou o criminoso comum que dependia do coronel, sendo por este convocado para formar verdadeiros exércitos particulares, não questionando sua vontade e praticando os crimes mais bárbaros por ele ordenados” (FARIAS, 1997, p. 113).

assumiam, como desejado, o “poder simbólico” exercido pelos seus senhores, outros o confrontavam.

Temos aí, portanto, um quadro desolador e, ao mesmo tempo, um campo propício para a formação de toda a sorte de movimentos, por exemplo, o messianismo e o banditismo, que surgem como alternativas de luta à ordem estabelecida. Servirão, portanto, de alimento para a alma e para o corpo espoliado do homem sertanejo. Movimentos que marcariam profundamente a história religiosa e social dos sertões nordestino. Neste universo contraditório, desenvolve-se uma sociedade bastante criadora, de uma cultura popular de muita riqueza temática e histórica, cuja consequência imediata será o aparecimento de homens do povo produtores de uma ideologia que se opõe, em muitos aspectos, ao discurso oficial da Igreja e do Estado.

3.2.2 As origens da religiosidade popular no sertão cearense.

Desde a conquista do europeu até nossos dias, a Igreja Católica foi uma instituição marcante no processo de organização do espaço não só do Brasil, mas de um modo geral, em toda a América Latina. Atuando de forma sistemática, ela desempenharia um papel importante neste processo, ao catequizar o nativo, “amansando-o”, preparava e facilitava ao mesmo tempo o caminho do branco conquistador.

Analisando o caso específico do Ceará, a primeira tentativa de desenvolver ações de catequese, segundo a unanimidade dos historiadores, se deu em 1607, com os padres jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueiras. A expedição saiu de Pernambuco, em direção ao rio Jaguaribe, cuja composição, segundo Girão (1985), era tão somente dos dois padres e de “índios mansos, tupinambás, potiguaras e tabajaras. [...] Nenhum soldado ou homem branco, para não alimentar qualquer suspeita nos silvícolas assustados” (GIRÃO, 1985, p. 41). Isto porque a expedição anterior, comandada por Pero Coelho, deixou um rastro de sangue, medo e ódio entre os nativos. Os portugueses, por meio dos padres, tentavam reestabelecer a paz com os índios, tão necessária uma vez que os corsários franceses ameaçavam o domínio português. Não demorou e os religiosos foram atacados pelos índios, o Padre Francisco Pinto acabaria sendo assassinado, enquanto Luís Figueiras conseguiu fugir; este fato possibilitou que o sobrevivente, em fase posterior, relatasse todos os fatos, tornando-se dessa forma o primeiro texto escrito sobre o Ceará.

Os jesuítas voltariam a atuar no Ceará, desenvolvendo novos polos de aldeamentos, contribuindo assim para dar continuidade ao projeto colonizador português. Isto tornava-se mais preeminente, em vista da maior resistência dos silvícolas que procuravam aliar-se em

confederação contra os brancos. Neste sentido, explica Hoornaert (1994, p. 52), “[...] este projeto indígena, baseado numa confederação entre diversas nações, não podia ser tolerado pelos curraleiros e demais portugueses interessados em firmar a hegemonia no Ceará”. Para tanto, foram convocados os jesuítas com a missão de debelar o plano dos nativos. Por várias vezes, os missionários tentaram estabelecer missões na região da Serra da Ibiapaba, sem o sucesso esperado. Somente em 1695, conseguiram fundar a aldeia de Nossa Senhora da Assunção de Ibiapaba, atualmente a cidade de Viçosa do Ceará, marco na consolidação do projeto colonizador do branco. No entanto, a ação dos padres jesuítas sofreu uma interrupção em 1758, quando foram expulsos do Brasil por ordem do Rei de Portugal, sem que a aliança Estado/Igreja fosse quebrada, pois as aldeias foram transformadas em vilas e os jesuítas trocados por padres seculares. Neste sentido, pode-se concluir, a partir do pensamento de Rosendahl (2002), que a Igreja Católica, enquanto instituição organizada, desenvolveu estratégia geográfica eficiente, garantindo-lhe ao longo de sua história o controle sobre determinados espaços, transformando-os em territórios seus.

Durante o processo catequético, os padres procuravam de toda forma desqualificar a crença indígena desenvolvida pelos curandeiros e pajés, mostrando, por outro lado, a doutrina da Igreja Católica, como única verdade, fonte de vida e fé, pois representa a vontade de Deus. O homem do sertão, fruto do processo de aculturação, não se dá por vencido, aceita o Deus europeu como a fonte da verdade, mas encontra uma forma bem própria de expressar sua crença, resultado, segundo Hoornaert, da dialética entre os ensinamentos dos missionários e o saber dos indígenas. E conclui:

[...] catolicismo tem duas características básicas, opostas entre si mas não contraditórias. De um lado o catolicismo foi a religião dos dominadores e invasores europeus imposta aos antigos habitantes com uma violência que não permitia recusa. [...] Do outro lado essa religião foi o instrumento que os vencidos usaram para não perder totalmente sua identidade e resistir culturalmente contra o invasor: uma religião de identificação cultural e resistência. [...] Desde o início formou-se no bojo do catolicismo cearense uma religião popular na qual os antigos valores de vida ficaram preservados e se constituíram em lastro firme de resistência. (HOORNAERT, 1994, p. 61).

Assim, com sua capacidade criativa, o sertanejo encontra no seu modo de vivenciar a religião uma fórmula de preservar antigos valores da cultura nordestina anteriormente massacrados, tornando-se lastro de resistência.

No Ceará este catolicismo resistente, ou popular, possibilitou o surgimento de homens do povo, produtores de sentidos, entre os quais se destaca o Padre Ibiapina⁷. Percebendo o sofrimento do nordestino frente às secas e ao abandono das autoridades públicas, oferece amparo espiritual aos “deserdados da sorte”. Assim, criou a ordem dos beatos, recrutados entre os desvalidos e alijados do poder dominante. Os componentes da nova ordem deviam dedicar sua vida a pregar as leis de Deus e levar um pouco de acalento material, provendo o homem com trabalho na terra.

Na visão de Barros (1994, p. 259), Ibiapina foi um homem além paróquia que transforma a religião num ato bem terreno: o Padre “[...] está presente em toda a ação do catolicismo das baixas camadas – catolicismo popular, no sertão nordestino”.

À luz do Padre mestre destaca-se a tríade do catolicismo popular cearense: Padre Cícero e os beatos Antônio Conselheiro e José Lourenço, que deram à religião católica uma concepção prática, algo mais próximo do sertanejo, o que implicaria necessariamente num embate ideológico com a Igreja Católica, enquanto instituição conservadora e dominante. “[...] Os beatos eram pessoas comuns para o povo da época e sensíveis aos anseios dos oprimidos, estabelecendo uma continuidade das crenças populares e das práticas religiosas, características do catolicismo popular” (ROSENDAHL, 2009, p. 43). Enquanto o primeiro se notabilizou por suas ações religiosas populares de caris político, confundindo-se com as estruturas de poder dos municípios da região do Cariri, os outros dois entraram para a história por suas ações ligadas ao catolicismo social, redundando nas experiências comunitárias de Canudos e do Caldeirão da Santa Cruz do Desterro⁸. Não obstante as diferenças das pregações religiosas, uns e outros, cada um ao seu modo, terminaram por serem reprimidos pela Igreja Católica.

⁷ José Antônio Maria Ibiapina, “apóstolo do Nordeste”, nasceu em 1806 em Sobral, no Ceará. O pai foi escrivão público que participou ativamente na revolução de 1824, conhecida como confederação do Equador, e foi fuzilado. O Seu irmão mais velho, pela mesma razão foi preso na ilha de Fernando de Noronha onde morreu misteriosamente. Segundo o estudioso padre Francisco Sadoc de Araújo, foi nessa época que adotou o sobrenome Ibiapina, uma homenagem do pai à povoação de São Pedro de Ibiapina, como também fizeram outros confederados a fim de homenagear topônimos regionais. Passou um curto período no seminário de Olinda, mas não se entrosou e saiu. Entrou na faculdade de direito recém fundada e formou-se aos 26 anos, assumindo imediatamente a cadeira de direito natural. No ano seguinte, foi nomeado juiz de direito e chefe da polícia em Quixeramobim. Em 1855, dois anos depois da ordenação, começa a sua vida missionária. De 1860 a 1876 foram os anos da vida itinerante. Sua principal obra foi a criação das casas de caridades, instituições de amparo aos deserdados de toda sorte. O padre peregrino continuou seu trabalho missionário até 1876, quando foi acometido por uma doença que o deixou paralítico, não podendo se locomover sozinho. Passou a residir na Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba. Nessa Casa, ele viveu mais sete anos, participando ativamente da vida da comunidade. Faleceu no dia 19 de fevereiro de 1883. (Adaptação do site: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=714700>).

⁸ “Caldeirão, uma espécie de Canudos em dimensões menores. Comunidade liderada pelo beato José Lourenço, seguidor de padre Cícero e praticante do catolicismo popular característico de nossa região” (FARIAS, 1997, p. 201).

Luitgard Barros (1994), apud Gramsci, diz que na religião católica, apesar das tentativas de homogeneização, assinala a existência de diferentes crenças ligadas às diversas camadas sociais. Entre as quais, a mais evidente é aquela existente entre as “crenças dos intelectuais” (análoga à filosofia) – concepção da hierarquia religiosa dos intelectuais católicos e a dos “simples” (equivalente ao senso comum e ao folclore), o catolicismo popular.

Para efeito da presente análise, dentre as lideranças ligadas ao catolicismo popular nordestino, destaca-se a figura de Cícero Romão Batista. Homem, coronel e padre, fenômeno histórico controverso que despertou o interesse de muitos estudiosos e pesquisadores sem, contudo, ter estabelecido uma unanimidade em torno de sua vida e obra. Como homem, entendeu como ninguém o nordestino, que vive da agricultura, da roça, da terra. Como padre, falou pelos que não tinham direito a voz, que chama de homem de bem o matuto analfabeto. Mas foi também um rico proprietário, exportador de matéria-prima, o que lhe credenciou a disputar, com os senhores mais poderosos, seu lugar na hierarquia dos chefes, nomeando juízes, promotores e delegados, um autêntico mandatário, um “coronel de batina”.

O caso criado em torno do líder religioso/fundador de Juazeiro do Norte, na visão de Rosendahl (2009), converte-se em excelente material de estudo para a geografia da religião. Sua liderança não se limita aos aspectos políticos e econômicos, tornando-se o grande líder religioso da massa camponesa. Após sua morte é transformado em “santo”, motivo de peregrinações do romeiro oprimido, injustiçado pelas elites agrárias.

Padre Cícero dirigiu sua vida à cidade de Juazeiro, “visto por ele a partir de um relato sonho, como o lugar para onde Jesus enviaria, para o consolo dado por N. S. das Dores, os filhos mais pobres e infelizes” (BARROS, 1994, p. 259). A todos que se dirigiam à cidade de Juazeiro do Norte em busca do “Meu Padrinho Cicho”, encontravam além do alimento espiritual, o consolo, a esperança, a conduta do bem viver e o trabalho no campo para o “conforto material”. Continua a autora, pela condição de homem educado no meio acadêmico do seminário, tem uma visão de mundo mais ampla que a gente que o ouve e conhecendo os males da economia monocultora, incentiva o desenvolvimento da policultura e do artesanato numa adversidade atípica no Nordeste.

Sem condições de impor sua ordem conservadora, entre as camadas baixas da população, a Igreja Católica apela para as forças do Estado, numa tentativa de varrer definitivamente todos estes fenômenos que congregam fé, misticismo e religiosidade popular. O sucesso não foi total; o catolicismo popular e o fenômeno das romarias permanecem vivos, referenciando a figura do “padre santo”, maneira encontrada pelo sertanejo como forma de

fugir do seu cotidiano rural, nas peregrinações eles buscam por milagres ou simplesmente para saldar a graça alcançada. São estas peculiaridades que se realça o espaço sagrado, “[...] onde ocorre visivelmente o encontro simbólico do santo com o povo, num contato direto, sem intermediários. O espaço sagrado é o local onde o crente entra em comunicação mais completa com o divino”. (ROSENDAHL, 2009, p. 46).

Seguindo as trilhas da romaria, Juazeiro tornou-se o centro comercial da região sul do estado do Ceará. Lá se comercializam bens materiais e simbólicos, como ouro e imagens do Padre Cícero e da Beata Maria, gerando lucros crescentes para os comerciantes locais. As imagens e a cultura tornaram-se uma “mercadoria especial”, capaz de impulsionar a venda das demais mercadorias.

Em torno da estátua do Pe. Cícero, na Serra do Horto, a cidade vive sua experiência do sagrado. No plano inferior, desenvolve-se a vida social, comercial e política da cidade, temos assim o espaço profano, convivendo numa combinação dos ritos religiosos e atividades do cotidiano. Conforme Rosendahl,

[...] a organização espacial nos locais de romarias possui um centro cósmico, [...] qualificadamente forte, definido e consagrado, e uma parte contínua, periférica ao centro cósmico não sagrado, onde vivem as pessoas que rendem louvor ao santo. Existe uma inter-relação entre o espaço sagrado e espaço profano; entretanto, eles não se misturam. A separação essencial entre sagrado e profano se realiza materialmente no espaço. (ROSENDAHL, 2002, p. 49).

Agora em período de economia globalizada, a Igreja Católica, para não perder o controle dos espaços sagrados, vai incorporar valores antes específicos do catolicismo popular aos seus interesses. Também congrega alguns elementos até então considerados profanos em diversas práticas, num “movimento sacro-profano” em que prevalece a lógica mercadológica, no qual as peregrinações religiosas apresentam-se como excelente alternativa à propagação da fé católica.

Juazeiro do Norte tornou-se pólo dominante na região, fruto do poder simbólico exercido pela figura do Padre Cícero e pela força das romarias. A devoção ao “Santo Padre”, pelos romeiros, levou a Igreja a rever o processo que suspendeu os direitos de sacerdócio do padre, reintegrando-o a hierarquia eclesiástica tornando possível sua santificação.

Exemplo semelhante ao caso cearense foi registrado numa região da Itália, pelo Frei Hermínio Bezerra, conforme reportagem do jornal local intitulado: “Padre Cícero e Padre Pio vítimas da eminência parda”? Segundo o registro, as semelhanças são muitas, o que poderia contribuir para agilizar o processo de santificação do padre Cícero, tendo em vista que na

Itália o desfecho foi a proclamação, em 2002, da santificação do Pe. Pio. Pelo que se apresenta na reportagem é possível se ter uma ideia sobre os dois acontecimentos.

[...] Pe. Cícero viveu entre 1844 e 1934; Pe. Pio entre 1881 e 1968. Ambos místicos e venerados ainda em vida pelo povo. [...] Sofreram da parte das autoridades eclesiásticas inquéritos sobre suas atividades. A ambos se atribuem com fatos miraculosos que envolviam sangue, Pe. Cícero com o caso da hóstia que sangrava e Pe. Pio com as chagas sangrentas. [...] foram suspensos *'pro tempore'* de celebrar para o público. [...] Foram assistidos por piedosas mulheres, Pe. Cícero pela beata Mocinha; Pe. Pio, entre as beatas que o assistiam está o nome de Olga Ieci. (BEZERRA, 2007, p. 2).

Neste meio tempo, o papel da Igreja, será o de criar templos de peregrinações com santos reconhecidos, de modo a não criar situações contraditórias entre os peregrinos. Neste aspecto, o caso mais recente no Ceará foi a criação do Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, no município de Quixadá; espaço objeto da presente pesquisa.

No entanto, observa-se que o catolicismo popular procura, por meio de suas práticas, sobreviver a todo este processo modernizador, revitalizando características marcantes expressas sob a forma de espaços sagrados.

4 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ.

4.1 Algumas considerações preliminares.

Entender as razões que movem os homens a buscar pelo sagrado vem tornando objeto de interesse de muitos estudiosos. Qual o entendimento que se pode perceber dos espaços sagrados? Qual o limite para identificarmos o que é sagrado e profano? Para aprofundarmos nesta questão foi importante o estudo de Eliade (1992), que analisa o fenômeno do sagrado em toda sua complexidade e totalidade. Segundo a autora, o espaço, na visão do homem religioso, apresenta-se de forma qualitativamente diferente, deixando de ser homogêneo, e se revela por um “ponto fixo”, um “centro”, de forte significado, por outro lado o espaço não sagrado é “amorfo”. Desde tempos remotos, o homem sentiu a necessidade de encontrar um local que lhe possibilitasse o exercício da cerimônia religiosa; em sua evolução constrói templos, como forma de transcender o mundo profano, pois:

[...] no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses, consequentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. [...] O simbolismo implícito na expressão “Porta dos Céus” é rico e complexo: a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de torna-lo “aberto” para o alto, ou seja, comunicante com o Céu, ponto paradoxal de passagem de um modo de ser para outro. (ELIADE, 1992, p. 29-30).

O espaço sagrado só é percebido, segundo ainda a autora, pela oposição considerada ao espaço profano. Nesta ponderação é preciso estabelecer a separação do que são coisas do domínio sagrado e coisas do domínio profano, ou seja, é preciso perceber que [...] “o ato da manifestação do sagrado é indicado pela hierofania, que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela” (ROSENDAHL, 2002, p. 27). Ou ainda, como diz Eliade (1992, p.17), “[...] exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, o saber, que algo de sagrado se nos revela”.

A Igreja, percebendo que o homem sempre sentiu a necessidade de locais apropriados para seus rituais sagrados, promove mecanismos de apropriação de espaços submetendo-os a sua jurisdição. Esta ação efetiva de dominação configura a territorialidade, uma “[...] poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus”. (ROSENDAHL, 2002, p. 59).

Os espaços sagrados tornam-se diferentes do lugar comum, pela revelação divina ou um acontecimento de significado admirável, o nascimento e/ou a morte de uma liderança religiosa que mantinha uma forte ligação com uma determinada comunidade. Diante da

constatação do fato, a Igreja transforma-os em territórios sob seu controle. Nesta transformação ganha novo significado e valor simbólico, tornando-se local privilegiado, elemento de atração do homem peregrino que busca a renovação de sua espiritualidade. Entendida como “[...] a atração ocasional de homens a esses centros, não motivada por necessidade de residência fixa e sim pelo estímulo espiritual, continua sendo um dos critérios essenciais definidores da cidade santuário”. (ROSENDAHL, 2009, p. 16).

Os dois espaços que ora nos propomos a investigar em Quixadá apresentam uma estrutura geográfica compatível com o que Rosendahl (2009) chama de cidades-santuário de fluxo periódico de peregrinos. Localizam-se distantes dos centros urbanos, serra do Estêvão (Casa de Repouso São José) e serra do Urucum (Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão) e são áreas elevadas, de difícil acesso, além de oferecerem um clima agradável em contraste à aspereza do sertão. São ainda espaços de convivência religiosa, impregnados de simbologia e valor histórico. No entanto, é preciso identificar que a relação que os dois espaços têm com o lugar se dá de forma diferenciada. No primeiro, a característica marcante é de um visitante que se desloca de forma refletida, buscando no espaço muito mais a cura material que espiritual, a cura do mal que aflige o homem moderno dos centros urbanos – o *stress*. O segundo, criado de forma programada para se tornar a cidade-santuário do Sertão Central, recebe peregrinos de forma sistematizada, em que o visitante apresenta a nítida intenção de devoção, de pedir ou agradecer a graça alcançada. São por fim, espaços que apresentam construções, características e histórias distintas, e que por isto, tornam-se extraordinário objeto de estudo.

4.2 Quixadá: entre o sagrado e o profano.

Pelas belezas naturais que distinguem a cidade, os espaços sagrados foram produzidos buscando se adequar às riquezas potencialmente a sua disposição. Num território com estas características, o sagrado e o profano coexistem tornando-se difícil estabelecer os limites entre um e outro. Para isto, mais uma vez recorre-se ao estudo de Rosendahl, na busca de melhor identificar cada espaço. Para a autora, o sagrado se destaca como uma área que abriga o símbolo da devoção, onde o crente entra em comunicação com Deus. Já o profano se especializa pela agitação do comércio, do lazer e do entretenimento.

A “Terra dos Monólitos”, pela sua posição geográfica – Sertão Central, possui uma paisagem natural fascinante, somada à elevada religiosidade que distingue o homem do sertão, componentes que irão contribuir na organização de mais um santuário no Ceará. O espaço comporta elementos da nova lógica capitalista global, em que apresenta condições

para receber tanto o crente que procura o espaço sagrado objetivando aumentar sua fé, como o turista que procura satisfazer sua ociosidade e o lazer. Na avaliação de Oliveira (2007), esses espaços ganham cada vez mais valorização, fruto de um processo de renovação e adaptação da Igreja católica às necessidades da vida moderna. Assim, são criados santuários com toda infraestrutura com o objetivo de promover grandes eventos para as massas obedecendo, segundo ainda o mesmo autor, a “[...] uma lógica mercantilista cultural, promovida pelo Estado e Igreja, sendo esses espaços ora frutos de intervenção direta da sacralização (santo, milagre), ora [...] prática religiosa de um grupo social, mediada aqui pela mercadoria” (OLIVEIRA, 2007, p. 09).

Acrescenta-se a essas estruturas, a imagem de santos tradicionais, ou criados, para dar ao local um ar de sacralidade constituindo-se em mais um elemento motivador de deslocamentos populacionais por meio de peregrinações, fomentando ainda o comércio em seu entorno. Neste sentido, pode-se considerar a religião enquanto mercadoria, negócio que inunda a paisagem da cidade com a propagação de novos templos de oração, onde o culto acaba por se transformar em *show* e no seu entorno floresce atividade comercial.

Inseridos na lógica mercadológica do espetáculo onde o profano e o religioso se encontram, os espaços religiosos são (re)organizados para atender ao segmento social que busca respostas para suas indagações e conflitos espirituais, “[...] adentra-se, então, no mundo das mercadorias que, hoje, são diversas incluindo os corpos, almas, sentimentos, paz, deuses etc. A cultura passa a ser uma das principais mercadorias, entrando de uma vez no circuito comercial e industrial” (OLIVEIRA, 2007, p. 08).

Neste sentido, os templos são adequados ao perfil de cada visitante, atendendo tanto ao peregrino que busca o sagrado, bem como aquele pouco catequizado, mas exigente por equipamentos sofisticados que lhe possibilite lazer associado ao conforto. Essa adequação leva em consideração estudos que comprovaram a existência de diferenças quanto aos motivos de visitação aos espaços sagrados pelos dois grupos. Rosendahl apresenta em seu estudo que a palavra peregrino vem do latim *peregrinus*, significando pessoa itinerante, que viaja ou anda por terras distantes, cuja ação está ligada à devoção religiosa de visitar lugares sagrados. Foi ainda observando as manifestações das pessoas que visitavam os espaços sagrados, que na sua concepção, alcança as bases de uma qualificação de peregrino e de turista religioso. E completa, o prazer que move o deslocamento do peregrino está associado:

[...] à busca de satisfação e o conforto espiritual, acompanhada, na maioria das vezes, de sofrimento físico. Já o turista não considera o prazer espiritual associado ao sofrimento. É o ‘bem estar’, ‘a preguiça’, a satisfação de lazer que prevalecem. A motivação, para o grupo religioso, recai na esperança de aumentar a santidade pessoal, obter benção e curas especiais. Para o outro grupo, a motivação recai no desejo de

escapar, temporariamente, das pressões da sociedade em que vive. (ROSENDAHL, 2009, p. 101).

Quanto à estrutura dos santuários, a preocupação visa atender a todos os segmentos de visitantes. Segundo estudo de Oliveira (2007), é possível identificar cinco modelos de santuários: turísticos, tradicionais, metropolitanos, naturais e os rituais. No caso de Quixadá, cuja análise será desenvolvida a seguir, destaca-se por apresentar exemplos de templo tanto tradicional, pelo que se apresenta em suas dependências, como a capela destinada ao serviço religioso específico, dentro da hierarquia dos ritos e cultos da religião católica; como de templo natural, como já identificado anteriormente, uma beleza cênica exuberante de forte conteúdo contemplativo.

Neste trabalho desenvolveremos uma análise sobre os espaços sagrados em Quixadá, procurando identificar o novo comportamento da Igreja católica, frente à atual conjuntura de economia globalizada, na qual o controle do espaço sagrado passa a ser fundamental, não só pelo aspecto puramente religioso, mas também econômico, combinando o sagrado, o profano e os valores culturais locais, além dos tipos de peregrinos que para lá se dirigem e sua relação com o local. Para isto, achamos conveniente entender primeiro como os espaços foram (re)organizados a partir dos interesses prevalecentes; e por fim, qual significado tais espaços representa para o lugar.

Nesta temática, Carlos (2007) argumenta que o espaço se constitui a cargo do tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso. Ou ainda, sob o pensar cotidiano, continua a autora, maneiras de ser e do conjunto de afetos, ou seja, as modalidades do vivido, que são próprias de cada habitante o qual acaba por produzir uma multiplicidade de sentidos. Fruto ainda das relações humanas, ganha significados e produz identidade depois de trabalhados pela história e pela cultura. É aí que o homem se reconhece, porque é o lugar da vida. E conclui, “[...] não se define em si, independente de um conteúdo real, é um produto do trabalho humano, logo, histórico e social, e por isso mesmo, é uma vertente analítica a partir da qual se pode fazer a leitura do conjunto da sociedade” (CARLOS, 2007, p. 27).

Para completar esta parte do trabalho, entendemos ser necessário deixar clara a diferença e os limites que definem o espaço sagrado do espaço profano. Na percepção de Rosendahl, pelo simbolismo que apresentam e seu caráter sagrado, tais espaços são chamados de “hierópolis”, ou “cidades-santuário”, na área central destaca-se o sagrado, local onde o peregrino consegue seu contato com a força divina. Ao redor, as atividades complementares, alojamentos, comércio de artigos religiosos etc., define-se como espaço profano, ou seja,

“desprovido de sacralidade, estrategicamente ao redor e em frente do espaço sagrado, através da segregação que o sagrado impõe à organização espacial”. (ROSENDAHL, 2009, p. 85).

4.3 Os espaços sagrados de Quixadá.

Os dois espaços sagrados de Quixadá apresentam estruturas, quer pelos serviços específicos da tradição religiosa, quer pela exuberância natural no qual estão inseridos, podendo ser identificados como exemplos de santuários tradicionais/naturais.

Deve-se ressaltar o processo que marcou a construção de ambos. Os dois espaços apresentam laços que os identificam; uma história marcada pela dificuldade, sacrifícios e a necessidade de vencer fortes obstáculos, entre os quais a própria condição imposta pela natureza. A concretização de tão ousado projeto não se efetivaria segundo seus idealizadores sem aquiescência Divina Assim os espaços ganham um diferencial de privilégio da força de Deus, o que os distingue do espaço profano que os cercam.

Seus construtores são religiosos/líderes que em muitas vezes tiveram que abnegar do conforto da vida material e, sempre contando com a colaboração da comunidade e do poder Divino, dispuseram-se a realizar o empreendimento religioso. Tudo isto, possibilita-nos uma análise da experiência da fé, no tempo e no espaço em que ela ocorre.

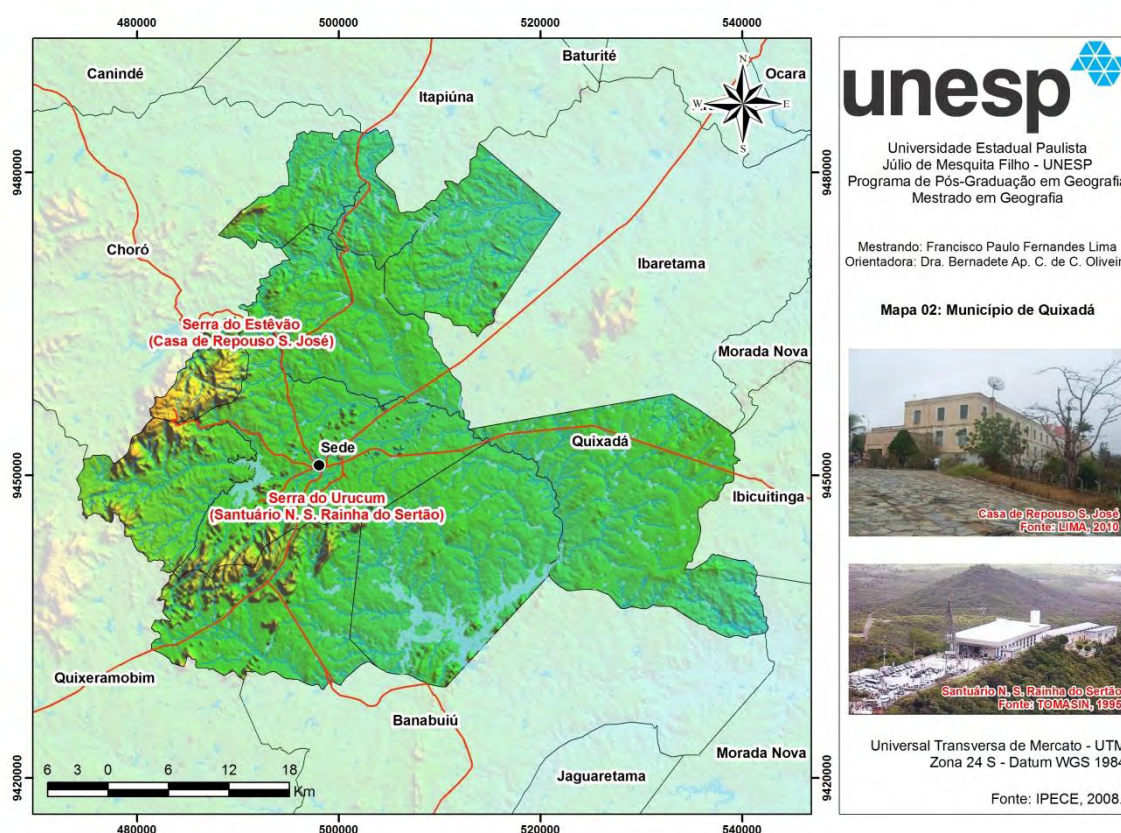
Quanto à análise sociológica da origem do líder, Weber (2003), no estudo relativo à “Dominação carismática”, identifica os tipos mais puros de líderes: o profeta, o herói guerreiro e o grande demagogo. No exercício da obediência, conclui o autor:

[...] obedece-se exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e, portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma subsiste. Por outro lado, quando decaem a sua força heroica ou a fé dos que creem em suas qualidades de líder, então seu domínio se torna caduco. (WEBER, 2003, p. 135).

Os espaços ora analisados apresentam peculiaridades próprias que os diferenciam principalmente no tocante ao tipo de peregrino e visitante que para lá se dirigem. Pelas pesquisas de campo, observou-se um perfil muito particular entre os grupos frequentadores dos espaços. Para o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, que a cada período ganha cada vez mais *status* de área de peregrinação, as visitas acontecem em períodos específicos das manifestações do calendário religioso. A permanência é curta e muitos aproveitam para apreciar o açude do Cedro. Já o visitante que se desloca para a Casa de Repouso São José, busca refazer as energias decorrentes dos males que afligem os centros urbanos pela temporada mais longa, acabam criando vínculo com o lugar.

No mapa 2, é possível localizar as duas áreas específicas fruto da presente pesquisa. No município de Dom Maurício (Serra do Estêvão), localizado a oeste, distante 22 km do centro de Quixadá, encontramos o antigo Mosteiro dos padres beneditinos e o colégio São José, hoje mosteiro das Irmãs Imaculada Conceição, e a Casa de Repouso São José. A sudeste do centro e distante 12 km, localiza-se a serra do Urucum, onde foi construído o complexo religioso do Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão.

Mapa 2 - Município de Quixadá, em destaque: serras do Estêvão e Urucum.



4.3.1 A Serra do Estêvão: Casa de Repouso São José.

O complexo religioso formado pelo antigo Mosteiro de Santa Cruz dos padres beneditinos e o Colégio São José, que funcionou até 1909 e 1915 respectivamente, hoje abriga o Convento das Irmãs Imaculada Conceição e o antigo colégio transformou-se na Casa de Repouso São José, situados na serra do Estêvão, distrito de Dom Maurício.

Conforme Bonifácio de Souza, até 1948 o distrito tinha a denominação da serra em que se acha localizada (Estêvão). Por proposta do deputado Waldemar de Alcântara, o distrito recebeu o nome de D. Maurício, uma justa homenagem ao religioso tcheco Maurício Prickzy⁹.

A região situada a uma altitude de aproximadamente 400 metros forma “um oásis em meio à aspereza dos sertões que a contornam” (SOUSA, 1997, p. 68). Uma região coberta por uma exuberante vegetação e dominada por uma vasta planície e um horizonte recortado de serras que proporcionam ao visitante uma paisagem encantadora. Pela foto 7, é possível ter uma ideia do que a Serra tem a oferecer; um paraíso de ar puro e repouso, pronto a atender os acometidos do grande mal da vida agitada dos grandes centros urbanos – o *stress*, ou simplesmente para aqueles que procuram um recanto de silêncio e meditação.



Fonte: Lima (2010).

Foto 7 - Vista panorâmica do alto da serra do Estêvão (Casa de Repouso S. José).

⁹ “Nascido em 1870, Boêmia, Adalberto seu nome de batismo, [...] aos 19 anos entrou no Mosteiro Beneditino de Emaús, em Praga. [...] Em 1892 foi acometido de lesão pulmonar, obrigando-o a interromper os estudos. Diante de um diagnóstico, nada promissor recorreu à intercessão de São José; [...] que o livrasse da terrível infecção bacilar e lhe concedesse mais **quinze anos de vida**; para completar os estudos e fazer-se sacerdote, quando trocaria voluntariamente a tranquilidade do claustro pelo apostolado missionário, onde o mandassem seus superiores. Com uma melhora repentina, e antes mesmo de concluir os estudos foi mandado para o Brasil em 1898, posteriormente voltou à Europa para a conclusão dos estudos. No ano imediato regressava ao Brasil, em definitivo para consolidar a fundação do Mosteiro de Santa Cruz na serra do Estêvão em Quixadá. Tendo inaugurado em 24 de dezembro de 1906, nele permaneceu por espaço de dezenove dias, pois veio a falecer a 13 de janeiro de 1907 com 36 anos, eram passados **quinze anos daquela súplica que dirigia aos céus**, no limiar de sua carreira monástica, acometido de outra terrível moléstia, a febre amarela”. (Sousa, 2007, p. 253-256).

Conforme descrição de Sousa (1997), o visitante que chega a Quixadá e quer apreciar um dos pontos de beleza natural do município, deve se dirigir à serra e, à medida que vai subindo por uma rodovia sinuosa de 22 Km,

[...] experimenta-se a agradável sensação produzida pelo abrandamento gradual da temperatura. No cimo da montanha [sic] [serra] desvenda-se soberbo panorama com um raio de muitos quilômetros de extensão. Contribui para o pitoresco da paisagem o vasto lençol d'água do açude de Cedro que recobre parte da planície adjacente, emoldurando de monólitos que emprestam à região aspecto característico (SOUSA, 1997, p. 68-69).

“Seria obra do acaso ou uma determinação divina”. Foi assim que a irmã, atual administradora da Casa de Repouso São José, iniciou sua entrevista realizada no dia 25 de julho de 2010. Segundo ela, tudo tem início em razão da chegada dos monges beneditinos, que vieram ao Ceará no final do século XIX, em busca de ares salubres, já que o antigo mosteiro de Olinda, construído, conforme Costa (2002), em 1582 era assolado pela mortífera epidemia da febre amarela. A dificuldade vai marcar todo o andamento da construção do novo mosteiro dos beneditinos, tendo em vista que a região escolhida para a iniciativa foi o sul do Ceará. Continua o autor, a chegada dos religiosos coincide com a crise da Igreja Católica decorrente do “milagre de Juazeiro” envolvendo o Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, que ao receber a hóstia, viria a escorrer sangue de sua boca. Para o bispo de Fortaleza, poderia ser uma forma de apaziguar os ânimos na região. Só que para se chegar a cidade do Crato, região sul do Ceará, a dificuldade era grande, em função da extensão da Rede Viação Cearense (RVC), que só alcançava o município de Quixadá; o restante do percurso teria que ser feito a cavalo. É aí que acontece a inesperada queda de cavalo responsável pela mudança dos planos com relação à construção do mosteiro.

Sobre este episódio, vejamos a versão da atual administradora da Casa de Repouso São José:

[...] os monges tinham intenção de chegar até Iguatu¹⁰, só que nesta viagem a cavalo, o monge [Abade de Olinda (PE), Dom Geraldo van Caloen] caiu e parece ter fraturado uma perna. Ele teve que vir pra Quixadá e foi acolhido pelo padre. Durante sua recuperação o pároco e algumas pessoas influentes da cidade perguntaram se ele não queria conhecer algum lugar da região de Quixadá que lhe interessasse construir o mosteiro, ele então disse sim. E foi justamente o local da serra do Estêvão que o trouxeram. A serra chama-se Estêvão e não Santo Estêvão, isto porque as primeiras pessoas que andaram por aqui encontraram um escravo fugitivo de Pernambuco escondido na mata de nome Estêvão. (Administradora da Casa de Repouso S. José, 2010).

¹⁰ Acidade de Iguatu fica situada na região centro sul do estado do Ceará, a uma distancia de 377 km da capital Fortaleza, seu acesso pelas CE- 060 (rodovia que a liga a cidade de Quixadá a uma distância 215 km) e 359; ou pelas BR 116 e 122. Informações baseada no site oficial da prefeitura de Iguatu. (Fonte: <http://www.iguatu.ce.gov.br/>).

Quanto à questão da denominação da serra do Estêvão, o historiador Bonifácio de Sousa diz que “[...] do ponto de vista histórico, pouco se sabe acerca do primeiro ocupante ou desbravador daquela região. Ter-se-ia chamado Estêvão de tal, segundo uma tradição local, apoiada no fato [...] de se transmitir ao lugar o nome de seu primitivo ocupante” (1997, p. 238). Para a administradora da Casa São José em seus relatos, não resta dúvida, o primeiro habitante da região teria sido “o escravo fujão de nome Estêvão, daí a denominação da referida serra”. (Administradora da Casa de Repouso S. José, 2010).

Os quixadaenses ofereceram todas as facilidades: terreno, material de construção e tudo o mais que se fizesse necessário para a construção do referido mosteiro.

[...] Isto aconteceu a 14 de setembro de 1899, festa litúrgica da exaltação da Santa Cruz daquele ano abençoado de inverno abundante e bem distribuído, fazedor de d’água e criador de legume! Lá no alto da colina, que domina aquele Sítio, do qual se descortina maravilhoso panorama, Dom Geraldo benzeu e plantou uma cruz improvisada, atualmente substituída por um cruzeiro monumento *ad perpetuam rei memoriam*. Estavam assim batizados, com o nome de *Santa Cruz*, aquela colina e o futuro mosteiro (CASTELLO BRANCO, 2007, p. 29).

Para a irmã, atual administradora da Casa de Repouso São José, construir um casarão em cima da serra, em pleno início do século XX, cuja estrutura física se mantém praticamente até hoje, não era nada fácil. Pelas fotos 8 e 9 é possível perceber a veracidade das informações sobre a manutenção da estrutura centenária do mosteiro. O material era transportado nas costas de burro e de jumentos, diz a irmã. “Tem um... não sei onde conta isto, que a carga do burro era mais cara de que a carga do jumento, uma discriminação com o pobre do jumento né? Então valorizou o burro”. (Administradora da Casa de Repouso S. José, 2010). Quanto à data da inauguração do mosteiro, teria ocorrido por volta de 1906, confirma a irmã.



O autor a passeio com um colega seminarista na Ladeira do Mosteiro

Fonte: Castello Branco (1995, p. 19).



Fonte: Lima (2010)

Foto 8/9 - Antiga fachada do mosteiro da Santa Cruz/atual fachada do mosteiro das Irmãs Missionárias Imaculada Conceição.

Depois de concluído o Mosteiro de Santa Cruz, os monges cuidaram de abrir um colégio. Então, relata a irmã, em baixo daquele bloco, apontando para a estrutura do prédio:

[...] tem um corredor e umas salas, eram três salas onde funcionava o colégio dos beneditinos, eram rapazes que participavam e eram internos. Este colégio [Pousada São José] servia para custear a manutenção dos religiosos, porque a comunidade já foi crescendo, vieram monges de Olinda e se estabeleceram aqui e outros foram aparecendo. A parte de lá da capela era a clausura dos monges, que hoje é a nossa, e aí eles começaram um trabalho. (Administradora da Casa de Repouso S. José, 2010).

Sobre o trabalho relatado pela irmã, Souza (1997) é enfático, a instituição criada pelos padres beneditinos, o Ginásio São José, prestou relevantes serviços a comunidade quixadaense, cearenses e de outros estados, pois sua fama chegou longe, isto em tão pouco tempo de existência:

[...] o famoso “Ginásio São José” que por espaço de sete anos (1903-1909) atraiu dezenas de alunos das mais importantes famílias do Ceará (os Albanos, os Studarts, os Gentis [sic]) e de diversos outros Estados, até onde chegara o seu renome. [...] Além do ensino das disciplinas do currículo ginásial, atendia a todas as exigências da formação física, espiritual e artística da mocidade, proporcionando-lhe uma educação integral, de comprovada eficiência. Preparou para as lides da inteligência e para os triunfos da vida plêiade de jovens portadores de sólida base cultural, [...] de modo que passou a constituir honrosa recomendação o diploma de bacharel em ciências e letras. [...] A comunidade dos monges-professores era uma enciclopédia viva. [...] A descontinuidade das diretrizes do ensino no Brasil e consequente perda de equiparação dos estabelecimentos particulares, foram causas determinantes do encerramento das atividades do Ginásio São José, em 1909, já então abalado com o prematuro falecimento de seu insigne reitor Dom Maurício Prickzy, que também acumulava as funções de prior do mosteiro. (SOUZA, 1997, p. 70-71).

É possível perceber que após a morte de D. Maurício o ginásio não teria condições de prosseguir com suas funções. Sem sua principal fonte de renda e com a grande seca de 1915, que devastou grande parte do Ceará, o mosteiro e a permanência da comunidade dos padres tornou-se inviável. Todo o complexo permaneceu abandonado até 1929, data em que a extinta Abadia Beneditina foi transferida por D. Manoel, Arcebispo de Fortaleza, em usufruto perpétuo para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição.

As novas administradoras logo procuraram dar ao espaço uma nova função para o sustento da congregação. De início, conta a irmã, o antigo ginásio foi transformado em uma casa de hospedagem especializada em atender pessoas com doenças respiratórias, isto porque a serra reunia condições físicas favoráveis à saúde. [“Naquele tempo a tuberculose era de difícil cura, então, os médicos consultavam os pacientes, medicavam e mandavam fazer este tratamento aqui. Então, muitas pessoas vieram, passaram por aqui para o seu tratamento de tuberculose”]. Com a evolução da medicina, a doença passa a ser tratada com uso de medicamentos químicos, tornando os antigos espaços de cunho terapêutico obsoletos. Então, foi preciso readaptar o espaço, transformando-o em casa de hospedagem. Mas que nunca

perdeu tal denominação e, isto confessa a irmã, [“traz até certo problema para nós, porque às vezes as pessoas pensam que casa de repouso ou é pra gente com doença mental ou pessoa idosa, quando nós recebemos todo tipo de pessoas aqui”]. Neste trecho da entrevista, percebe-se a preocupação dela em tentar desfazer a ideia de sanatório, casa de idosos, para pousada, dando-lhe uma conotação de modernidade, pois só assim se poderia receber as mais diversas pessoas.

Durante a entrevista sempre procurou evidenciar as grandes dificuldades que a casa enfrentou durante os mais de cem anos de existência. Também se percebe que o complexo religioso prima em manter laços de afetividade com a comunidade local, quando cita várias ações de caráter assistencialista, mas sempre ligada à problemática e à história da comunidade local. Também procura manter com os hóspedes uma relação afetuosa, assim como eles mantêm com a casa.

Desde que assumiu a administração, em 2003, a irmã diz que as dificuldades são muitas, mas resiste às tentadoras propostas de inovação e modernização do ambiente. E completa, [“procuramos manter as mesmas características físicas e culturais da casa, e tem mais, a propaganda não é feita usando os meios de comunicação, ela se processa pelos próprios frequentadores que se encarregam da divulgação do ambiente”]. Mas confessa que já existe uma parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com o propósito de criar um logotipo, em que configure a marca da casa.

Informou que atualmente a procura para a realização de eventos vem aumentando. São, na sua maioria, grupos religiosos; mas acontecem eventos patrocinados pela prefeitura, Organizações Não Governamentais (ONGs) e outras instituições. Geralmente realizam treinamentos voltados para o interesse da população local, em que tratam questões sobre o desenvolvimento de técnicas junto à comunidade para o melhor aproveitamento da água, cursos de alfabetização, entre outros. “É assim, a casa vive disso”, confirma a irmã.

Afirmou ainda que não têm grandes projetos para o momento. Quando participa das reuniões patrocinadas pelo SEBRAE é sempre aconselhada a modernizar o ambiente (frigobar, TV etc.). No entanto, vem resistindo a todas as benfeitorias que o mundo moderno pode proporcionar, sem perder o conforto, mas com simplicidade. “É a marca da casa, nos quartos, por exemplo, pode ser observado o uso da moringa (quartinha) de botar água, fica em cima de uma prateleira, isto é o que faz a diferença do ambiente”, diz a irmã.

Contou-nos ainda que:

[...] o ex-presidente Castelo Branco dormiu aqui, foi sua última noite; veio a Quixadá para visitar o sítio da escritora Raquel de Queiroz, que eram muito amigos, e depois da visita lá, ele veio pra cá dormir aqui... Pois é então, ele veio pernoitar aqui, tomou

café e no dia seguinte ele desceu à cidade, pegou o avião, foi quando ‘abateram’ o avião dele lá em cima no Mudubim perto de Fortaleza. As irmãs na época tentaram manter o quarto, como ele havia deixado. O Estado se comprometeu a pagar uma quantia para a casa, para preservação, só que com o passar do tempo deixou de cumprir, tornando-se inviável continuar com o quarto apenas para visitação turística. A alternativa foi doar tudo que estava preservado ao museu da cidade. (Administradora da Casa de Repouso S. José, 2010).

Com essa atitude é possível, encontrar no Museu Histórico “Jacinto de Sousa”, os objetos do quarto e de uso pessoal do ex-presidente do Brasil, o cearense Humberto Castello Branco, falecido em acidente de avião, segundo versão oficial. Sobre a visita e as últimas horas do ex-presidente Castello Branco em Quixadá, Sousa (1997) faz um relato comovente, intitulado “Amanhã verei o amanhecer”:

[...] Depois de um dia agradável passado no convívio de velhos amigos, na fazenda **Não Me Deixes**, [...] o marechal Humberto Castello Branco subiu, ao amanhecer, à serra do Estêvão, para uma rápida visita à Casa de Repouso ali existente. [...] Ao chegar à Serra, foi recebido pela Irmã Superiora. [...] Foi-lhe reservado o apartamento nº 18, [...] do qual se descortinava a visão panorâmica do açude do Cedro emoldurado em rochedos, e, mais para a direita, os sertões de Quixadá, a perder de vista. [...] Ates da hora do recolher, [...] improvisaram-lhe uma manifestação inspirada na admiração de suas virtudes fortes e na gratidão pelos serviços prestados ao País. Estas cousas lhe foram ditas por intermédio de uma criança cuja inteligência e vivacidade supriam as deficiências da idade e da improvisação. Acostumado a conter seus sentimentos o Soldado-estadista não pôde reprimir a emoção daquele instante: ‘Esta homenagem, interpretada por uma criança, me sensibiliza o coração. É uma benção dos céus achar-me aqui neste recanto, onde a gente parece estar mais perto de Deus. [...] Esperava ver o entardecer... mas amanhã verei o amanhecer...’ [...] Por fim, preparou-se para partir. Ao despedir-se, agradecido, da Irmã Superiora, prometeu empenhar-se como Governador do Estado para que fosse concertada a rodovia de acesso àquele recanto paradisíaco. Dentro de uma hora, achava-se novamente em Quixadá, onde já o aguardava o avião que deveria transportá-lo a capital cearense. [...] Viagem regular, com horas e minutos marcados para a chegada a Fortaleza. O invisível comandava, entretanto, outra viagem, regulando com precisão a velocidade e a rota do avião, para que ocorresse na hora exata, o encontro imprevisto. Consumara-se a tragédia. O viajante fora arrebatado a outro destino. — ‘Amanhã verei o Amanhecer...’. (SOUSA, 1997, p. 293-295).

O aludido museu fica situado no centro de Quixadá, na Rua Autran Moreno 202, Praça da Estação. A casa construída em 1922 por Raimundo Franklin compõe parte do monumento do “Quixadá Antigo”.

Fala-nos das impressões e outros detalhes que tanto caracterizam aquele acolhedor ambiente. Assim conclui a irmã:

[...] então a nossa casa, é isso ai, é um lugar... assim em que as pessoas vêm para buscar mais tranquilidade, uma paz, ambiente de oração, temos vários locais reservados... assim mais para oração, tendas de oração espalhadas pela vegetação. Um pouco mais adiante temos a capelinha da irmã Dulce, uma coisinha lá, imitando uma capela, visto que a irmã Dulce é da nossa congregação, e ela está em processo de beatificação. (Administradora da Casa de Repouso S. Jose, 2010).

Percebeu-se que existe um grande esforço por parte da atual administradora da Casa de Repouso São José de manter vivos os costumes e hábitos tradicionais, como o exemplo já citado do uso da moringa, e a difícil tarefa de preservar a arquitetura centenária. Todo este esforço de manter o espaço sintonizado com a cultura local é corroborado pelos visitantes ilustres ou os mais simples. Para Sousa (1997), ninguém melhor do que a escritora Rachel de Queiroz poderia definir com tanta propriedade o ambiente centenário. Em sua asseveração, que a transcrevemos na íntegra, assim diz:

[...] quem tiver pecados, quem tiver tristezas, ou vontade de ficar só, ou dar um pouco de atenção à pobre alma, ou um pouco de limpeza e repouso ao pobre corpo, tome o trem na Fortaleza ou vá de avião até Quixadá. Lá peça condução para a Serra, peça um quarto à Supervisora. Veja o sol nascer por cima dos Serrotes, desça as veredas da serra, almoce a alface das Irmãs, merende as frutas do pomar. Leia ou reze, ou chore, ou recite versos, ou simplesmente sinta-se em paz. E dentro de poucos dias há de sentir que, embora nascido homem, você não é simples bruto; que a vida é uma coisa em si, tendo nela própria o seu fim e sua explicação, e não um mero pretexto para luta e crueldade. E que o nascer e o morrer afinal não representam apenas o começo e o final de uma fase torpe – podem ser os limites de um entreato de calma e silêncio, de ternura e meditação. (QUEIROZ, s.n.d. apud SOUSA, 1997, p. 72).

Mantendo uma estrutura correspondente aos padrões da simplicidade local, os lugares preservam vivos alguns costumes e hábitos do homem sertanejo, resistindo às imposições da modernidade, mostrando a existência do lugar real, relacional e identitário. A preservação e valorização da cultura local apresentam-se, no nosso entendimento, o contraponto aos padrões do mundo capitalista globalizado e da espetacularização mercantilista que ora envolve muitos espaços sagrados.

4.3.2 A Serra do Urucum: Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão.

O santuário de Quixadá tem uma história recente, sua inauguração ocorreu no dia 11 de fevereiro de 1995, sendo este mês e o dia 12 de outubro consagrados à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, os períodos de maior fluxo de peregrinação. Na avaliação de Eliade (1992), o tempo para o homem religioso nem é homogêneo nem contínuo, nele se verifica os intervalos, o tempo das festas. Neste sentido, conclui: “[...] o homem religioso vive assim em duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, o Tempo sagrado, [...] espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos”. (ELIADE, 1992, p. 64).

As fotos 10 e 11 confirmam o santuário em dia de grande movimentação, por ocasião do “Tempo sagrado”, festa em homenagem a Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, no último domingo do mês de fevereiro. Embora ainda não se configure em santuário de grande movimentação, se comparada aos tradicionais espaços religiosos do Ceará (Canindé e

Juazeiro do Norte), vem ganhando projeção como mais uma atividade importante para a economia do município,

[...] além de ser um local convidativo para um encontro com Deus, tornou-se uma atração turística para os que visitam Quixadá, levando, para os mais distantes pontos do país, uma belíssima impressão do visual que se descortina do sopé da serra do Urucu [sic] e se estende através dos aluviões do Sitiá. (COSTA, 2002, p. 185).



Fonte: Lima (2011).

Foto 10 - Deslocamento de peregrinos, após o término da Missa.



Fonte: Lima (2011).

Foto 11 - Movimentação de peregrinos no espaço profano: livraria e restaurante.

Situa-se no morro do Urucum, a uma altitude de aproximadamente 550 m acima do nível do mar e a 12 km do centro de Quixadá. Um espaço de singular beleza que atrai devotos, simpatizantes de caminhadas, escaladas, voo livre ou simplesmente admiradores da natureza. Apresenta-se, desta forma, como mais uma nova proposta de cidade-santuário. Nele, os aspectos do sagrado se apresentam em todos os pontos do espaço. Logo na estrada de acesso, encontram-se estátuas representando cenas da Via Sacra; a capela, principal local de oração, onde os peregrinos realizam, através de mensagem, pedidos e agradecimentos que são depositados no recipiente em forma de bacia localizado no centro da capela. Por trás do altar, encontra-se a imagem de Nossa Senhora segurando o Menino Jesus. Para o idealizador Dom Adélio Tomasin¹¹, é uma representação mais rica e significativa do que se ela estivesse sozinha. Utilizando a classificação de Rosendahl (2009), o espaço profano se desenvolve diretamente relacionado ao sagrado, pois segundo ainda a autora, “o comércio se restringe às dependências do Santuário, onde ocorre somente a venda de artigos relacionados ao sagrado”. (ROSENDAHL, 2009, p.86). Tudo no Santuário foi harmoniosamente pensado de modo a estabelecer uma sintonia com a natureza que o circula, “a maioria dos monólitos [...] têm formas de cubo, paralelepípedo, cilindro e pirâmide trabalhados pelas águas, ventos e misteriosas forças da matéria. Devia respeitar esse panorama maravilhoso de formas geométricas”. (TOMASIN, 1995, p. 8). O ambiente perfeito para condicionar a movimentação das massas ainda que no primeiro momento, do imaginário, esta locomoção deva se dar em virtude da fé.

Para o poder público local, a construção do santuário viabilizaria a criação de um novo roteiro do turismo religioso, tendo Quixadá como elo de ligação entre os dois principais pontos de peregrinação do Ceará: Juazeiro do Norte e Canindé. Conforme relato do atual presidente da Fundação de Cultura e Turismo de Quixadá: “o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, apresenta-se como principal ponto de peregrinação da cidade”. Realmente observa-se um grande fluxo de visitantes, peregrinos, devotos e de pessoas que veem para fazer retiros, encontros que são realizados principalmente nos fins de semana.

Conforme ainda o presidente da Fundação Cultural de Quixadá:

Há período que chegam mais de vinte (20) ônibus de vários locais, trazendo os peregrinos para o Santuário Mariano. [...] Algumas ações do Governo do Estado que

¹¹ “Dom Adélio Tomasin segundo bispo de Quixadá, natural de Nontegaldella, província de Veneza (Itália), onde nasceu em 27 de abril de 1930. Tendo concluído o curso de Teologia no Seminário de Ferrara, ordenou-se sacerdote em 26 de março de 1955. Chegou ao Brasil em 1962, após realizar trabalhos no Rio Grande do Sul, retornaria à Itália em 1968. De lá foi à Inglaterra a fim de realizar estudos lingüísticos. Sua volta ao Brasil aconteceu em 1984. No dia 8 de março de 1988, recebeu a notícia da decisão papal nomeando-o ao cargo de bispo da Diocese de Quixadá, tendo renunciado em 2007”. (COSTA, 2002, p. 183-184).

ainda não se colocou em prática, seria um corredor que poderia ser montado de roteiro turístico religioso. Hoje nós temos entre o Canindé de São Francisco e o Juazeiro do Norte do Padre Cícero, o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão em Quixadá. A construção dessa passagem vem se consolidando, e se incorporando cada vez mais aos peregrinos de Canindé e Juazeiro. São ações de suma importância para a construção do turismo em Quixadá, pois acabam incentivando outros setores, como o cultural, histórico e o de aventura. (Presidente do Centro Cultural de Quixadá, 2011).

Com o intuito de conhecer os detalhes da história do santuário mariano, entrevistamos a Irmã e atual gerente do complexo que ofereceu informações bastante esclarecedoras. Ela nos indicou o livro “História do Santuário”, escrito por ocasião de sua inauguração, em 11 de fevereiro de 1995, por Dom Adélio Tomasin.

O livro está organizado em nove partes, em que o autor procura de forma simples relatar as etapas e as dificuldades que encontrou ao longo da sua caminhada para a concretização do seu objetivo – a construção da casa da Mãe de Jesus. Neste sentido, destacar-se-á alguns pontos considerados relevantes para análise do estudo.

No item “A ideia do santuário”, o autor diz que nunca tinha pensado em construir sequer uma igreja grande, muito menos um santuário. Então, como surgiu tal ideia? Segundo ele, na ocasião da missa em homenagem a Nossa Senhora do Carmo, isto por volta de 1988, e logo após a comunhão, veio em sua mente à seguinte frase: “Por que tu não pensaste em construir uma casa para minha Mãe?” Nos momentos finais da celebração, pediu que os presentes sentassem, pois tinha uma pequena história para contar. Ao falar da sua fantasia, como preferia acreditar, foi surpreendido por uma estrondosa e demorada salva de palmas. Assim brotava a ideia do santuário, visto entre os monólitos, um lugar que dominava o sertão, conclui D. Adélio. A manifestação de algo sobrenatural que o condicionou a uma determinada conduta que implicou na construção de um espaço sagrado, segundo Eliade, “[...] qualquer coisa que não pertence a este mundo manifestou-se de maneira apodítica, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta”. (ELIADE, 1992, p. 31).

Quanto à escolha do lugar, observamos que o espaço escolhido foi pensado de modo a conjugar beleza, contemplação e apreciação da natureza, enfim, um ambiente que proporcionasse ao visitante/peregrino um momento de convicção de fé e lazer, embora este lado profano não deixe transparecer. Assim, quando procurou o espaço ideal para o empreendimento, como um acaso teria ido até a frente da Catedral, a foto 12 retirada do livro ilustra bem este momento, e de lá pela primeira vez notou a beleza selvagem do Monte Urucum. Situa-se entre as serras Branca e Preta, configurava-se como o mais alto morro e, além disso, parecia ter na frente uma espécie de platô, onde provavelmente poderia ser construída a “casa” para a Mãe de Jesus. Assim diz: “senti um forte impulso e uma grande

vontade de conhecê-lo mais de perto. No dia seguinte peguei o carro e rumei na direção do morro”. (TOMASIN, 1995, p. 4).



Fonte: Tomasin (1995, p. 4).

Foto 12 - Vista do Monte Urucum do interior da Catedral de Quixadá.

Depois, conta-nos que procurou o proprietário para fechar negócio de compra. Após isto, quis ver o que realmente havia lá em cima e contou ao padre Orlando, administrador da diocese, da experiência e do local. No dia seguinte, subiram até o platô e na parte mais alta, colocaram a imagem de Nossa Senhora, como símbolo e pedra fundamental do futuro santuário. E conclui, “[...] nas mãos dela e de São José, colocamos os sonhos, as esperanças, as dificuldades e os problemas”. (TOMASIN, 1995, p. 5). A foto 13 destaca a placa indicativa da primeira atitude na consolidação do que viria a ser a futura “casa” de Maria.



Fonte: Lima, (2010).

Foto 13 - Placa (fundamental) indicativa do local onde foi colocada a imagem de Nossa.

Na parte em que procura uma justificativa para tal empreendimento, a pergunta em destaque é: por que o Santuário? Para dar resposta a tal indagação, o autor procura, em suas reflexões, compreender porque Deus lhe designava como responsável por construir uma casa para Nossa Senhora.

Nesta parte do livro, observamos que a ideia inicial, de que tudo não passava de uma brincadeira, mera fantasia de sua mente, quando ouvia voz de sua consciência que lhe pedia a construção de uma casa para Maria, agora muda completamente; apresentando-se como um projeto divino: “por que Deus queria uma casa para Nossa Senhora?”. Entre as possíveis razões, o autor deixa claro sua intenção de desenvolver um núcleo de irradiação e devoção a Maria ou ainda ajudar o povo e a Igreja toda de Quixadá a compreender o projeto que Deus quis realizar em Maria e por Maria.

A “nova” imagem de Maria (foto 14), na mesma postura do Santo Padroeiro do Ceará, São José, (foto 15), em uma atitude de dedicação e proteção ao Menino Jesus, também estará sempre pronta a acolher peregrinos e devotos que se dirigem ao santuário. Na ora das ofertas, romeiros enchem a “bacia dos pedidos” em busca “de esperança, paz e melhores dias”. Foi em síntese, o que a maioria dos entrevistados expressou durante a entrevista, quando indagados sobre o os pedidos feitos a N. Senhora Rainha do Sertão. No dizer de Tomasin, “[...] muitos homens e mulheres encontram no Santuário e no abraço da Mãe, o caminho da convenção que leva a Deus e transforma suas vidas” (TOMASIN, 1995, p. 5).



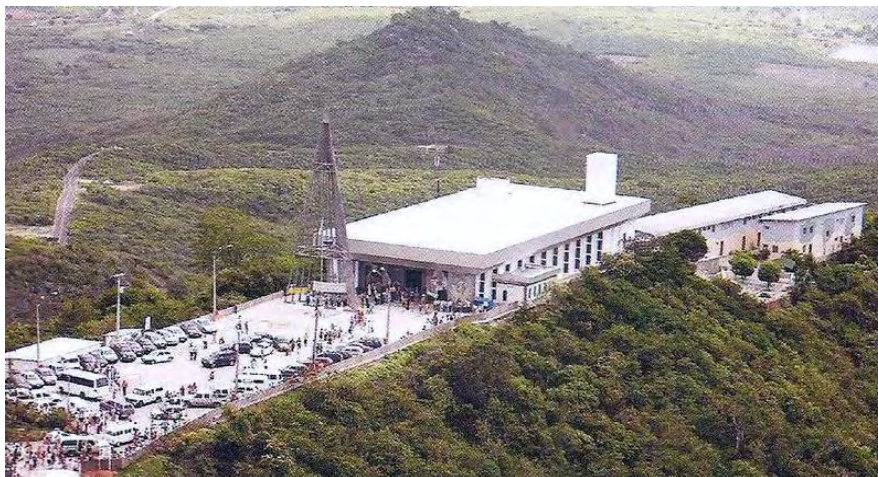
Fonte: Lima (2011)/santacruzlonbrina.org.br.

Foto 14/15 - Maria/São José, mãe e pai assim como abrigam o filho, também acolhem os peregrinos e devotos do sertão.

Quanto à estrutura do santuário, as ideias que inspiraram seu idealizador foi a paisagem natural de Quixadá, pois segundo Tomasin (1995) [...] “a maioria dos monólitos que formam o grande anfiteatro onde está Quixadá têm formas de cubo, paralelepípedo, cilindro e pirâmide trabalhados pelas águas, ventos e misteriosas forças da matéria. Devia respeitar esse panorama maravilhoso de formas geométricas” (TOMASIN, 1995, p. 8). Assim, sua proposta era formar uma relação identitária entre o espaço (re)construído e a cultura do local. No entanto, o espaço (re)organizado destaca-se como um grande centro de convergência de peregrinos/visitantes, que embora sua função básica seja de natureza religiosa, obedece muito mais uma lógica mercadológica, de multifuncionalidade do espaço.

Pela vista panorâmica apresentada pela foto 16 é possível perceber uma arquitetura arrojada e sofisticada, fugindo dos padrões no qual se insere: o Sertão Central. Portanto, a ideia de um local simples, humilde, singelo e pobre como viveu a Sagrada Família, pela presente avaliação, não prevalece. Sobre este aspecto, a ex-presidente do Centro Cultural de Quixadá também tem opinião semelhante, se não vejamos o que disse por ocasião de sua entrevista:

[...] o estilo lá do Urucum é todo um estilo europeu, é assim, engraçado o turismo lá é mais de fora, **Quixadá não se apropriou ainda dessa santa**. É uma crítica positiva. Essa santa foi criada, nunca se ouviu falar de Nossa Senhora Rainha do Sertão. Nas festividades você encontra ônibus das outras cidades, pouquíssimo de Quixadá, quem visita mais são pessoas de outras cidades, porque é uma coisa nova e foi trazida, não é uma coisa nossa, foi uma coisa criada, e assim, até o estilo é diferente do nosso, o estilo é bem europeu. Se você vê as construções baixinhas são para locais de frio, e a serra não é frio, tem apenas um clima ameno, melhor que aqui na parte de baixo, mas elas não são tão frias e a arquitetura é toda pra local que tem muito frio, se você observar, a porta da Igreja é linda, ela é de bronze, é enorme, são belezas diferentes, são coisas bem diferentes, mas que foge da característica do sertão, é como se fosse um ponto da Europa em Quixadá. Não deixa de ser bom, é uma opção, tem seu valor, agora... As pessoas não se apropriaram disso. (Ex-presidente do Centro Cultural de Quixadá, 2010).



Fonte: Tomasin (1995, p. 1).

Foto 16 - Visão panorâmica do complexo turístico Santuário N. S. Rainha do Sertão.

Quanto à estrutura interna do santuário, destaca-se o altar no centro da capela, recebendo, por meio do grande *vitro* em tons azul e fumê, a iluminação natural e permite ao visitante “[...] ver as nuvens e os monólitos. [...] Mistura o mistério do céu e as realidades futuras com as realidades presentes da terra” (TOMASIN, 1995, p. 9). Embora não seja possível visualizar pela foto 17, foram fixados nas paredes laterais imagens de Nossa Senhora com o nome, na qual é venerada em cada país da América Latina. O sentido, explica Tomasin, estabelecer uma harmonia entre todos os irmãos latinos americano. E completa, “[...] assim como a dor nos une na vida, também o amor da única Mãe faz de nós todos um só povo da esperança” (TOMASIN, 1995, p. 11).



Fonte: Lima (2010).

Foto 17 - Altar da capela do Santíssimo, em destaque imagem de N. S. Imaculada Rainha do Sertão.

Outro símbolo intrigante é a estátua do Cristo Crucificado (foto 18), localizada ao fundo da lateral direita da capela. A imagem já mereceu referência de uma entrevistada que participava da caravana de romaria ao santuário, na ocasião 06 de fevereiro de 2011, como parte das festividades religiosas em homenagem a Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão; organizada pela Capela Nossa Senhora Aparecida no Bairro Jardim das Oliveiras, Fortaleza-Ce. Como era do meu interesse, procurei o organizador do evento, a quem expus os objetivos do trabalho que estava realizando em Quixadá, para participar da caravana, no que fui prontamente atendido. Durante o percurso, não tive dificuldade em interagir com o grupo que, em sua maioria, era formado por senhoras em companhia de familiares.

Entre as entrevistadas uma me relatou, em reservado, que o motivo de sua ida ao santuário era que queria ver e comprovar o fenômeno do nascimento de cabelo humano na imagem do Cristo Crucificado. Após sua visita, insisti se havia confirmado o fenômeno, ela foi, então, taxativa: “não, vi nada”. Acontece que os pêlos existem e, foram colocados atendendo ao pedido de Dom Adélio Tomasin, que forneceu ao artista holandês Toon Grassns, alguns critérios de fundo, para que a escultura apresentasse um tom realista, com o objetivo de oferecer aos peregrinos um convite à reflexão, meditação e convenção.



Fonte: Lima (2010).

Foto 18 - Cristo Crucificado, obra do artista holandês Toon Grassns.

Como ficou evidente, todo o ambiente foi idealizado de modo a impressionar o peregrino, passando pela arquitetura com padrões modernos e arrojados que proporcionam conforto e bem-estar; e por fim, os artefatos religiosos, carregados de simbologia, consagram o espaço com o ar da sacralidade.

Com base no que já foi exposto e nas colocações decorrentes da entrevista realizada com a ex-presidente do Centro Cultural “Raquel de Queiroz”, a funcionária pública e da artesã e comerciante da Associação dos Artesãos de Quixadá (ARTEQ), é possível adiantar algumas considerações a respeito da existência de vários pontos divergentes quanto à ideia de pertencimento formada pela relação histórico e cultural entre os espaços sagrados, a população e o lugar. Destacaremos parte das entrevistas onde se percebem pontos divergentes sobre a questão. Para a ex-presidente do Centro Cultural de Quixadá:

[...] Olha é o seguinte nós temos duas coisas fortes aqui no turismo religioso; nós temos o santuário, que foi construído há quinze anos, e nós temos aqui a Serra do Estêvão e que é lindíssimo também, [...] mais conhecido, por D. Maurício [...] que administrou o mosteiro. Assim nós temos dois tipos de turismo religioso, [...] ou

melhor, duas tendências, nós temos uma mais para o tradicional, que é o lá da serra do Estêvão, em D. Maurício, e nós temos um outro que apresenta uma arquitetura moderna, inclusive com uma rampa de voo livre que é uma das melhores do Brasil, que fica lá no Santuário Mariano na serra do Urucum, mais divulgada esta última do que a primeira. Mas a primeira é tradicionalíssima, [...] lá é interessante são as freiras que administram, fazem tudo, você come o queijo feito lá, a comida é toda feita por elas sabe, é uma coisa super saudável, um ambiente para quem quer repousar, [...] de muitas flores, um local muito bonito, uma paisagem lindíssima. Quem quer essa coisa mais esporte, misturar um pouco religião com esporte aventura vai pra serra do Urucum, quem gosta de meditação, tranquilidade, da beleza, então, vai pra outra serra. Em D. Maurício tem uma questão cultural muito forte, é tanto que já a mais de vinte anos eles realizam a semana cultural de D. Maurício. Em D. Maurício nós temos no sítio Veiga, os remanescentes do quilombo, nós temos o seu Joaquim que um remanescente que tem a dança de São Gonçalo, já no Urucum nós não temos. [...] São dois locais que trabalham com a questão religiosa de forma diferente, uma riqueza que não é todo canto que tem, nós precisamos tornar conhecido, fazer com que as pessoas valorizarem, conheçam mais. As gestões também precisam investir mais, porque é certo, nunca dar pra investir o que quer... A prefeitura nunca consegue fazer o que ela planeja no total, mas você pode priorizar, quando você prioriza pelo menos o mínimo você consegue. Então, são dois tipos de turismo, aliás, é um tipo só, que é o religioso, com estas duas facetas que são interessantíssimas. (Ex-presidente do Centro Cultural de Quixadá, 2010).

Na mesma linha de pensamento, discorre a ex-funcionária pública do Museu de Quixadá:

[...] A gente sabe que boa parte da nossa população é religioso da Igreja Católica. A nível de população geral eu acho que é um pouco mais difícil para a população.[...] Eu já fui lá algumas vezes visualizar o que estava acontecendo com as práticas do voo livre. É uma santa muito distante, é um local de difícil acesso [...] não há essa proximidade maior da população com o santuário, agente sabe que existe, mas muita gente não foi lá, não conhece. É assim, eu vejo o santuário muito mais como espaço natural, não vejo como religioso. As vezes que fui lá, foi pra... Claro eu vou na igreja, mas quando agente chega lá, ver toda essa área das pedras, uma sensação muito boa, um visual muito bonito, uma paisagem muito bela”. [Ex-funcionária pública do Museu de Quixadá, 2010].

Já para a artesã, existe sim uma relação histórico-cultural consolidada entre o Santuário N. S. Rainha do Sertão e o lugar. Assim, para ela:

[...] Sinto o Santuário é parte da nossa cultura sim, mas até o santuário já mudou esse ano [2010]... porque eu vou todos os anos lá, antes quando agente podia juntava uma equipe e ia a pé, aí eu tava com problema na perna ia de carro. [...] No dia da festa da Santa [N. S. Rainha do Sertão] tem muita gente. [...] A briga de bispo aí atingiu o santuário. O outro que chegou aqui [D. Adélio] fez muita coisa... Porque dizer o que é [...] assim, no meu bairro eu acho que tem umas cinco famílias que recebe essa cesta. [Artesã/comerciante da ARTEQ, 2010].

5 MORADORES E VISITANTES: OLHARES SOBRE O ESPAÇO SAGRADO.

Neste capítulo, tratar-se-á da execução e dos procedimentos metodológicos desenvolvidos na pesquisa de campo. Para tal, utilizou-se da observação, do questionário e da entrevista, aplicados com o propósito de obter traços característicos, informações representativas e significativas da realidade que se quer pesquisar. A investigação desenvolvida com os diversos grupos sociais envolvidos, direta ou indiretamente, com a problemática em curso, que no nosso entendimento, foi importante por fornecer informações essenciais para o avanço do trabalho, são eles: população fixa (moradores) e população flutuante (visitantes/peregrinos).

Conforme Lakatos (2003), para se evitar erros, informações tendenciosas e, assim, obter o total sucesso na pesquisa, é necessário que se faça um controle rígido e se utilize de forma adequada as técnicas na pesquisa. Para a devida adequação das técnicas, dividiu-se o primeiro grupo em população geral (estudantes, donas de casa, comerciantes, funcionários públicos, aposentados etc.); e população específica, representantes da vida cultural (cantadores, historiadores), da vida religiosa (bispo, padres e irmãs que administram a pousada e os espaços sagrados) e da vida política (prefeito, lideranças políticas, secretários entre outros). Essa divisão se justifica apenas pela aplicação diferenciada do instrumento de pesquisa, o questionário (apêndice A), com o primeiro grupo, por constituir um grupo numeroso e disperso; e a entrevista (apêndice B) com o segundo. Para o grupo de visitantes/turistas também optou-se pela aplicação do questionário (apêndice C), a utilização de tal instrumento se justifica pelo mesmo grau de dificuldade verificado com o primeiro grupo, acrescente a isto, o tempo/permanência no local de visitação, que é muito curto.

Os instrumentos de pesquisa foram elaborados com o objetivo de entender, a partir de um diálogo direto com os sujeitos envolvidos na temática, os motivos, a história, as dificuldades e a relação que se processa entre população fixa/flutuante e o lugar. Esta interação social entre pesquisado/pesquisador, como sugere Minayo, constitui elemento essencial para a pesquisa qualitativa, pois resulta “[...] um produto novo e confrontante tato com a realidade concreta como as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos”. (MINAYO, 1996, p. 105).

A trajetória do trabalho de campo foi desenvolvida em dois momentos distintos, mas que ao mesmo tempo se complementam. O primeiro, realizado ainda no início do ano de 2010, esteve vinculado à problemática do turismo enquanto fator de desenvolvimento de Quixadá. Caracterizou-se pela chamada fase de observação, busca de informações e aplicação

de testes iniciais. Embora superficial, representou uma importante etapa para o desenvolvimento do trabalho, ocasião em que foram feitas as primeiras visitas de campo com o propósito investigativo: reconhecimento do lugar, interação social e aplicação de questionários.

Na continuidade do trabalho investigativo, as observações, visitas e coletas foram realizadas sempre com o objetivo de consolidar e alargar os conhecimentos já adquiridos e aprofundar o universo de referência, de modo que as ações desenvolvidas focalizassem em direção ao objeto de estudo. Na análise e interpretação dos dados, foram considerados os valores, atitudes e opiniões dos sujeitos e, por considerá-los imprescindíveis para o estudo, serão apresentados com maior acuidade.

As informações resultantes da pesquisa de campo foram ajustadas no corpo do trabalho, de modo a deixá-lo compreensível e objetivo. No caso das entrevistas, registra-se no decorrer da dissertação, quando o tema em discussão assim demandar. Já os resultados obtidos com os questionários, em que as análises serão acompanhadas por tabelas e gráficos, foram ajustadas nos itens que se seguem, completando assim, a estrutura do trabalho.

5.1 Moradores e o espaço sagrado.

As experiências adquiridas nesta fase exploratória, embora desenvolvidas em condições limitadas, contribuíram sobremaneira para acostarmos à realidade que se pretende pesquisar. A averiguação teve por finalidade analisar os aspectos subjetivos que formam a essência da realidade social: significados, atitudes, crenças e valores. Embora os aspectos quantitativos não representem motivo de maior proeminência no desenvolvimento do trabalho de campo, não devem ser descartados, e sim empregados em combinação, pois, [...] “a ciência pesquisa (e estabelece) quais as mudanças de quantidade necessárias para que se produza dada mudança de qualidade”. (LACATOS, 2003, p. 104).

Nesta fase de aprofundamento do estudo, foi importante a colaboração dos alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), cabendo-lhes as coletas dos primeiros dados. Após a formação dos grupos e distribuição das tarefas, fez-se um breve treinamento, no qual se tratou dos objetivos, do tipo de técnica utilizada e as questões a serem aplicadas na pesquisa; era o momento de partir para o trabalho de campo. As visitas a Quixadá foram realizadas no segundo semestre de 2010 (7 e 8, 19 e 20 do mês de novembro), e, primeiro semestre de 2011 (08 e 09 de abril). Na primeira fase foram aplicados setenta e oito (78) questionários, e na segunda, vinte e sete (27).

No dia 30 de maio do corrente ano, nova visita foi realizada, desta vez voltada para os estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE (Campus Quixadá), com estes foram aplicados sessenta (60) questionários. Ao final do trabalho de campo, o universo de sujeitos contabilizou cento e setenta e cinco (175) pessoas, uma quantidade aleatória, mas que no nosso entendimento, contribuiu para que os objetivos propostos fossem atingidos.

Como forma de abranger moradores de diversos bairros, concentramos a pesquisa no centro da cidade, entendendo que para lá convergem pessoas de diferentes localidades, distritos e até municípios vizinhos, procurando assim, ter uma amostragem mais ampla do ambiente investigado.

O questionário foi organizado e dividido em quatro partes, com o objetivo de se obter um diagnóstico que nos mostrasse as especificidades do local. Nas três primeiras partes, fez-se um breve levantamento da realidade socioeconômica do município. Neste sentido, buscou-se: (i) identificar o perfil dos moradores; (ii) constatar a existência ou não de projetos institucionais ligados ao turismo; e (iii) verificar os impactos sociais negativos/positivos que a atividade turística tem proporcionado ao local. Completando a estrutura do questionário, a quarta parte apresenta pontos que visam a compreender a relação histórica, sociocultural que se formou/forma entre os espaços sagrados (Santuário Nossa Senhora Rainha do Sertão na serra do Urucum e a Casa de Repouso São José, na serra do Estêvão), a população e o lugar.

Como etapa final, e considerando todos os aspectos vivenciados durante o trabalho de campo, desenvolveu-se a análise e interpretação dos dados, procurando de forma clara e objetiva verificar as hipóteses levantadas pelo estudo.

5.1.1 Caracterização dos sujeitos: população fixa.

Conforme dados (IBGE, 2010), Quixadá apresenta uma divisão administrativa constituída de treze (13) distritos e vinte e dois (22) bairros. A pesquisa conseguiu abranger um universo de cento e setenta e cinco (175) pessoas, distribuídas pelos quinze (15) bairros, cinco (05) distritos e três (03) municípios, o que significa uma amostra relativa da realidade local. Destes sujeitos, como pode ser observado na tabela 2, cinquenta e três (53) residem no Centro; dez (10) no Campo Novo; nove (09) residentes no Campo Velho, oito (08) provenientes do Alto São Francisco, sete (07) oriundos de São João, e cinco (05) de Carrascal. Na sequência aparecem bairros com três, dois e um habitante. Os distritos relacionados pela pesquisa foram: Juatama, Riacho Verde, Custódio, Cipó dos Anjos e D. Maurício; já os municípios apontados foram: Banabuiú, Choró e Ibareta. Por fim, completando a tabela,

temos um grupo de trinta e quatro (34) pessoas que indicaram somente a rua, ou fizeram referência ao nome da fazenda onde trabalham e/ou residem, ou ainda mencionaram apenas a cidade de Quixadá, tornando difícil a identificação do bairro e do distrito.

Quanto à faixa etária e gênero, os números nos levam a concluir que a população é formada em sua grande maioria por jovens. O grupo dos 16 a 30 anos ficou constituído de cento e vinte (120) pessoas, representando 68,6% do universo investigado. Os que se encontram na faixa de 31 a 40, contabilizou vinte e seis (26), representando 14,9%; os da faixa de 41 a 50 ficou composto de dezenove (19) pessoas, ou seja, 10,9%; já os que se encontram na faixa acima de 51 anos, conformam dez (10) pessoas, representando 5,7%. Em relação ao gênero, o quadro apresenta equilíbrio entre a população masculina, com oitenta e nove (89) correspondendo 50,9%, e a feminina, oitenta e cinco (85) representando 48,6%.

Tabela 3 - Distribuição dos sujeitos segundo residência, idade e gênero.

N = 175

LOCALIDADE, IDADE e GÊNERO.															
BAIRRO	16-30 ¹		31-40		41-50		51-60		61-70		>70		G/I	T	%
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F			
Centro	16	21	04	06	06	03	-	-	02	01	02	-	-	61	34,9
Campo Novo	01	02	02	01	03	-	01	-	-	-	-	-	-	10	5,7
Campo Velho	06	02	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	09	5,1
Alto S. Francisco.	03	03	01	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	08	4,6
São João	05	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	07	4,0
Carrascal	01	04	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	05	2,9
Cedro	01	01	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	1,7
Combate	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	1,1
Planalto Renascer	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	02	1,1
Planalto Univ.	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	1,1
Irajá	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	1,1
Herval	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,6
Nova Jerusalém	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,6
Cohab	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,6
Triângulo	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,6
Juatama	01	03	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	05	2,9
Riacho Verde	03	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	1,7
Custódio	01	01	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	1,7
Cipó dos Anjos	01	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	0,6
D. Maurício	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	1,1
Banabuiu	03	05	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01	10	5,7
Choró	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,6
Ibaretama	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	0,6
Bairro não indicado	10	16	02	02	02	-	01	-	-	-	01	-	-	34	19,4
Total	56	64	12	14	14	05	02	-	02	02	03	-	01	175	100

Fonte: Lima (2011).

G/I – Gênero não Indicação.

¹ Intervalo alterado para atender os alunos do IFCE- Quixadá.

Org.: Victor Fernandes.

Na sequência da análise ressalta-se o perfil educacional dos entrevistados, neste aspecto vale destacar o bom nível apresentado pelos entrevistados, isto considerando que o Ceará, segundo dados (IBGE, 2010), apresenta uma elevada taxa de analfabetismo, em torno dos 18,6%, ocupando a vigésima segunda posição no *ranking* nacional. Para explicar este bom desempenho, recorre-se ao fato de que o município forma um polo regional de educação do Estado. São instituições públicas como a Universidade Federal do Ceará (UFC), Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), recentemente instalado na região. O município conta ainda com a Faculdade Católica Rainha do Sertão, instituição particular que oferece 14 cursos em seus dois *campi*.

Tabela 4 - Perfil educacional dos sujeitos.

N = 175

Bairro	Escolaridade										
	Fund.		Médio		Técnico		Superior		P/E	S/E	S/R
	C	I	C	I	C	I	C	I	--	--	--
Centro	04	02	29	03	02	04	05	09	03	-	-
Campo Novo	02	01	03	-	-	-	01	-	01	02	-
Campo Velho	-	01	02	01	-	01	01	03	-	-	-
Alto S. Francisco	02	-	04	-	-	-	-	01	-	-	01
São João	01	-	02	01	-	-	01	02	-	-	-
Carrascal	01	-	02	01	-	-	-	01	-	-	-
Cedro	-	-	02	01	-	-	-	-	-	-	-
Combate	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto Renascer	01	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto Univ.	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	-
Irajá	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-
Herval	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Nova Jerusalém	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cohab	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Triângulo	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Juatama	-	-	-	02	-	-	01	02	-	-	-
Riacho Verde	-	-	01	-	-	02	-	-	-	-	-
Custódio	-	-	01	-	-	02	-	-	-	-	-
D. Maurício	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Cipó dos Anjos	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Banabuiu	01	-	05	03	-	01	-	-	-	-	-
Choró	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Ibaretama	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-
Bairro não ind.	03	-	17	02	01	01	05	02	-	02	01
Total	16	05	78	14	03	11	15	23	04	04	02

Fonte: Lima, 2011.

P/E – Pouco estudo. S/E – Sem estudo. S/R – Sem resposta. C – Completo. I – Incompleto.

Org.: Victor Fernandes.

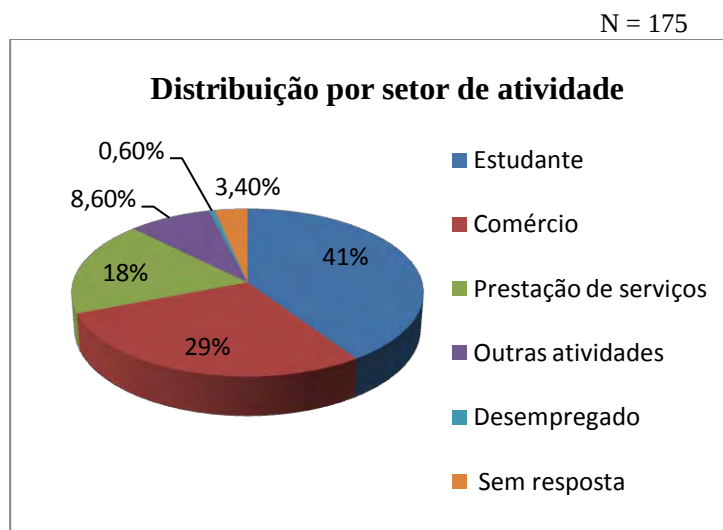
A região passa dessa forma a constituir em centro de convergência e de novas perspectivas aos jovens da região do Sertão Central. Sobre este aspecto, o atual presidente da Fundação Cultural e Turismo de Quixadá ressaltou que o município compõe um:

[...] polo regional, seja na economia, pela diversidade das áreas do comércio de Quixadá, seja na educação, tanto do ensino médio, como do superior. Em Quixadá, nós temos mais de trinta (30) cursos de nível superior, aqui em andamento. Nós temos aqui mais da metade, olhe que nós temos cento e oitenta e quatro (184) municípios... Desculpe quase a metade dos municípios do Ceará tem pessoas estudando aqui. Em Quixadá, são mais de noventa (90) municípios com pessoas estudando aqui. (Presidente da Fundação Cultural de Quixadá, 2011).

Completando a caracterização dos sujeitos, neste item o tema abordado relacionou-se à ocupação/trabalho. Como é possível observar pelo gráfico 1, o segmento de maior destaque ficou por conta dos estudantes, com setenta e uma (71) indicações, representando 40,6% dos entrevistados; seguido dos setores ligados ao comércio (vendedor e autônomo), com cinquenta (50) indicações, representando 28,6%; prestadores de serviços (mecânico, auxiliar de serviços gerais, garçom, taxista, agente administrativo, jornaleiro, secretária, carregador, costureira, camareira, vigilante, cinegrafista, saxofonista, motorista e técnico), com trinta e duas (32) pessoas, representando 18,3%. Formando um bloco de outras atividades, destacam-se servidor público, dona de casa, aposentado, professor, farmacêutico e agricultor, contabilizando quinze (15) indicações, representando 8,6%; apenas um (01) desempregado, 0,6%; e, por fim, seis (06) pessoas que não informaram a ocupação, representando 3,4% do universo investigado.

Esta predominância do segmento educacional reforça ainda mais a ideia de centro de convergência de jovens do Sertão Central. Outro aspecto detectado, relacionou-se à rotina econômica da cidade, esta gira principalmente em torno de atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços.

Gráfico 1 - Distribuição dos sujeitos por setor de atividade/trabalho.



Fonte: Lima (2011).
Org.: Victor Fernandes.

5.1.2 Projeto institucional do poder público local para o setor de turismo.

Investigar a participação do poder público local, enquanto gestor que elabora, organiza e investe em projetos de desenvolvimento turístico para a cidade, constituirá na principal proposta dessa subunidade. Para isto, toma-se por base os seguintes temas investigativos: existência de projetos voltados para o turismo; segmento que tem recebido maior investimento; cuidado com o patrimônio e a aparência da cidade; e por fim, a vocação turística de Quixadá.

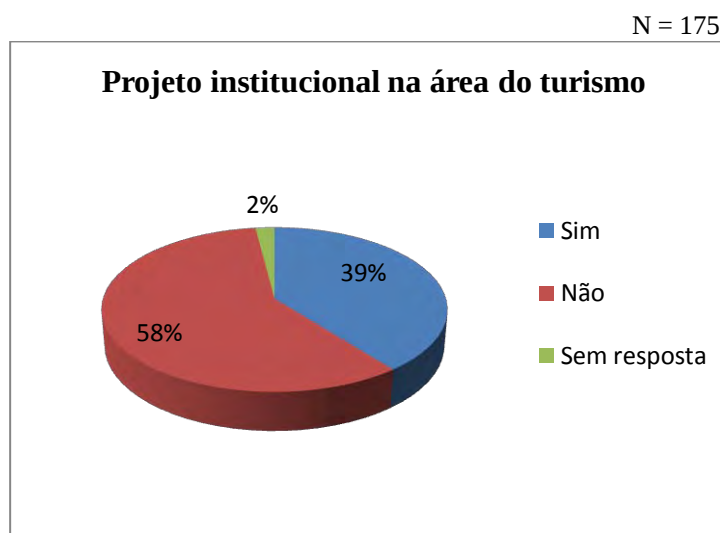
Considerando a complexidade do tema, o fato da pesquisa desenvolver-se em uma área do sertão cearense e como forma de subsidiar a análise, inicia-se a discussão apresentando o conceito de turismo sertanejo. Tomado segundo Seabra (2007), (apud SILVA, 2009) como:

“[...] uma atividade de lazer interativa, onde estão presentes o quadro natural, a cultura regional e a inclusão social da população local. [...] É uma forma de lazer fundamentada na paisagem natural, patrimônio e desenvolvimento social, cultural, econômico e paisagístico” (SEABRA, 2007, apud SILVA, 2009, p. 91).

Visto por esse ângulo, deve-se levar em consideração que não basta só o potencial natural e sua riqueza cultural, a cidade deve apresentar todo um processo de planejamento turístico e infraestrutura voltada para o atendimento turístico. Significa dizer que o turismo precisa ser bem estruturado, possibilitando desenvolvimento economicamente viável e sustentável, o que passa necessariamente pela preservação do patrimônio, preservação do meio ambiente e fundamentalmente a inclusão social.

Para um melhor entendimento, a análise foi desenvolvida por partes. Como primeiro ponto, buscou verificar a existência de projetos voltados para o turismo. Neste item, os resultados (gráfico 2) assinalam que cento e dois (102), o que representa 58,3%, dos entrevistados não têm conhecimento de projetos da administração pública local voltados para o turismo; sessenta e nove (69) responderam ter conhecimento de projetos, representando 39,4%; e quatro (04) deixaram de responder, representando 2,3%. Quixadá, pelos resultados da pesquisa, precisará trilhar um longo caminho para vir a tornar-se uma cidade viável do ponto de vista turístico. As políticas públicas devem ser promovidas de forma integrada, visando não apenas o incremento turístico, mas proporcionando à comunidade melhor educação, saúde, moradia, entre outros.

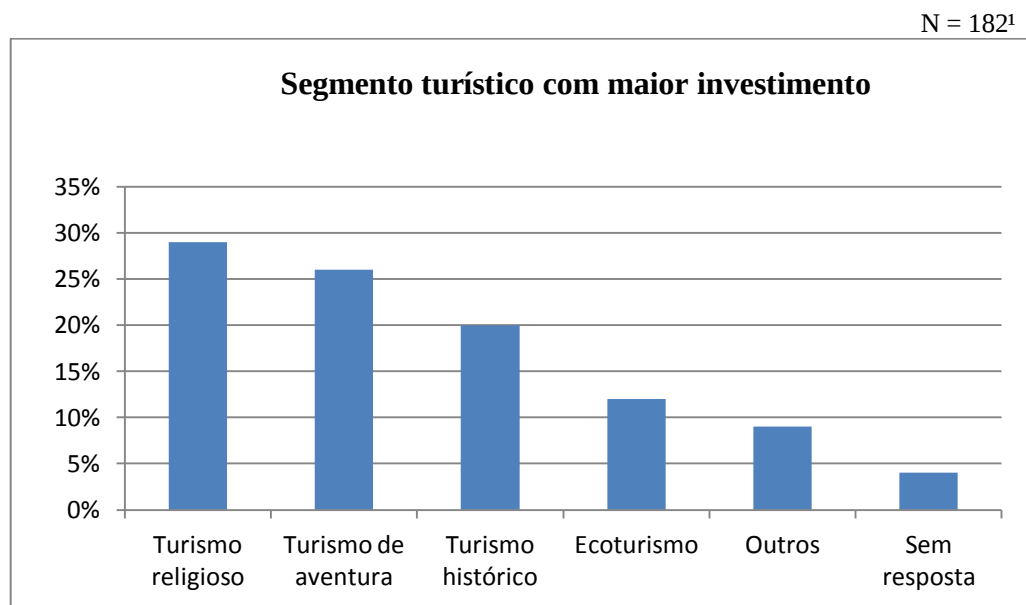
Gráfico 2- Tem conhecimento de projeto institucional voltado para o turismo?



Fonte: Lima (2011).
Org.: Victor Fernandes.

Seguindo na mesma linha, verificou-se o segmento que tem recebido maior investimento por parte do poder público local. Pelo diálogo estabelecido com os diversos segmentos sociais envolvidos na questão, o sentimento que se percebe é que as ações, estratégias e as políticas públicas são pouco eficientes no trato com o setor turístico. Apesar da constatação deficitária, os números apontam que os segmentos que recebem maior atenção por parte do poder público local foram: turismo religioso, cinquenta e três (53) - 29,1%; turismo de aventura, quarenta e oito (48) - 26,4%; turismo histórico/cultural, trinta e seis (36) - 19,8%; ecoturismo, vinte (21) - 11,5%; outros setores somaram juntos dezesseis (16) indicações, representando 8,8%; e deixaram de responder oito (08), representando 4,4%.

Gráfico 3- Segmento turístico que recebe maior investimento do poder público.



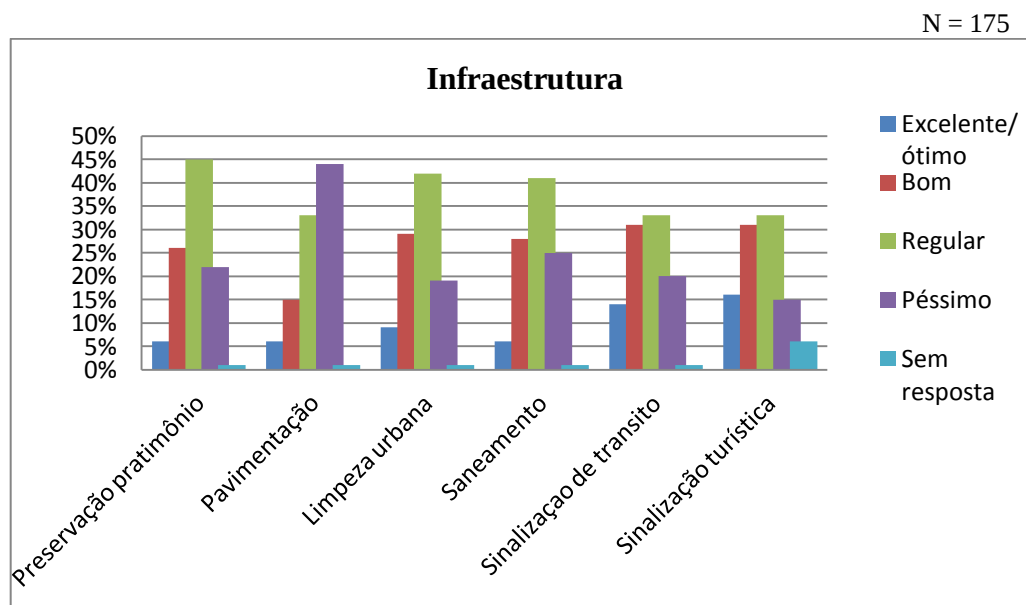
Fonte: Lima (2011).

¹ Nesta questão os entrevistados indicaram mais de um item, alterando o número do universo pesquisado.

Org.: Victor Fernandes.

Complementando a avaliação institucional, as questões propostas abordaram temas relacionados à infraestrutura, considerando: preservação do patrimônio; pavimentação/cuidado com a cidade; limpeza urbana (serviço de coleta de lixo); saneamento (água e esgoto tratados); sinalização de trânsito e turística. Na avaliação geral, como é possível observar pelo gráfico 4, a pesquisa aponta para a necessidade de uma atenção por parte da administração pública local na preservação do patrimônio e de cuidado com a cidade. O conceito melhora no quesito sinalização de trânsito e turística. Isto se explica pela recente instalação de semáforos e placas indicativas dos principais pontos turísticos da cidade, proporcionando melhor circulação de fluxo de veículos e de visitantes.

Gráfico 4- Infraestrutura.



Fonte: Lima (2011).
Org.: Victor Fernandes.

Pelos dados até então apresentados, conclui-se que a administração pública local precisa estabelecer um diálogo com a população afim de identificar a vocação da cidade, para então propor investimentos que produzam efeitos positivos principalmente voltados à infraestrutura, a população sinaliza para a necessidade de “melhorar os acessos (estradas) que levam os visitantes aos pontos turísticos” (Morador 1). Realmente as reivindicações procedem, pois uma cidade sem buracos, limpa e que preserva seu patrimônio conseguirá atrair maior número de turistas.

Conforme nos relatou o presidente da Fundação Cultural e Turismo de Quixadá, em termos de política de desenvolvimento turístico, o município avançou significativamente. No balanço argumenta que:

[...] até 2001 nós não tínhamos muito essa infraestrutura para dar suporte aos nossos visitantes, e de certa maneira, limitava e limita, porque não adianta você promover um destino se você não tem condições de acolher esses visitantes. Daí em parceria principalmente com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), nós fizemos várias ações, como curso de capacitação que atendia restaurantes e hotéis. Também foram oferecidos cursos para alguns investidores, nestes setores aqui para Quixadá. [...] Tanto é que, nos últimos anos nós temos investimentos dentro das nossas possibilidades, mas que nos deixa contente que são investimentos de quixadaense na sua maioria. Então novos hotéis, alguns ainda com o perfil, digamos assim de negócio pra quem vem só descansar a noite, após a realização de negócios na cidade. Mas já temos hotéis *resort* como o Pedra dos Ventos, seu proprietário é uma pessoa ligada ao esporte de aventura, tem uma visão mais ampla de trabalhos nesta área e proporciona um atendimento mais especializado com áreas de lazer. E temos agora já em planta o hotel Imperial, que foi feito a partir da privatização do Hotel Municipal, que antes existia aqui em Quixadá. É um investimento de bom porte para a região. Na parte de restaurantes nós tivemos uma

melhoria significativa, no atendimento, na apresentação dos pratos, isso é muito importante. Vale salientar, que Quixadá é uma cidade que tem uma boa cozinha. Ainda estamos carentes de ambientes para os restaurantes, embora isso tenha melhorado muito. Tivemos alguns investimentos na infraestrutura da cidade, como a reforma de praças que podem abrigar grandes eventos, isso é importante, a promoção de alguns eventos de grande porte podem promover Quixadá como destino turístico, pelos menos um turismo mais regional, de microrregião, digamos assim. Trabalhamos também na promoção de Quixadá como destino turístico, mas ainda existe a questão de infraestrutura, participamos de feiras de nível nacional, trouxemos algumas grandes operadoras para o nosso município. Tivemos a preocupação de trabalhar com a terceira idade, tendo em vista que é um público voltado para o turismo religioso. (Presidente da Fundação Cultural e Turismo de Quixadá, 2011).

Para concluir a segunda parte do questionário, a investigação procurou descobrir a vocação turística de Quixadá. Neste aspecto, concluiu-se que, embora o turismo de apreciação da natureza (**ecoturismo**) seja o ponto forte, a cidade apresenta outras atividades que, na visão dos entrevistados, se destacam como importantes para o desenvolvimento da cidade, caso do turismo **religioso** e o de **aventura**. Outro segmento lembrado pelos entrevistados foi o **histórico/cultural**, acredita-se que resulte do movimento de resgate dos valores e saberes da cultura nordestina que a cidade tem promovido. O maior destaque fica por conta do encontro dos “profetas da chuva”, enriquecido e valorizado com a participação de outros segmentos da cultura popular, são emboladores, repentistas etc.

Quixadá torna-se especial, não só pelas belezas naturais que encantam os visitantes, mas também pela riqueza em termos de cultura, bem ao estilo do homem e do Sertão, abrindo possibilidades de exploração do turismo sertanejo, constituindo uma “opção para: diversificar a oferta turística do Brasil; minimizar as desigualdades regionais; valorizar a vida; resgatar a memória histórica-política-cultural da Região Nordeste do Brasil; [...] promover a interiorização e regionalização de turismo responsável. (SILVA, 2009, p. 90). Poderia, dessa forma, contribuir para diminuir o nível de pobreza melhorar a qualidade de vida da população local.

5.1.3 Os Impactos sociais: aspectos positivos e negativos gerados pelo turismo.

O turismo enquanto fenômeno econômico/social tem sido responsável pela geração de benefícios e problemas, principalmente para cidades destinos. É “uma atividade detentora de espaços territoriais, geradora de transformações econômicas, sociais, ambientais e de poder”. (RIBEIRO, 2009, p. 110). No Ceará, os problemas ficam mais visíveis na faixa litorânea, dada a grande exploração de atividades ligadas, direta e indiretamente, ao turismo. Partindo para o interior do estado, e no caso específico a cidade de Quixadá, isso ainda não tem sido

motivo de grandes preocupações, também não significa que a região está totalmente livre dos impactos socioculturais decorrentes desta atividade.

Em seu estudo, “Sociologia do Turismo”, Dias (2003) apresenta oito categorias que estão relacionadas predominantemente com os impactos sociais. Para efeito do presente estudo, toma-se como parâmetro a quarta categoria, em que o autor denomina de “transformação dos valores e condutas morais”. A partir desta categoria, desenvolveu um esquema no qual são apontados vários problemas diretamente a ela relacionados, e, entre os mais comuns destaca:

- a) mudanças nos valores morais e nas atitudes cotidianas, entre os membros da comunidade;
- b) a prostituição e o turismo sexual podem ser encorajados pelos turistas, com o envolvimento de menores de idade;
- c) doenças sexualmente transmissíveis podem-se tornar comuns, [...] em função do aumento da liberdade sexual;
- d) as drogas podem-se tornar um problema com a presença de traficantes que irão suprir os turistas que as utilizam.
- e) o alcoolismo traz problemas tanto entre os turistas, como entre a comunidade receptora, que de modo geral, pelo efeito demonstração, terá entre seus membros vários que irão imitar o hábito de consumo alcoólico dos visitantes;
- f) comportamento agressivo e barulhento, aliado ao crime, pode aumentar nos destinos turísticos com a chegada dos visitantes;
- g) a taxa de criminalidade, de modo geral, aumenta com o crescimento e a urbanização de uma área provocados pelo turismo;
- h) a exploração do trabalho infantil surge como consequência da desigualdade social em muitas localidades turísticas. (DIAS, 2003, p. 137-138)

Embora a realidade quixadaense não apresente toda esta complexidade de problemas, como nos deixa transparecer os dados da pesquisa, o estudo torna-se pertinente à medida que a atividade vem apresentando crescimento. Nesse sentido, espera-se que o poder público local desenvolva ações bem planejadas, de modo a evitar que os impactos possam destruir os valores e costumes estabelecidos pela comunidade local.

Os números indicam que os impactos negativos não decorrem necessariamente do turismo. Para oitenta e nove (89) moradores, o maior responsável seria, por exemplo, a “falta de emprego e de segurança” (morador 2), ou ainda “o aumento da cidade e as festas”. (Morador 3). Outros responsabilizaram “o fracasso da educação”. (Morador 4). Outro ainda apontou o “papel da família como principal influência”. (Morador 5).

Mas a questão torna-se polêmica quando setenta e cinco (75) dos entrevistados assinalaram o turismo como fator motivador de impacto negativo. E entre o segmento turístico, o grande vilão foi o turismo de aventura. Embora não se tenha detectado os reais motivos, podem ser identificados nos eventos relacionados a essa atividade, momento em que a cidade sofre modificação em sua rotina, são pessoas que apresentam comportamento mais

agressivo, o barulho, consumo de bebidas e outras drogas tendem a aumentar entre outros. Depois, em uma sequência, apontaram o turismo histórico/cultural, o ecoturismo e o religioso. Os problemas relacionados a estes segmentos ficam por conta das festividades culturais e/ou religiosas, nesse período a cidade recebe um fluxo maior de visitantes, acarretando problemas, como sujeira, barulho, congestionamento de carros etc.

Quanto ao setor de turismo responsável pela geração de emprego e renda na cidade, os de maior importância indicados pelos entrevistados foram: o turismo religioso, o de aventura, o histórico/cultural e o ecoturismo.

Baseado neste estudo, ficou evidente que a atividade, embora incipiente, influi na estrutura econômica da cidade, “modifica espaços e interfere no ambiente cultural das pessoas do local. Esse processo de mudanças [...] desperta reações positivas e negativas e se torna inevitavelmente política no âmbito de uma comunidade” (PETROCCHI, 2001, p. 192). As soluções e planos devem ser desenvolvidos levando em consideração as iniciativas empresariais da comunidade local, visando ao incremento do turismo responsável de modo a reduzir o êxodo rural na região.

5.1.4 Os espaços sagrados, o turismo e sua importância econômica, cultural, histórica para o lugar.

Nesta parte da pesquisa, as questões foram organizadas procurando colher informações que nos conduzissem ao tema central da dissertação. Neste sentido, inicia-se a investigação procurando avaliar o desempenho do turismo religioso no processo de desenvolvimento econômico local. A pergunta inicial relaciona-se ao tema central desta parte da averiguação: o turismo religioso representa importante fator de desenvolvimento local? Neste aspecto, observou-se que para a grande maioria, cento e trinta e um (131), ou seja, 74,9% dos entrevistados, o turismo religioso representa sim um grande e importante fator de desenvolvimento da cidade; apenas trinta e sete (37), 21,1% não consideraram este segmento fator de desenvolvimento local, isto pode estar relacionado a falta de política pública municipal, como se percebe no item seguinte; e sete (07) o que representa 4% deixaram de responder.

O dado nos permite concluir o que a população vê neste segmento, principalmente quando se reporta ao espaço que forma o complexo do Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, um setor que tem proporcionado expectativas positivas, isto porque tem gerado renda e desenvolvimento para a cidade. O complexo turístico configura-se como “[...] principal ponto de peregrinação da cidade”, argumenta o presidente da Fundação Cultural e

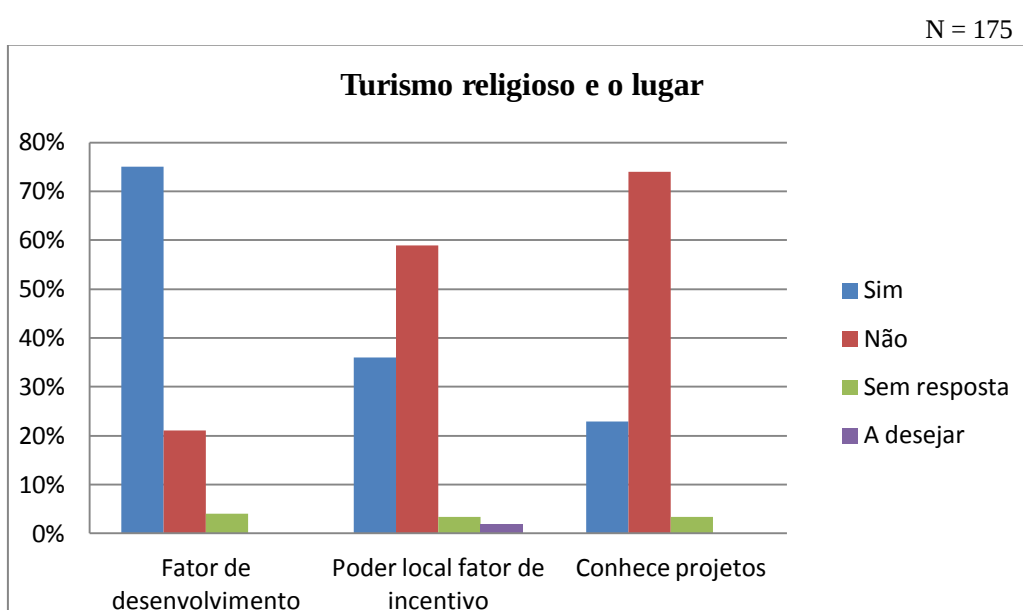
Turismo de Quixadá. Como se vê, o espaço tem sido reportado como mais um elemento símbolo em importância e orgulho para o lugar.

No segundo ponto, avaliou-se a participação do poder público local em preservar, incentivar e divulgar a atividade do turismo religioso. Neste item, o quadro apresentou a seguinte distribuição: sessenta e três (63) representando 36,0% dos indagados avaliaram como positiva, enquanto a maioria, cento e três (103), ou seja, 58,9% analisaram como negativa. Isto aponta para a necessidade de ações mais efetivas por parte do poder público na promoção e incentivo desta atividade; seis (06) 3,4% entrevistados não opinaram; e três (03) o que representa 1,7% indicaram existir uma atuação, mas que, no entanto, fica a desejar.

Na sequência, os investigados puderam opinar sobre a existência ou não de projetos ligados à atividade. Uma pequena parte, quarenta (40) 22,9%, avaliaram ter conhecimento de projetos da prefeitura ligados ao turismo religioso, mas a grande maioria, cento e vinte e nove (129) 73,7%, responderam não ter conhecimento de nenhum projeto ligado a esta atividade; e seis (06) 3,4% deixaram de responder. O gráfico 5 mostra com clareza a relação dos números apresentados.

A população avaliou como ineficiente a ação do poder municipal, soma-se a isso a falta de projetos ligados à atividade do turismo religioso, apontando para ações dos gestores locais na definição, organização e planejamento de políticas públicas que promovam e incentivem o desenvolvimento turístico na região.

Gráfico 5 - Turismo religioso e desenvolvimento econômico local.



Fonte: Lima (2011).
Org.: Victor Fernandes.

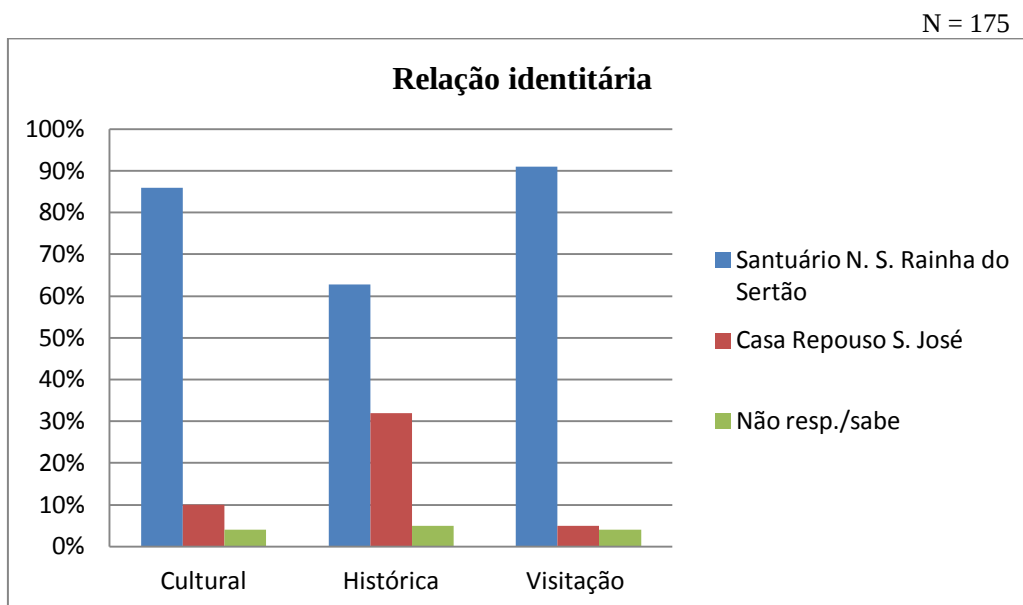
Ao final, foi reservado um espaço para que a população pudesse apresentar suas sugestões, críticas, de modo a enriquecer o trabalho. A maioria das sugestões se reporta aos gestores locais para a necessidade de proporcionar maior destaque ao segmento do turismo religioso. Entre os depoimentos enfatiza-se:

“[...] a promoção de eventos seria a melhor forma de divulgar o turismo local”. (Morador 6)./ Outros ainda exigem “a necessidade de gerar mais empregos”. (Morador 7)./ Chamaram atenção para a “necessidade de desenvolver projetos visando incentivar o crescimento deste setor”. (Morador 8)./ O setor só desenvolverá com “um trabalho conjunto entre o poder público e os setores ligados a igreja e a comunidade”. (Morador 9)./ Ponderaram para a necessidade de “preparação de mão de obra”, e “a criação de uma secretaria de turismo”. (Morador 10)./ “Os quixadaenses precisavam ser mais acolhedores com os turistas e valorizarem seu patrimônio”. (Morador 11).

Com o objetivo de encostar ao objeto central da pesquisa, buscou-se identificar a relação identitária dos moradores com os espaços sagrados (Santuário N. S. Rainha do Sertão e a Casa de Repouso São José). Nesse sentido, foi solicitado que na avaliação dos dois espaços verificassem: (i) a relação com a cultura local; (ii) o que guarda maior importância histórica; e (iii) o que recebe maior visitação da população fixa e flutuante (turistas).

Como se observou pelos dados do gráfico 6, o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão se destacou como o lugar de maior relação identitária, apenas no item relacionado à importância histórica, observa-se uma aproximação entre os dois, isto porque a Casa de Repouso São José, como já se registrou anteriormente, tem uma história centenária. O antigo Colégio São José tem sua história ligada à ordem dos beneditinos que chegaram ao Ceará em 1889, fugindo do litoral pernambucano em consequência do surto de febre amarela, conforme relato de João Eudes. A busca por um local de clima salubre e o acidente de cavalo do seu prior Dom Gerardo Van Caleon, levaram a comitiva, formada pelo prior e seu secretário, D. Maurício, a escolher a Serra do Estêvão como local para as futuras instalações do mosteiro da ordem. Após vencer todas as dificuldades que a região oferecia e a pouca disponibilidade de recursos técnicos, em fins do século XIX foi construído o Mosteiro de Santa Cruz, “que proporcionou, não só a Quixadá, mas a todo o Ceará, enormes benefícios no setor da educação. Anexo [...] funcionou o educandário São José, estabelecimento de ensino que gozou de enorme prestígio em todo o Nordeste”. (COSTA, 2002, p. 99).

Gráfico 6 - O espaço sagrado e a relação sociocultural com o lugar.



Fonte: Lima (2011).
Org.: Victor Fernandes.

Por fim, a análise toma por base a função prevalecente nos espaços investigados: sagrado e/ou profano. Conforme Rosendahl, “[...] as cidades santuários, ou hierópolis, podem apresentar no sagrado a sua maior expressão, mas podem, em variados casos, conviver com outras funções, além da religiosa”. (2009, p. 87). Com base neste propósito, o estudo procurou identificar as especificidades que caracterizam os respectivos espaços conforme sua função predominante.

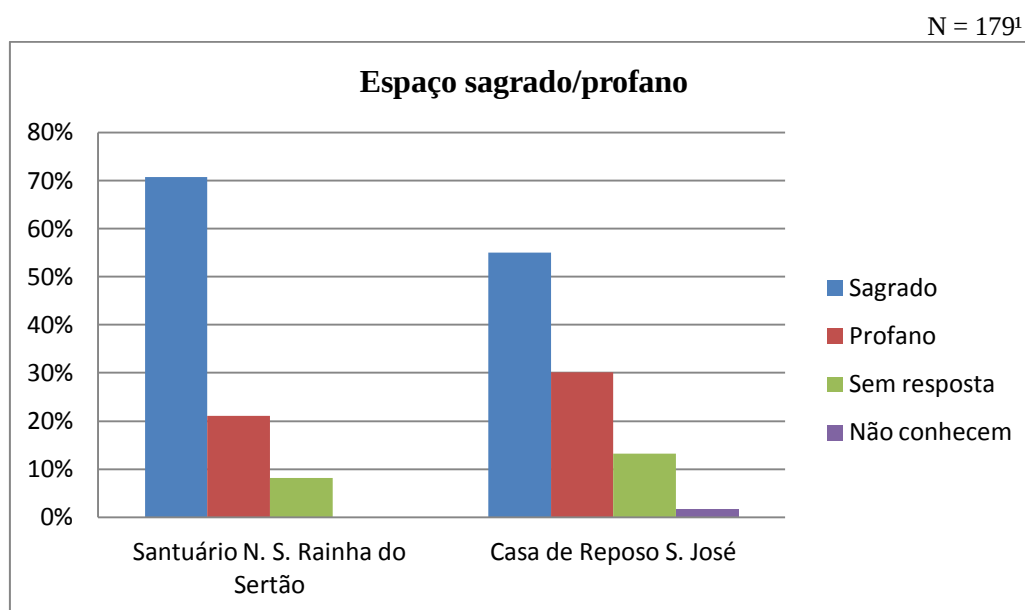
Assim de posse das informações, conclui-se que o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão representa, em relação à Casa de Repouso São José, um espaço de maior afinidade identitária, significado e importância para o lugar. Na busca de encontrar pistas que explicassem o fato, foi desenvolvida uma análise comparativa sobre os dois espaços, chegando a constatar que a Casa de Repouso São José apresenta uma série de peculiaridades que a distinguem como lugar não relacional. Entre estas, a própria estrutura precária e a falta de conservação da estrada, o que dificulta o acesso, somado a falta de transporte público que ligue o distrito de D. Maurício a sede; seu espaço não se enquadra nas estruturas de cidades santuários, tornando-o pouco atrativo a peregrinos e visitantes, e inviável do ponto de vista financeiro mercadológico. Outro aspecto identificado diz respeito à relação dos espaços e o lugar. Neste tópico, observando o gráfico 7, o único que mereceu da população o desconhecimento foi a Casa de Repouso São José, deixando transparecer pouca afinidade com o lugar e as pessoas. Já o santuário mariano foi sempre lembrado em todos os aspectos, isto

porque se enquadra na categoria de cidade santuário, proporcionando movimentação constante. Quando comparado ao anterior, apresenta uma estrutura moderna, que, de um lado foge dos padrões locais, por outro, atrai a população pela sua imponência. Outra situação considerada, que no nosso entendimento pesou muito na avaliação, é a relação do seu idealizador com o lugar, visto como uma pessoa integrada, participante e atenta a todos os problemas relacionados ao cotidiano do município. Isso ficou claro na questão final do questionário: espaço para sugestões, e, entre as quais, destacaram a “volta do bispo João Adélio” (morador 12) para a diocese de Quixadá.

Corroborando a ideia de espaço relacional a fala da atual administradora do Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, deixa evidente quando diz:

[...] sempre em período de festas percebo a presença dos quixadaenses nesses momentos. Costumo sempre perguntar as pessoas que visitam de onde elas vem e muitas falam que são de Quixadá e estão acompanhando os familiares que foram morar em outras localidades. Então mesmo não sabendo responder com precisão acredito que sim o santuário já é parte da cultura do povo de Quixadá. (Irmã administradora do Santuário Mariano, 2010).

Gráfico 7 - Função prevalecente dos espaços sagrados.



Fonte: Lima (2011).

¹Nesta questão os entrevistados indicaram mais de um item, alterando o número base da pesquisa.
Org.: Victor Fernandes.

Ao final do questionário, foi reservado um espaço para as considerações, críticas ou qualquer outra informação que os moradores julgassem relevante e que contribuísse tanto para o enriquecimento do debate, como fornecesse subsídios para o desenvolvimento do turismo religioso em sua cidade. Como forma de sistematizar o estudo, dividimos as sugestões em

dois blocos. A dos moradores que sinalizam para melhorar a infraestrutura da cidade, exigindo:

[...] melhorar a limpeza da cidade e conservar o patrimônio público. (Morador 13)./ Ter mais investimentos dos setores públicos para melhorar este fator. (Morador 14)./ Melhorar o transporte público para levar os turistas aos locais de visitação. (Morador 15)./ A cidade tem muito potencial, porém falta incentivo públicos, pois tudo só fica nos projetos, e turismo fica parado no tempo. (Morador 16)./ Com o apoio público seria um grande passo no caminho do desenvolvimento, mas pelo visto ele é que tem destruído alguns patrimônios, ex: Estação Ferroviária (uma das casas). (Morador 17)./ Precisaria de muitas coisas, as ruas é um exemplo, quando chove alaga tudo, elas ficam cheia de buraco e ninguém toma nenhuma providência. (Morador 18).

Um grupo de moradores que apresentaram sugestões diretamente relacionadas ao turismo religioso na região, como o de:

[...] Deveria ser realizado mais projetos de incentivo e renovação dos pontos turísticos religiosos. (Morador 19)./ Mais apoio das autoridades locais para incentivar este tipo de turismo. (Morador 20)./ Criar um calendário religioso com festas que envolvam toda a cidade. (Morador 21)./ As manifestações religiosas nos distritos próximos realizado por curandeiros que aos poucos se desvai da cultura local. (Morador 22)./ Uma maior divulgação da Casa de Repouso São José. (Morador 23)./ Quixadá é realmente o coração religioso do Ceará. (Morador 24)./ Criar uma forma de interrelacionar o ecoturismo e o turismo religioso, pois o turismo religioso deveria aproveitar o desenvolvimento de outras atrações turísticas para poder crescer. (Morador 25).

Outro grupo de entrevistados relacionou ainda, a necessidade de projetos sociais como forma de melhor inserir a comunidade a comunidade local. Entre suas reivindicações cita-se:

[...] Mais divulgação e criação de projetos sociais que envolvam esses locais religiosos como casas de recuperação etc.. (Morador 26)./ A necessidade por parte da comunidade local em inserir-se, envolver no desenvolvimento deste relevante segmento turístico. (Morador 27).

Com base nos dados desta primeira parte da pesquisa, e, nos depoimentos tomados, ficou evidente a necessidade por parte daqueles que compõem a organização administrativa, maior eficiência no tocante a preservação do patrimônio público, na definição de políticas públicas visando maior incentivo a atividade turística da região, e de infraestrutura como forma de atender o visitante e o peregrino. Mas de todos os investimentos necessários, aqueles que visem proporcionar melhores condições de vida aos moradores locais.

5.2 Visitantes e peregrinos: percepção sobre o espaço sagrado.

A proposta fundamental desta segunda etapa do trabalho de campo foi buscar através do diálogo conhecer os peregrinos/visitantes que procuram os espaços sagrados de Quixadá. Para atingir tal objetivo, o instrumento de pesquisa (questionário) foi organizado em três partes em que se buscou: primeiro, identificar as características gerais dos visitantes: cidade

de origem, faixa etária, nível de escolaridade, atividade/trabalho etc. Segundo, obter informações que nos revelassem os fatores motivacionais, preferência e percepção sobre os espaços sagrados. E completando a averiguação, o terceiro item procurou avaliar a cidade considerando os serviços públicos e a receptividade da população em relação aos turistas.

Considerando a complexidade do tema, iniciaremos a análise procurando entender o sentido da peregrinação. Neste sentido foi importante mais uma vez, acostarmos às ideias de Rosendahl (2009), que define peregrinação como visitas programadas aos santuários acompanhadas de uma conduta religiosa de pedir e/ou agradecer uma graça alcançada. A partir dos seus estudos é possível ainda verificar que as cidades santuários atraem dois tipos de fluxos de peregrinação para o exercício de sua religião, um permanente, com deslocamento anual, e um periódico ou ocasional.

Com base nas argumentações acima, o primeiro questionamento que se recomenda nesta fase do estudo é: quem são os peregrinos, e qual tipo de fluxo se desenvolve nos espaços sagrados de Quixadá para a prática religiosa? E ainda, existem diferenças entre os visitantes que se deslocam para a Casa de Repouso São José (serra do Estêvão) e o que procura o santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão (serra do Urucum)?

Numa primeira avaliação, toma-se por base as entrevistas realizada com as religiosas que administram os respectivos espaços sagrados. Sendo assim, o espaço situado na serra do Estêvão, de acordo com a atual administradora, recebe um visitante que em sua grande maioria procura estabelecer um vínculo com o lugar. Se referindo a estes, disse-nos: “[...] tem hospedes que desde 1946 frequenta a casa, e [...] passam de quinze a vinte dias, e não vem só uma vez são três a quatro vezes por ano. Assim são muitos, que encontram no espaço o lugar para oração e repouso”]. (Administradora da Casa de Repouso S. Jose, 2010). Ou seja, o fluxo que se verifica neste espaço é do tipo permanente, mas não necessariamente religioso. Outro aspecto interessante apreendido nas entrelinhas de sua entrevista é o esforço que vem desenvolvendo no sentido de estimular também a peregrinação religiosa de fluxo periódico. Em dois momentos, esta ideia se manifestou: o primeiro, quando se referiu à capelinha dedicada a Irmã Dulce, que segundo ela, está em processo de beatificação:

[...] se o senhor tomou conhecimento no final de junho o corpo dela foi retirado da sepultura de um túmulo na capela do hospital que foi ela quem iniciou aquele hospital... O corpo dela foi tirado de lá e transportado para uma capela construída junto da Igreja da Imaculada Conceição, que também foi construída em homenagem a ela que é logo junto ao hospital. E o corpo dela estava intacto, com dezenove anos que ela morreu, quer dizer não estava... Assim o corpo com a pele pretinha, mas todo inteirinho, não se desfez. Então, ta lá a capelinha em sua homenagem para as pessoas fazerem suas orações. (Administradora da Casa S. José, 2010).

O segundo, ao se referir às trilhas ecológicas, disse-nos que encontraríamos várias tendas de oração, entre as quais, uma construída especialmente para São Francisco.

[...] Onde termina nosso terreno, tem um local que é alto e me veio à lembrança quando eu vi lá, o que acontece em Assis, no interior da Itália, tem um local que chamam Monte Alverne, foi onde São Francisco recebeu a chaga. Então é assim, acaba e tem lá em baixo um vale, o mesmo que acontece aqui. Então me veio a ideia de botar o nome de Monte Alverne. Então é uma das trilhas que as pessoas podem fazer. Lá uma tenda de oração, além de uma gruta de São Francisco. (Idem, 2010).

Pelos dois relatos, percebeu-se a determinação da administradora em criar um ambiente propício à peregrinação, para isso é dado grande ênfase ao fenômeno religioso.

Já o santuário localizado na serra do Urucum, apresenta elementos de uma “hierópolis” e o fluxo de visita/peregrinação se processa fundamentalmente de forma casual. Observando o relato da atual administradora, isto fica claro. [“O turismo é fundamentalmente religioso, principalmente aos domingos quando a visitação aumenta”]. (Entrevista com a irmã gerente e responsável legal do santuário, 2010). Informou-nos ainda que o santuário recebe romeiros nos meses de setembro e fevereiro, provenientes do [“Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, são pessoas simples que vem a procura de Deus”]. (Idem, 2010).

Pela importância que os espaços sagrados representam, destacam-se como fator de transformação e desenvolvimento para o lugar, daí ter despertado interesse para a pesquisa.

5.2.1 Caracterização dos sujeitos: população flutuante.

Para encontrar respostas sobre as hipóteses levantadas, o questionário elaborado foi organizado em três partes: perfil dos peregrinos e visitantes, hábitos de viagem e avaliação dos espaços sagrados.

A primeira parte da investigação, computada na tabela 5, revela a procedência, idade e gênero dos sujeitos que procuram os espaços sagrados de Quixadá. Os resultados foram: à origem, a grande maioria, cinquenta e três (53), ou seja, 57,6% são oriundos da capital, Fortaleza; na sequência aparece Quixeramobim, com sete (07) indicações representando 7,6%, um dos municípios em que se observa uma antiga rivalidade histórica/econômica, tendo em vista Quixadá ter sido tributário daquele município quando se emancipou em finais do século XIX. Depois apresenta-se o município de Maranguape, com seis (06) indicações representando 6,5%, seguido de Limoeiro do Norte e Maracanaú, com cinco (05) cada um, significando 5,4%.

Quanto à participação de pessoas provenientes da própria cidade, os dados revelaram uma participação efêmera, mesmo levando em consideração que grande parte da pesquisa foi

realizada em fevereiro, mês de maior importância religiosa para o lugar. O município ficou entre os de menores índices de participação, com duas (02) indicações perfazendo 2,2% do universo investigado.

No item que tratou da faixa etária, constatou-se a predominância do grupo entre 18 a 50 anos, com sessenta e oito (68) visitantes, representando 73,9%. Enquanto a outra faixa, maiores de 51, o universo foi de vinte e quatro (24) visitantes, compondo 26,1%. Um dado que nos surpreendeu, gerando interesse para que investigássemos com mais interesse. É certo, não se deve desconsiderar a crescente participação de jovens no movimento religioso, no entanto não seria o caso. Para nós, o fator determinante que tem atraído o público jovem para o santuário Nossa S. Rainha do Sertão, por exemplo, é a sua beleza natural e excêntrica que se une à prática de voo livre. O local apresenta condições ideais, inclusive com possibilidade de recordes de permanência no ar. Isto tem atraído participantes de vários locais do Brasil e até de fora do país, assim como tem contribuído para torná-lo mais conhecido e atrativo.

Quanto ao gênero, a tabela mostra uma acentuada predominância do grupo feminino, com sessenta e três (63) pessoas, conformando 68,5% dos entrevistados, o grupo masculino, com vinte e nove (29) pessoas, representa 31,5% dos investigados.

Tabela 5 - Distribuição dos peregrinos e visitantes segundo residência, idade e gênero.

N = 92

LOCALIDADE/ IDADE/GÊNERO														
CIDADES	18-30		31-40		41-50		51-60		61-70		>70		T	%
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F		
Fortaleza	02	09	01	08	04	10	02	04	02	06	01	04	53	57,6
Quixeramobim	03	01	02	-	01	-	-	-	-	-	-	-	07	7,6
Maranguape	01	04	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	06	6,5
Limoeiro do N.	-	03	-	-	-	01	01	-	-	-	-	-	05	5,4
Maracanaú	-	-	-	01	01	01	-	01	-	01	-	-	05	5,4
Choró	02	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	03	3,3
Quixadá	-	-	-	-	01	-	-	01	-	-	-	-	02	2,2
S. Pompeu	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	02	2,2
Russas	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	2,2
Outras ¹	-	-	01	03	-	02	-	-	01	-	-	-	07	7,6
Total	10	18	04	14	08	14	03	06	03	07	01	04	92	100

Fonte: Lima (2011).

¹Cidades que aparecem com uma indicação.

Org.: Victor Fernandes.

5.2.2 Visitantes e peregrinos: percepção sobre os espaços sagrados e sua importância para a região.

A segunda parte do questionário – hábitos de viagem – foi organizada visando identificar o significado e a importância turística religiosa que os espaços sagrados

representam para o lugar. Para atingir este objetivo, os itens foram agrupados em três assuntos: (i) razão dos deslocamentos; (ii) espaço de maior visitação; e (iii) percepção dos peregrinos e visitantes sobre os espaços.

Na análise dos fatores motivacionais, os resultados mostraram que a grande maioria, cinquenta e seis (56) pessoas, representando 56,6% do universo pesquisado, indicaram a peregrina o e a religiosidade como razões determinantes para as visitas aos espaços sagrados. Apareceu como segundo motivo a aprecia o da natureza, com dezessete (17) indicações, configurando 17,2%. Passeio e lazer destacaram-se como terceiro fator, com oito (08) indicações, significando 8% do universo pesquisado. Repouso apareceu com uma (01) indicação, o que representou apenas 1%; e por fim, foram assinalados vários outros motivos (pagar promessa; aula de campo/pesquisa – ponto turístico; consulta médica; acompanhar familiares; trabalho e curiosidade, participa o em encontro de ex-seminaristas, trabalho turístico) por dezessete (17) pessoas, conformando 17,2% dos investigados.

Quanto   preferência para visita o, os dados mostraram a grande importância que o santuário mariano tem para o turismo local, pois a maioria dos entrevistados, oitenta (85) pessoas representando 83,3% dos investigados, preferem o Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão; apenas onze (11) pessoas apontaram a Casa de Repouso São José, significando 10,8%; outros espaços (universidade, família, açude do Cedro) foram lembrados por cinco (05) dos entrevistados, conformando 4,9%; e um (01) não respondeu, significando 1% do universo pesquisado.

Completando a análise, discutiu-se a percep o dos visitantes/peregrinos sobre os espaços sagrados. Neste ponto foram oferecidas duas opções: (a) lugar bonito e turístico; e/ou (b) espaço diferente dos outros. Como forma de dar voz aos indagados, foi ainda aberto um espaço para que apresentassem os motivos.

Os números apontaram que trinta e cinco (35) pessoas, ou seja, 38,1% dos entrevistados o perceberam como lugar bonito, turístico e, entre as razões:

Cenário cinematográfico. (Visitante 1)./ Muito verde lugar agradável. (Visitante 2)./ Por ser um lugar de paz, silencioso. (Visitante 3)./ Fico até imaginando como o homem fez isso. (Visitante 4)./ Arquitetura moderna, associado ao meio ambiente. (Visitante 5)./ Apresenta não só a parte religiosa. (Visitante 6)./ Para tirar fotos. (Visitante 7).

Trinta e sete (37), representando 40,2%, o distinguiram como espaço diferente dos outros, isto porque entenderam ser um local:

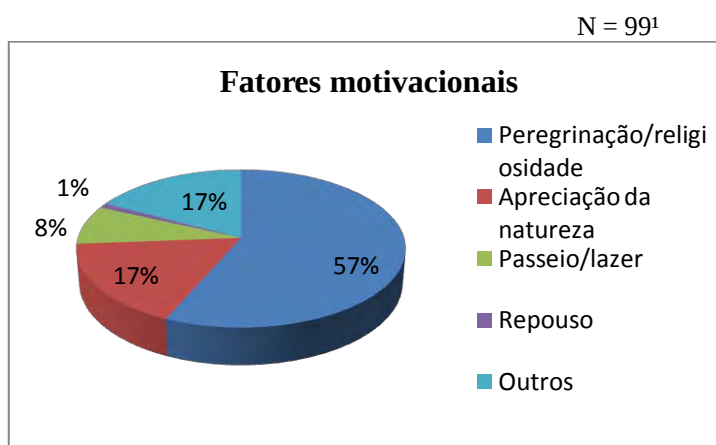
Especial porque é a casa de Deus. (Visitante 8)./ é um espaço que só tem religioso. (Visitante 9)./ Porque além de bonito nos traz paz. (Visitante 10)./ Um espaço no alto e reservado. (Visitante 11)./ O contraste um espaço que destoa da paisagem sertaneja,

quando se lembra do Sertão, liga-se a seca, pobreza. (Visitante 12)./ Local de oração, reflexão. (Visitante 13)./ A natureza bonita, clima agradável, espiritual, o silêncio... (Visitante 14)./ Um local sagrado. (Visitante 15)./ Se sente no céu. (Visitante 16)./ Pela paisagem e peregrinação. (Visitante 17).

Finalizando esta parte do questionário, temos ainda um grupo de vinte e uma (21) pessoas, configurando 21,7% dos entrevistados, que não responderam.

Os gráficos 8, 9 e 10 sintetizam as informações dos tópicos tratados nesta segunda parte do questionário (razões dos deslocamentos, ambiente que recebe maior número de visitantes e percepção dos visitantes/peregrinos sobre os espaços sagrados).

Gráfico 8 – Espaço sagrado: fatores de deslocamento.

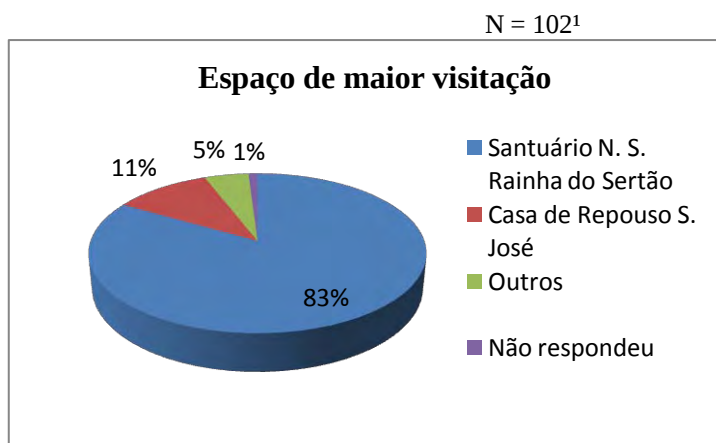


Fonte: Lima (2011).

¹Nesta questão os entrevistados indicaram mais de um item, alterando o número base da pesquisa.

Org.: Victor Fernandes.

Gráfico 9- Espaço sagrado que recebe maior número de peregrinos e visitantes.

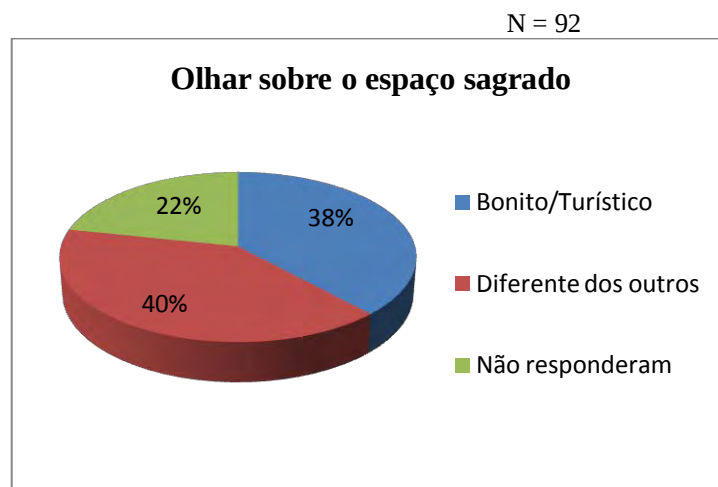


Fonte: Lima (2011).

¹Nesta questão os entrevistados indicaram mais de um item, alterando o número base da pesquisa.

Org.: Victor Fernandes.

Gráfico 10 - Olhar sobre o espaço sagrado.



Fonte: Lima (2011).

Org.: Victor Fernandes.

Tomando por base os dados apresentados nos gráficos, conclui-se que os visitantes e peregrinos que procuram os espaços sagrados de Quixadá são fortemente influenciados pela questão da religiosidade, reconhecendo assim o quanto tem sido importante o sagrado para o desenvolvimento, valorização e transformação do lugar. Neste sentido, o maior destaque ficou por conta do Santuário N. S. Rainha do Sertão, com uma estrutura moderna, planejada, que vem se transformando em mais um espaço de peregrinação de massa.

Quanto à percepção (gráfico 10), os dados apontam tanto para a ideia de espaço sagrado como de turístico, ou seja, o santuário mariano apresenta característica de “hierópolis” moderna, inserida na proposta do capitalismo global da mercantilização do espaço. Enfim, uma estrutura pronta a atender tanto ao turista que busca descontração, lazer e aventura, como o peregrino que procura o conforto espiritual.

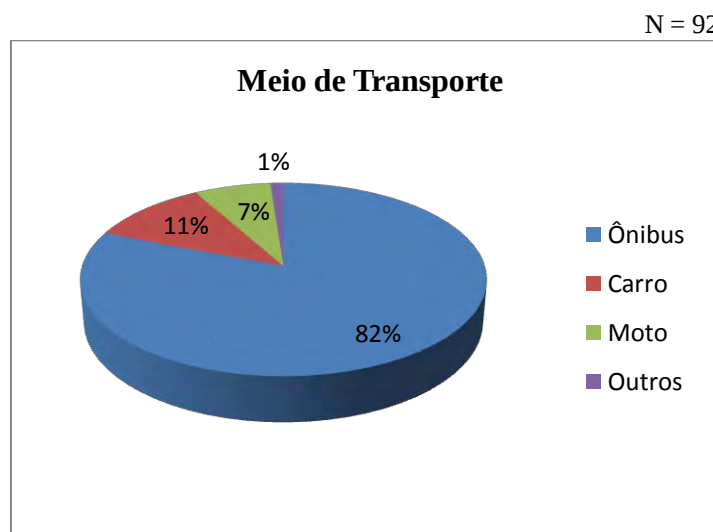
Na busca de conhecer mais detalhes sobre os sujeitos que visitam os espaços sagrados de Quixadá, nas questões seguintes procura-se identificar o tipo de transporte, companhia, período/permanência, hospedagem, e, por fim, conhecer a rota turística esboçada pelos peregrinos, partindo da indicação de quais outros pontos costumam visitar em Quixadá. Visando dar uma melhor sistematização ao trabalho e apresentação gráfica, as análises dos assuntos serão apresentadas em duas etapas.

Na primeira sequência (transporte, companhia e tempo/permanência), a análise nos conduziu para os seguintes resultados: o deslocamento dos visitantes/peregrinos se faz principalmente de ônibus e em caravanas, conforme apontou setenta e cinco (75) dos investigados. As viagens sempre acontecem em companhia de familiares, segundo indicou

quarenta e oito (48) averiguados, e trinte e oito (38) disseram que realizam em caravanas. Grande parte dos indagados, sessenta e um (61), admitiram que as viagens ocorrem preferencialmente nos finais de semana (domingo), já para outros quatorze (14), no período das festividades religiosas.

Visando contextualizar e proporcionar uma visão mais detalhada dos assuntos, os dados apresentados nos gráficos 11 e 12 foram computados na sua totalidade.

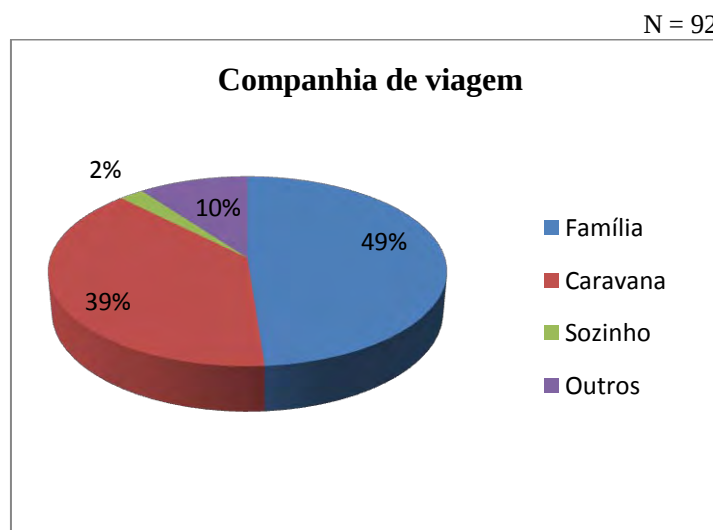
Gráfico 11 - Meio de transporte usado por peregrinos e visitantes.



Fonte: Lima (2011).

Org.: Victor Fernandes

Gráfico 12 - Companhia de viagem nos deslocamentos para os espaços sagrados.



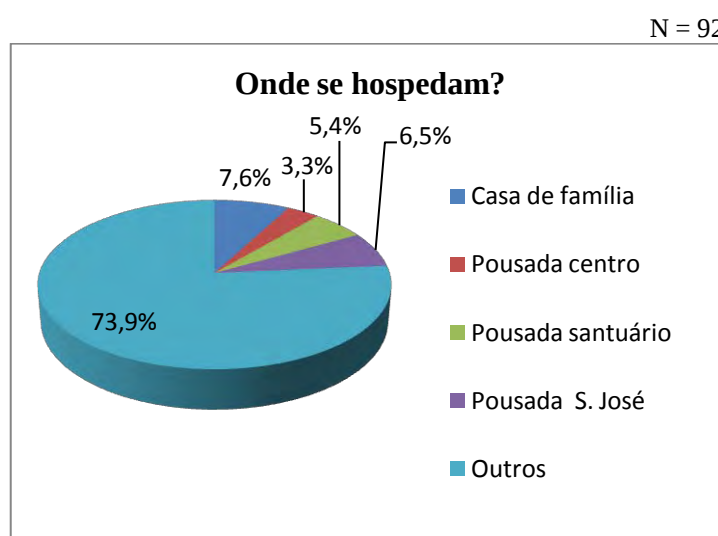
Fonte: Lima (2011).

Org.: Victor Fernandes.

Quando indagados sobre a hospedagem (gráfico 13), a grande maioria, sessenta e oito (68), indicou que vem a Quixadá e retornam à cidade de origem no mesmo dia. Com relação a qual outro ponto turístico costuma visitar, a maioria, sessenta e três (63), indicou o açude do Cedro/pedra da Galinha Choca. Com base nestes dados, foi possível concluir: primeiro, os romeiros que visitam o santuário são peregrinos de um dia; segundo, após assistirem à missa, a rota se restringe principalmente a visita ao principal ponto turístico da cidade, o açude do Cedro/pedra da Galinha Choca, onde fazem a refeição, compram pequenas lembranças, para depois retornar à cidade de origem.

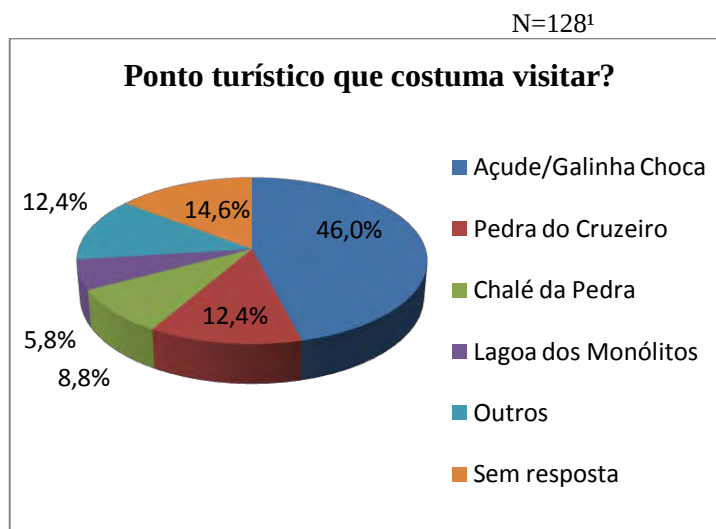
Observa-se ainda uma porcentagem significativa de questionários sem respostas, significando o pouco conhecimento das pessoas sobre os pontos turísticos locais. Ao mesmo tempo, mostra a falta de compromisso por parte dos gestores públicos em ajustar de forma adequada serviços e divulgação do potencial turístico da cidade. Os resultados das respostas dos sujeitos, para melhor compreensão, foram apresentados nos gráficos 13 e 14.

Gráfico 13 – Tipo de hospedagem usado por peregrinos e visitantes.



Fonte: Lima (2011).
Org.: Victor Fernandes.

Gráfico 14 - Outro atrativo turístico visitado por peregrinos/visitantes.



Fonte: Lima (2011).

¹Os entrevistados apontaram mais de um item, alterando o número base da pesquisa.

Org.: Victor Fernandes.

Para completar o quadro sobre as características dos visitantes que procuram os espaços sagrados de Quixadá, foram ainda elaboradas questões sobre gastronomia, a intenção de retornar e se recomendariam o lugar para amigos e familiares. Quanto à primeira questão, o grupo de vinte (20) visitantes avaliou como ótima; vinte e dois (22) como boa; apenas seis (06) considerou regular; e um grupo de trinta e sete (37) não soube responder, isso porque ainda não tinham tido a oportunidade de saborear a culinária local.

Quando indagados se pretendem retornar, noventa e um (91) entrevistados responderam que sim; e um (01) disse depender da oportunidade. Entre os motivos, foi possível identificar que para uns prevalece a questão religiosa, já outros apontam motivos apenas relacionados a passeio. Entre os motivos selecionados destacou-se:

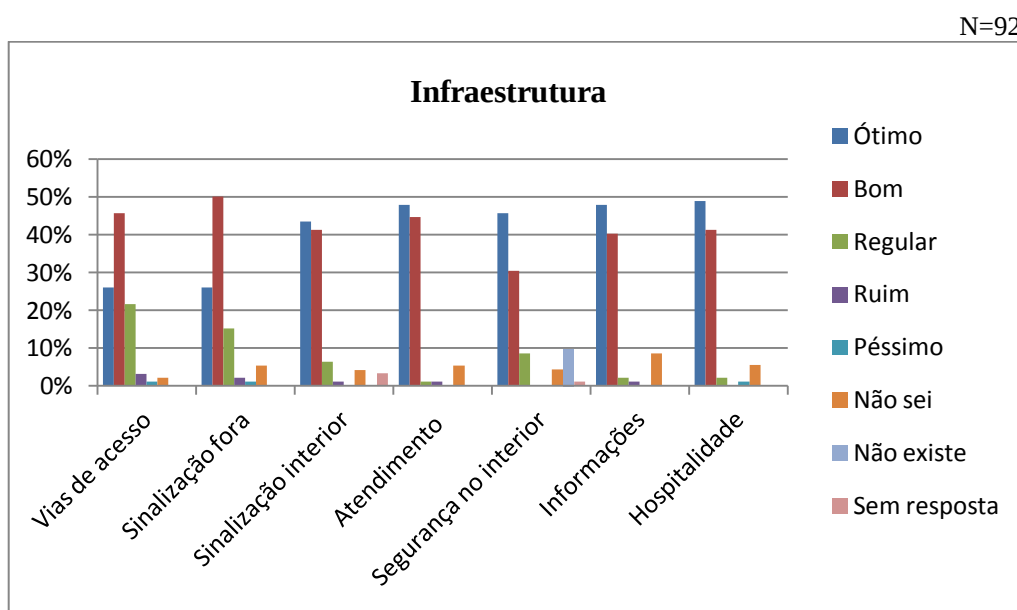
O espaço religioso é bonito, organizado. (Visitante 18)./ Repouso ou pagar promessa. (Visitante 19)./ Peregrinação. (Visitante 20)./ Espaço agradável. (Visitante 21)./ Rever familiares e pagar promessa. (Visitante 22)./ Para assistir missa. (Visitante 23)./ Os espaços são bonitos. (Visitante 24)./ Trazer os filhos para conhecer. (Visitante 25)./ É uma promessa. (Visitante 26).

Na sequência, recomendaria o espaço para familiares e/ou amigos? Noventa (90), responderam que sim; um (01) respondeu não; e outro deixou de responder. Entre os motivos prevalece a mesma lógica da questão anterior.

A terceira e última parte da investigação fez uma avaliação dos espaços sagrados, a partir dos aspectos infraestruturais, como: vias de acesso, sinalização, atendimento, segurança, informações prestadas e hospitalidade.

Feito a análise dos assuntos em pauta e catalogados os dados, observou-se uma avaliação positiva por parte dos sujeitos que visitam os espaços sagrados de Quixadá. Os índices oscilaram entre ótimo e bom, conforme pode ser observado pelo gráfico 15, indicando consequentemente que os espaços sagrados apresentam uma boa infraestrutura, atendendo de forma adequada às expectativas dos visitantes/peregrinos.

Gráfico 15 - Infraestrutura dos espaços sagrados.



Fonte: Lima (2011).

Org.: Victor Fernandes.

Como fechamento do processo investigatório, foi oportunizado um espaço para que os indagados pudessem apresentar os pontos fortes e fracos, assim como sugestões para melhorar as condições de infraestrutura dos respectivos espaços. Entre as opiniões apresentadas, destaca-se:

Tudo ótimo. (Visitante 27)./ O espaço é excelente e espero que continue assim, limpo, bem sinalizado. (Visitante 28)./ Forte: a paisagem; fraco: sinalização. (Visitante 29)./ Forte: acolhimento/hospitalidade; fraco: transporte. (Visitante 30)./ Forte santuário; fraco comércio de santos deve ser maior. (Visitante 31)./ Ponto fraco: a poluição das lagoas, falta de sinalização dos pontos turísticos, além dos espaços sagrados, como por exemplo, ter guias turísticos a disposição dos turistas. (Visitante 32)./ Tá muito bom, a graça alcançada foi a Nossa Senhora Rainha do Sertão. (Visitante 33)./ Falta acesso para os deficientes e não tem uma pessoa para passar informações. (Visitante 34).

A partir dos dados coletados, somados as informações, observações e diálogos realizados com os sujeitos que compuseram o universo deste último grupo de pesquisa, foram reveladores de uma realidade caracterizada pelo grande potencial turístico de beleza natural, em que os espaços sagrados apresentam-se com uma boa infraestrutura. Entretanto, revelaram

a necessidade de ações que visem aprimorar o atendimento aos visitantes na parte de transporte interno e de profissionais capacitados (guia turístico), para a prestação de serviços especializados: atendimento, informações e divulgação.

As soluções dos problemas passa necessariamente pela ação efetiva do poder público local, de modo a estabelecer um planejamento eficiente visando à melhoria dos serviços de atendimento aos visitantes e peregrinos que procuram os espaços sagrados e outros atrativos da “Terra da Galinha Choca”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria a história de mais uma dentre as várias cidades cearenses, cuja origem, (re)organização e ocupação do espaço insere-se no contexto do ciclo econômico da pecuária. No entanto, Quixadá apresenta uma diversidade cultural que a torna campo favorável e fonte de pesquisa para as mais diversas áreas do conhecimento. Como bem frisou José Bonifácio de Sousa, “a crônica dessa terra é, a bem dizer, o resumo da história de todo o vasto sertão em que se acha encravada”. (SOUSA, 1997, p. 19).

Quixadá cresce, desenvolve-se e ganha notoriedade, em grande parte, em função da construção do primeiro grande reservatório brasileiro que envolveria redes de canais de irrigação, o Açude do Cedro, cujo projeto de construção esteve vinculado à grande seca ocorrida no final do século XIX. Sua edificação representaria o início de uma política pública do governo do Império, voltada para o combate às calamidades que assolavam de forma atroz as populações nordestinas, política esta que, infelizmente, não teve continuidade com o estabelecimento do regime republicano. O Cedro, hoje além do principal atrativo turístico, representa e forma com a “Pedra da Galinha Choca”, o símbolo maior, o cartão postal de Quixadá.

Pela riqueza paisagística, entendida aqui como a “configuração territorial” (SANTOS, 1997, p. 83), forma ambiente favorável a pesquisa na área do conhecimento geográfico e campo privilegiado para investimentos turísticos. Entre as propostas, coube-nos analisar as transformações ocorridas no espaço, decorrentes em grande parte desta atividade. Pelo potencial de criar e transformar lugares, o turismo enquanto atividade econômica social insere novos elementos e códigos muitas vezes estranhos ao local, conformando a condição de mercadoria que lhe confere uma dupla dimensão de valor: valor de uso e valor de troca. Lógica que, no nosso entendimento, interfere de forma terminante no processo de (re)organização dos espaços sagrados/turísticos de Quixadá.

Para entender como se desenvolveu o processo de domínio territorial do Sertão Central do Ceará foi importante para o estudo iniciar a análise sobre o fenômeno do coronelismo, sua origem e as relações que se estabeleceram entre os vários indivíduos que compõe a sociedade do sertão nordestino. Relação fundamentada na propriedade e domínio da terra e garantida por milícia particular. O coronel, temido por todos, estabelece normas, explora, apadrinha, protege e oprime todos que dele dependem. Um domínio que encontrará no apoio da Igreja Católica um reforço importante, dada a influência desta sobre as pessoas, seus costumes e sua organização social e política. Os poderes temporal e espiritual se unem e estabelecem a

organização da sociedade, fundamentada no mandonismo e na dependência entre as camadas pobres face aos senhores e a doutrina da Igreja Católica, que representa na visão de seus organizadores, fonte de vida, verdade e fé, pois representa a vontade de Deus.

Mas o catolicismo, ao mesmo tempo em que serviria aos propósitos dos senhores, foi também instrumento aos homens rústicos do sertão que dela utilizaram para encontrar uma nova relação cultural identitária, fundamentada no catolicismo popular, conseguindo assim, preservar antigos valores de vida.

Ao centrar o debate na forma e na lógica da mercantilização, direta ou indiretamente, ocorre à apropriação e transformação do espaço, onde foi fundamental recorrer à corrente da Geográfica Crítica. Uma linha de pensamento que, embora tenha, segundo Rosendahl (2002), negligenciado a temática religiosa, proporciona uma visão geral do mundo e, por meio dela, pode-se avaliar de forma incisiva as relações econômicas e a problemática política em relação ao espaço produzido.

A análise desenvolvida levou em consideração os vários segmentos turísticos que apresentam variados níveis de importância no processo de transformação e (re)organização do espaço quixadaense. Para nos apropriarmos de forma mais pormenorizada da realidade histórica e sociocultural do lugar, foram importantes a pesquisa bibliográfica, as observações e os diálogos vivenciados pela pesquisa de campo, com os mais diversos segmentos que, direta ou indiretamente, representam a vida política, econômica, social e cultural do município, além da população turística.

O estudo comprovou que a cidade apresenta um grande potencial natural que poderia ser explorado com objetivo turístico. São áreas de grande valor natural, histórico e cultural que a identifica como “Terra dos Monólitos”. No entanto, os desdobramentos resultantes desta atividade, confirmados pela pesquisa, mostram a necessidade de projetos que objetivem conservar, revitalizar tais espaços, estabelecendo como ponto de referência anseios e necessidades da população local e dos visitantes. O distanciamento e a relativa relação afetiva dos moradores com o seu patrimônio cultural é consequência da falta de uma política eficiente, que envolva neste processo a comunidade, ouvindo-a no momento da escolha de quais setores devem ser priorizados pelo poder público.

Pelos dados obtidos a partir da pesquisa, ficou evidente que o turismo de apreciação da natureza (ecoturismo) apresenta-se como ponto forte no processo de desenvolvimento econômico e sociocultural do município, constituindo palco para os demais segmentos turísticos. As imagens relacionadas evidenciam o grande panorama natural, fonte comprobatória do potencial turístico natural da “Terra da Galinha Choca”. São imagens

marcantes que mostram o quanto a natureza foi caprichosa ao esculpir os monólitos, dando-lhes os mais incríveis e acentuados formatos, que encantam todos os que visitam Quixadá. O ambiente ganha destaque especial em função da vegetação típica da região – a caatinga, que realça as pedras dando-lhe uma beleza singular. Tudo isso completa o quadro que emoldura a atividade turística da região.

Entre estes, ressalta-se o turismo histórico e cultural, embora ainda não se apresente como segmento de grande importância no cenário turístico local, conforme dados da pesquisa, mereceu do presente estudo uma análise aprofundada em razão dos aspectos subjetivos, da singularidade e dos valores imateriais que afeiçoam o lugar. Em Quixadá, a cultura imaterial ganha expressividade e sobrepõe à ordem global, propaladas nas manifestações culturais que simbolizam o saber do homem nordestino. O movimento dos profetas da chuva insere-se no que Milton Santos chama de ordem local, que em resposta a ordem global, apresenta sua própria racionalidade, “funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade”. (SANTOS, 1997, p. 272). O momento de maior consagração é quando apresentam os prognósticos sobre o “inverno”, a quadra chuvosa, um período de grande expectativa para o pequeno agricultor, que concentra toda sua esperança nas previsões para então iniciar ou não o plantio. Quando o “inverno” é bom, a chuva que cai cobre de verde o sertão, e a paisagem muda por encanto; momento de maior significado em que o sertanejo mostra toda sua relação com a terra, pois sabe que a colheita lhe proporcionará mesa farta.

Completando o estudo sobre a ordem local, tomando como parâmetro ainda a cultura imaterial, fonte de identificação do lugar, recorreu-se mais uma vez ao saber popular, agora personificado na figura do grande cordelista Cego Aderaldo. Como se percebeu, apresenta uma bagagem poética, onde consegue idealizar o espírito do homem, da terra e de tudo que afeiçoa o sertão, resgatando valores, tradições e costumes. Focado na problemática sertaneja, retrata dificuldades, tristezas, alegrias e paixões, ideias e sentimentos que simbolizam a relação de identidade que se forma entre o homem e o lugar, ou como Manuel Corrêa de Andrade (1986) intitula no seu livro “A terra e o homem no nordeste”.

São estas manifestações da cultura popular, representadas nas mais diversas e ricas formas como a literatura de cordel, poesias e repentes que a tornam referência e símbolo da resistência aos padrões da racionalidade global.

Outro importante objeto dentro do processo de (re)ordenação do espaço de Quixadá, analisado com maior ênfase, foi o turismo religioso, percebido como elemento de grande peso na estrutura econômica local. Apropria-se do ambiente natural dando-lhe uma nova

exterioridade e o transforma em espaço mercadoria, ganhando assim maior projeção no cenário turístico, tornando-se componente de reordenação da territorialidade e do contexto sociocultural do lugar.

Os ambientes que conformam os espaços sagrados de Quixadá, a Casa de Repouso São José e o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, destacam-se por inserir-se em ambientes naturais, mas que apresentam estruturas físicas, características, histórias e dinâmicas diferentes.

Ficou evidenciado que o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, exemplo de produção programada, com uma estrutura moderna, planejada, enquadra-se no padrão do turismo religioso de massa, reconhecido pela população fixa como importante segmento responsável pelo desenvolvimento, valorização e transformação do lugar. Insere-se na lógica da mercantilização, aspecto nem sempre percebido pelo conjunto dos moradores, já que a nova paisagem vem proporcionando maior visibilidade e renda para o município, com a intensificação do movimento de peregrinos que procuram a “hierópolis”.

Os resultados obtidos com o segundo grupo de sujeitos (visitantes e peregrinos) corroboram a ideia de espaço mercantilizado. Para um melhor esclarecimento, destacam-se dois pontos da pesquisa: fatores motivacionais e percepção do espaço. A razão maior das peregrinações relaciona-se à questão da religiosidade, considerado por 56,6% do universo pesquisado, enquanto 42,4% indicaram outros motivos (apreciar a natureza, passeio, repouso, etc.). Quando se abordou sobre a percepção, observou-se que o espaço tanto congrega aspectos da religiosidade como profano turístico. Um grupo representando 40,2% o vê como a casa de Deus, lugar de oração, reflexão em que se sente no céu. Para outros, ou seja, 38,1% o percebem como mais uma opção turística de passeio, lazer ou de apreciação da natureza. Com base nestes dois fatos, conclui-se que o espaço apresenta característica multifuncional, apropriado para atender tanto ao excursionista quanto ao peregrino.

Por tudo isso, torna-se um espaço presente na vida econômica, social e cultural do município, sua relação identitária com o lugar ganha maior significado, mesmo apresentando em sua estrutura física características que fogem do estilo sertanejo, pois dentro da lógica mercantil o que importa é a dinâmica fundamentada no lucro.

Espaço de maior visitação, comparado à Casa de Repouso São José, como se confirmou na pesquisa, o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, destacou se como centro de romaria, para em breve constituir um novo roteiro turístico religioso, formando assim a tríade da peregrinação do Ceará, Juazeiro (do Padre Cícero), Canindé (de São Francisco) e Quixadá (de Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão). Este novo espaço

religioso que se forma poderá constituir em futura fonte de pesquisa, principalmente no campo da Geografia Cultural.

No estudo comparativo em que se toma como parâmetro os dois espaços sagrados de Quixadá, conclui-se que a Casa de Repouso São José, localizada na serra do Estêvão, não apresenta uma relação identitária com o lugar. Embora compreenda um espaço centenário, foi pouco lembrada, tanto pela população fixa quanto pela flutuante, alguns sequer conheciam tal ambiente. O fato foi se desvendando a partir do diálogo estabelecido com o grupo pesquisado, especialmente os moradores locais, e nas suas respostas percebia que a distância entre estes e o espaço era muito mais sentimental do que físico. A Casa de Repouso S. José não conseguiu apropriar-se do contexto da vida cotidiano do lugar sentimental, apresentando pouca importância socioeconômica e cultural, embora exista por parte da administração do espaço a ideia de manter uma estrutura simples, compatível com a área onde está inserida. O objetivo: atender aos visitantes que buscam o espaço para se refazerem do *stress* dos grandes centros urbanos.

Cultura, tradição, arte e saberes popular quando não são capturadas pelo capital, representam um lastro de resistência a cultura homogeneizante estabelecida pelo capitalismo global, que impõe uma racionalidade fundamentada na mercantilização da espacialidade. Sendo assim, o que atende às expectativas do grande público envolvido nesta nova lógica é o espetáculo, o *show*, a cultura popular passa a ser vista como senso comum. Tudo que se opõe a cultura de massa e não representa lucro, torna-se pouco atrativo e deixa de ser visível aos olhos do capital. Neste sentido, a cultura popular, quando capturado pelo capital, perde sua identidade e sua essência tornando-se mera mercadoria para a massa.

Na busca de entender o lugar, procuramos completar nossa análise a partir dos aspectos infraestruturais que dão suporte a atividade turística na região neste ponto, constatou-se a carência de projetos e políticas públicas para o setor. Conforme dados da pesquisa, 58% da população investigada não têm conhecimento de qualquer projeto ligado à atividade turística. Em termos de infraestrutura, os serviços básicos, como preservação do patrimônio, pavimentação, limpeza urbana, saneamento, sinalização de trânsito e turística, são precários e a população mostrou-se insatisfeita com a administração pública e, em sua avaliação, os índices apresentaram uma variação entre péssimo e regular.

Quando se toma por base os dados apresentados pela população flutuante, a cidade apresenta-se adequada, atendendo de forma satisfatória suas expectativas. No entanto, apontam como ponto fraco os serviços de transporte interno e de atendimento especializado (guia turístico).

A solução do problema, como já relatada no desenvolvimento do trabalho, passa necessariamente pela ação efetiva do poder público local, de modo a estabelecer um planejamento turístico eficiente que envolva a população local visando à melhoria das condições de vida, para, em decorrência proporcionar melhores serviços turísticos aos visitantes.

Como ficou evidenciado pelo trabalho, Quixadá apresenta um grande potencial turístico, formado pela paisagem natural e singular, os monólitos e a vegetação típica da região, a caatinga; some-se a isso a riqueza cultural, marcada pelos movimentos populares em que se evidenciam as tradições e saberes do homem sertanejo como cantorias, repentes e o movimento dos “Profetas da Chuva”; um tema a ser explorado por novas pesquisas. Não obstante a toda essa ocorrência de riqueza, faz-se necessário vencer barreiras como a precária condição socioeconômica e a deficiência de equipamentos e serviços (transporte, guia turístico etc.). Neste sentido, apresenta-se como sugestão o investimento no campo do turismo sustentável, no qual seja priorizado o desenvolvimento econômico aliado à inclusão social e à, acima de tudo, a preservação da identidade social e cultural do lugar.

Finalizando, espera-se que o estudo tenha contribuído como ponto de reflexão para gestores e comunidade, despertando para a necessidade de conservar e preservar aquilo que representa o patrimônio local, no campo da cultura, dos valores históricos e do patrimônio natural. Que os investimentos não visem apenas o retorno financeiro imediato, mas que resultem principalmente, em propostas e decisões que privilegiem os valores da vida na sua essência experimentados pela população local, projetando as bases de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ADERALDO, Cego. Eu sou o Cego Aderaldo (Coord.) Eduardo Campos. Apresentação Raquel de Queiroz. São Paulo, Maltese, 1994.

ANDRADE, Manoel Correia de. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5. ed. São Paulo, Atlas, 1986.

_____. Geografia Ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo, Atlas, 1987.

ARAUJO, Maria do Carmo Ribeiro. O Poder Local no Ceará. In: SOUZA, Simone (org.) História do Ceará. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1994.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BARROS, Luitgard Cavalcanti Oliveira. Padre Cícero e o Fenômeno do Caldeirão. In: SOUZA, Simone (org.) História do Ceará. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1994.

BEHR, Miguel Von. Quixadá: Terra dos Monólitos. Série ecossistemas brasileiros: natureza, História, cultura, trabalho e meio ambiente. São José dos Campos, Somos Editora, 2007.

BEZERRA, Hermínio (Frei). Padre Cícero e Padre Pio Vítimas da eminência parda? Diário do Nordeste, Fortaleza, 16 de nov. 2007. Regional, p. 2.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Os porta-vozes da natureza e a prosa do mundo. In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). Profetas da Chuva. Fortaleza, Tempo d'Imagem, 2006.

CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Mons.). Viva a Vida em Dom Maurício. Fortaleza: Encaixe, 2007, 64 p.

CORREA, R.L.A. A Espacialidade da Cultura. In: Zeny Rosendahl e Roberto Lobato. (Org.). O Brasil, a América Latina e o Mundo - Espacialidades Contemporâneas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, v. 1.

CORREIA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro, Berrand Brasil, 2007.

COSTA, João Eudes Cavalcante. Ruas que contam a história de Quixadá. Fortaleza, ABC Editora, 2008.

_____. Retalhos da História de Quixadá. Rio - São Paulo –Fortaleza: ABC Editora, 2002.

DIAS, Reinaldo. Sociologia do Turismo. São Paulo, Atlas, 2003.

- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o profano. [tradução: Rogério Fernandes]. São Paulo, Martins Fontes, 1992. (Tópicos).
- FARIAS, Airton de. História do Ceará: dos índios à geração Cambeba. Tropical Editora, 1998.
- GIRÃO, Raimundo. Evolução histórica cearense. Fortaleza, BNB. ETENE, 1985.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo. Atlas, 2003.
- LIMA, Luiz Cruz (org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza, UECE, 1998.
- MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). Profetas da Chuva. Fortaleza, Tempo d'Imagem, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O Desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo, Hucitec, 1996.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia: Pequena História Crítica. São Paulo, Hucitec, 1984.
- OLIVEIRA, Bernadete A. C. Castro. Futuro e esperança: profecia e trajetória camponesa In: _____. Tempo de Travessia, Tempo de Recriação: profecia e trajetória camponesa. São Paulo, 1998. p. 170-201.
- ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Geografia e Consumo: dinâmicas sociais e a produção do espaço urbano. Rio Claro, 2009.
- PETROCCHI, Mario. Gestão de pólos turísticos. São Paulo, Futura, 2001.
- PINHEIRO, Francisco José. O Processo de Romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone (org.) História do Ceará. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1994.
- RIBEIRO, Marcelo. Turismo comunitário: relações entre anfitriões e convidados. In: NETTO, Alexandre Panosso e ANSARAH, Marília gomes dos Reis (Editores). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, São Paulo, Manole, 2009.
- RIOS, Kênia Sousa. A natureza entre Ciência e profecias. In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). Profetas da Chuva. Fortaleza, Tempo d'Imagem, 2006.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, 2002.
- _____. Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. Editora Hucitec: São Paulo, 1997.

_____. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Record, 2008.

SILVA, Francisca de Paula Santos da. Reflexões sobre o turismo sertanejo. In: NETTO, Alexandre Panosso e ANSARAH, Marília gomes dos Reis (Editores). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, São Paulo, Manole, 2009.

SILVA, José Borzacchiello da. O Algodão na Organização do Espaço. In: SOUZA, Simone (org.) História do Ceará. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SOUZA, José Bonifácio de. Quixadá & Serra dos Estêvão. Fortaleza, UFC, Casa de Jose de Alencar, Programa Editorial, 1997.

TOMASIM, Dom Adélio (Bispo). História do Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão. Quixadá-CE: Comunidade Mariana – Oásis da Paz, 1995, 24 p.

WEBER, Max. Sociologia. (org.) Gabriel Cohn. (Coor.) Florestan Fernandes. Editora Ática, 2003.

WEISSBACH, Paulo Ricardo Machado. Subsídios para a formulação de políticas públicas para o turismo no espaço rural na Rota das Terras – RS. Rio Claro. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007. 288 f.

SITE

BRANDÃO Carlos Rodrigues. Dossiê Guimarães Rosa. Travessias do grande sertão. Estudos Avançados. Print version ISSN 0103-4014. Estud. av. vol. 20 no. 58 São Paulo Sept/Dec. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-4042006000300004>>. Acesso em: 30 de jan. de 2012.

BRUNO, Fernanda & MARTINS, Karla Patrícia Holanda. Profetas da natureza: ver e dizer no sertão Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-12. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/artile/vien/>>. Acesso em 27 dez. 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso Ago. de 2010.

CARVALHO, Eleuda de. Bens de Raiz. Profetas da Chuva. Revista Raiz Edição nº 03 profetas da Chuva. Bens de Raiz. Disponível em: <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=91&Itemid=105>. Acesso em 27 de dez. de 2010.

COSGROVE, Denis, UCLA. MODERNITY, COMMUNITY AND THE LANDSCAPE IDEA. [ca. 2004]. Disponível em: <<http://www.sscnet.ucla.edu/geog/downloads/418/46.pdf>>. Acesso em: 30 de jan. 2012.

CORREA, Roberto Lobato. Formas Simbólicas e Espaço – Algumas Considerações. GEOgraphia – Ano IX nº 17 – 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/212/204>>. Acesso em 02 de fev. 2011.

COSTA, Osvaldo. Profetas da Chuva: a Inexorável Beleza. Quixeramobim, 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/profetas-da-chuva-a-inexoravel-beleza>>. Acesso em: 27 dez. 2010.

FAHEINA, Rita Célia. Profetas da chuva preveem inverno bom. Tardio: Jornal O Povo online. Quixadá, 14 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/opp/opovo/ceara/2011/01/07/noticiacearajornal,2086852/profetas-da-chuva-se-reunem-amanha.shtml>>. Acesso em 27. dez. 2010.

FEITOSA, Soares. Jornal de Poesia. Cego Aderaldo, Biografia, causos e presepadas, por ele mesmo. Atualizado em 21.08.2000. Disponível em: <<http://www.revita.agulha.nom.br/cego.1.html> >. Acesso em 01 out. 2011.

FIGUEREIDO, M. G. A voz dos profetas do Sertão. Educação, ecologia cognitiva, conhecimento. Ecognitiva, 2006. Disponível em: <http://fuleiragem.typepad.com/ecognitiva/2006/06/a_voz_dos_profe.html>. Acesso em: 27 dez. 2010.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-ago. 2006, vol. 22 n.2, PP. 201-210. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/22n2a10v22n2.pdf>>. Acesso em jun. de 2010.

IGUATU, Prefeitura Municipal de. Construindo o nosso Futuro, 2010. Disponível em: <<http://www.iguatu.ce.gov.br/>>. Acesso em 20 de out. 2010.

IPECE. Perfil Básico Municipal – Quixadá. Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2010/Quixadá.pdf>. Acesso em 25 de jan. 2011.

_____. Ceará em Mapas, Fortaleza, 2006. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/lista>>. Acesso em 25 de jan. 2011.

NETO, Manoel. Usina de Biodiesel de Quixadá começa a operar em dezembro. 04 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.biodieselbr.com/noticias/biodiesel/usina-quixada-comeca-operar-dezembro-04-09-07.htm>>. Acesso em 10 de jul. 2011.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. et. al. Turismo e modernização cearenses: a lógica mítica do espetáculo. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. Nº 01 abril, 2007. Disponível em <www.eca.usp/turismocultural>. Acesso em 16 de ago. de 2010.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. O Processo de Industrialização e as Novas Articulações Cidade – Urbano – Região. UECE/UNESP, 2009. Disponível em: <http://egal2009.easypanners.info/.../5432_PEREIRA_JUNIOR_Edilson_Alves.doc>. Acesso em 02 de mai. 2010.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. O centro urbano de Quixadá. [S.I.: s.n] [1999?]. Disponível em:<<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/anais/conteudo/anais/files/conferences/1/schedConfs/1/papers/80/public/80-4531-1-PB.pdf>>. Acesso em 08 de fev. 2010.

PONTES, Mario. O cego, a viagem, o voo. In: FEITOSA, Soares (org.). Disponível em: <<http://www.revita.agulha.nom.br/cego.html#pontes>>. Acesso em 01 out. 2011.

QUICA ACTOS. Água. 2010. Disponível em: <http://www.quixada.ce.gov.br/sites_curso/quicaactos/agua.htm>. Acesso em 08 de fev. 2010.

SOUSA, Manoel Alves de (Coord.). Conhecendo e Construindo a História de Quixadá. edição 1, 2002.

QUIXADÁ, Feliz Cidade. 2009. Disponível em: <<http://www.quixada.ce.gov.br/quixada/demografia.asp>>. Acesso em 10 de fev. 2010.

_____. Calendário de eventos. Disponível em: <http://www.quixada.ce.gov.br/eventos/calen_tur.asp>. Acesso 12 de fev. 2010.

_____. Destino aventura. Disponível em: <<http://webventure.ig.com.br/destinoaventura/destinos/index/exibe/destino/quixada>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

SCHIAVO, Sylvia. Sertão uno e múltiplo ou “lua pálida no firmamento da razão”. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, jan/jun. 2007, p. 41-44. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/fcnf/article/view/1721/2120>. Acesso em: 28 de jan

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A POPULAÇÃO FIXA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro – São Paulo.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ – CEARÁ: estudo das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernadete Castro.

Pesquisador: Prof. Paulo Lima

PARTE I - DADOS PESSOAIS (PERFIL DO MORADOR).

1. Localidade de residência (distrito /bairro/rua): _____
2. Faixa etária:
() 18 - 30 anos () 31 - 40 anos () 41 - 50 anos () 51 - 60 anos () 61 - 70 anos () acima de 70 anos.
3. Sexo: () masculino. () feminino.
4. Nível de escolaridade: _____
5. Atividade /trabalho: _____

PARTE II – PROJETO INSTITUCIONAL DA PREFEITURA DE QUIXADÁ PARA O SETOR DE TURISMO.

6. Você tem conhecimento de que Quixadá dispõe de um Projeto de Desenvolvimento Turístico: investimento/atração de algum segmento turístico? () sim, () não.
7. Qual segmento tem obtido maior investimento por parte do poder público local?
() ecoturismo, () turismo religioso, () turismo histórico/cultural, () turismo de aventura, () Outro.
8. Com relação à infraestrutura como você avalia sua cidade levando em consideração
 - a) preservação do patrimônio:
() Excelente, () ótimo, () bom, () regular, () péssimo.
 - b) pavimentação/cuidado com a cidade:
() Excelente, () ótimo, () bom, () regular, () péssimo.
 - c) limpeza urbana (serviço de coleta lixo):

() Excelente, () ótimo, () bom, () regular, () péssimo.

d) Saneamento: água e esgoto tratados:

() Excelente, () ótimo, () bom, () regular, () péssimo.

e) Sinalização do trânsito na cidade:

() Excelente, () ótimo, () bom, () regular, () péssimo.

f) Sinalização turística: () Excelente, () ótimo, () bom, () regular, () péssimo.

9. Qual a principal vocação turística de Quixadá? _____

PARTE III – IMPACTOS SOCIAIS.

10. Qual área turística é responsável pela maior geração de emprego e renda:

() ecoturismo (turismo de apreciação da natureza).

() turismo religioso.

() turismo histórico/cultural.

() turismo de aventura.

() Outro. Qual? _____

11. O turismo também gera problemas e conflitos, como prostituição, droga etc. Isto vem sendo observado em Quixadá? () sim () não. Em caso afirmativo, qual o segmento tem sido o maior responsável por estes conflitos:

() ecoturismo (turismo de apreciação da natureza).

() turismo religioso.

() turismo histórico/cultural.

() turismo de aventura.

() Outro. Qual? _____

PARTE IV – OS ESPAÇOS SAGRADOS.

12. Você considera o turismo religioso um importante fator de desenvolvimento local?

() sim () não.

13. Há uma preocupação do poder público local em preservar, incentivar e divulgar esta atividade?

() sim () não.

14. Você tem conhecimento sobre projetos ligados a esta atividade? () sim, () não. Em caso positivo, quais tem sido as ações desenvolvidas pelo poder público local de modo a dar maior importância e destaque a este segmento?

15. Dentro do seguimento turístico religioso, Quixadá conta com dois principais espaços sagrados: Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão (Serra do Urucum) e Casa de Repouso São José (Serra do Estêvão). Avalie os dois segmentos quanto ao nível de:

a) Espaço de maior relação com a cultura local

() Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão.

() Casa de Repouso São José.

b) Espaço de maior importância histórica

() Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão.

() Casa de Repouso São José.

c) Espaço de maior visitação da população local

() Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão.

() Casa de Repouso São José.

d) Espaço de maior visitação turística

() Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão.

() Casa de Repouso São José.

16. No turismo religioso, ora sobrepõe o sagrado, ora o profano, neste sentido, é possível observar que

a) No Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão (Serra do Urucum) prevalece:

() sagrado e/ou () profano.

b) Na Casa de Repouso São José (Serra do Estêvão), prevalece:

() sagrado e/ou () profano.

17. Alguma outra informação que você gostaria de destacar que considere relevante para o desenvolvimento do turismo religioso em sua cidade?

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM OS SEGMENTOS REPRESENTATIVOS DA SOCIEDADE QUIXADAENSE.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro – São Paulo.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ – CEARÁ: estudo das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernadete Castro.

Pesquisador: Prof. Paulo Lima

INSTRUMENTO DE PESQUISA: entrevista.

Nome: _____

Função/Cargo: _____

Formação/experiência profissional: _____

PARTE I – PROJETO INSTITUCIONAL DA PREFEITURA PARA O SETOR DE TURISMO.

1. Podemos iniciar nossa entrevista falando sobre a criação/organização da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Quixadá, que atualmente sofreu nova reorganização, o turismo e cultura passa a compor uma nova secretaria. Como o sr(a) avalia todo esse processo?
2. Foi possível perceber a partir da pesquisa realizada junto à população, uma inquietação/insatisfação da população com o poder público local. Entre as reclamações/reivindicações, podem ser sintetizada na necessidade de maiores e melhores investimentos (por exemplo: serviço de apoio ao turista, preservação do patrimônio, pavimentação, limpeza urbana etc.) e uma melhor divulgação para o setor turístico. Isto pode ser reflexo da falta de um Projeto de Desenvolvimento Turístico com política definida (metas previstas, serviços ofertados, investimentos em infraestrutura e divulgação) para Quixadá? Como o Sr(a) avalia essa situação?

3. Dentro do turismo observa-se diferentes setores de atuação de acordo com a vocação de cada localidade, que tipo de turismo é praticado em Quixadá: ecoturismo (aventura, apreciação da natureza), em sua opinião qual a vocação turística de Quixadá?
4. Existe uma preocupação do poder público local em envolver a comunidade com a causa turística? Como isto ocorre?
5. Como o Sr(a). avalia a relação do povo quixadaense com o turista?

PARTE II – TURISMO E OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS.

6. De um modo geral, qual a importância/peso do segmento turístico para a economia local? E de um modo específico o turismo religioso na política de geração de emprego e renda em Quixadá?
7. De um modo geral o turismo apresenta duas faces: atividade que gera benefícios, fonte de renda e emprego o que desperta uma expectativa de esperança quanto à melhoria da qualidade de vida; porém gera simultaneamente problemas e conflitos, como prostituição, droga etc. Isto vem sendo observado em Quixadá? Em caso afirmativo é possível identificar o segmento turístico que mais tem influenciado negativamente nos costumes da sociedade local? Depois, como estes conflitos estão sendo enfrentados pela administração pública local?

PARTE III – O TURISMO RELIGIOSO/CULTURAL E A RELAÇÃO IDENTITÁRIA.

8. Quixadá conta com dois principais espaços sagrados: O Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão (Serra do Urucum) e Casa de Repouso São José (Serra do Estêvão). Levando em consideração a ideia de pertencimento e relação identitário, pode-se dizer que os respectivos espaços já é algo incorporado a cultura local?
9. Em período de capitalismo global, que impõe a homogeneização cultural, Quixadá vem apresentando um movimento contestatório (revalorização da cultura imaterial local) a esta ordem global, por meio de encontros (Profetas da Chuva), festivais populares (Pula Fogueira), entre outros, reforçando a ideia de cidade que melhor representa o Sertão Central. Como o Senhor(a) avalia a relação afetiva e de pertencimento que se forma entre o povo, a cidade e o seu patrimônio cultural? Qual a importância e a contribuição deste movimento para o desenvolvimento do turismo local?
10. Alguma outra informação, o Senhor(a) gostaria de acrescentar que considere relevante?

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A POPULAÇÃO FLUTUANTE
(VISITANTES/PEREGRINOS).**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro – São Paulo.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO EM QUIXADÁ – CEARÁ: estudo das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernadete Castro.

Pesquisador: Prof. Paulo Lima

O instrumento de pesquisa (questionário) tem como objetivo perceber a relação que se forma entre o visitante/turista e os espaços sagrados enquanto local de peregrinação e atrativos turísticos/religiosos de Quixadá.

PARTE I – PERFIL DO VISITANTE/TURISTA

1. Cidade de residência/origem: _____
2. Sexo: () Masculino () Feminino.
3. Faixa etária:
() 18 - 30 anos; () 31 - 40 anos; () 41 - 50 anos; () 51 - 60 anos; () 61 - 70 anos;
() Acima de 70 anos.
4. Nível de escolaridade: _____
5. Atividade/trabalho: _____

PARTE II – HÁBITOS DE VIAGEM

6. Motivo da viagem:
() peregrinação/religioso; () repouso; () apreciação da natureza.
7. Quais espaços sagrados costuma visitar em Quixadá:
() Santuário N. S. Imaculada Rainha do Sertão.
() Casa de Repouso São José.
8. Como você ver este espaço:
() lugar bonito, turístico; () lugar diferente dos outros.

Por que? _____

9. Qual o meio de transporte utiliza para chegar a Quixadá?

() Carro; () Ônibus; () Moto; () Outro. _____

10. Quando visita os espaços sagrados, sempre vai:

() sozinho () com a família () em caravana () Outro _____.

11. Período que visita os espaços sagrados:

() nos finais de semana; () nas festividades religiosas; () nos feriados prolongados;

() período de férias; () Outro: _____

12. Onde se hospeda:

() Casa de familiares/amigos () Pousada () Hotel () Pousada do Santuário; () Casa de Repouso S. José; Outro: _____

13. Gastronomia/alimentação.

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo () Não sei.

14. Recomenda o espaço sagrado para amigo/familiar? () SIM () NÃO

Por que? _____

15. Além dos espaços sagrados que outros atrativos conhece?

() Açude de Cedro/Galinha Choca; () Pedra do Cruzeiro; () Chalé da Pedra;

() Lagoa dos Monólitos; Outro: _____

16. Pretende retornar? () SIM () NÃO

Por que? _____

PARTE III – AVALIAÇÃO SOBRE O(S) ESPAÇO(S) SAGRADO(S)

17. Vias Acesso ao(s) espaço(s) sagrado(s)

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo () Não sei

18. Sinalização para se chegar no(s) espaço(s) sagrado(s)

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo () Não sei

19. Sinalização diante e no interior do(s) espaço(s) sagrado(s)

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo () Não sei

20. Atendimento no(s) espaço(s) sagrado(s)

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo () Não sei

21. Segurança no(s) espaço(s) sagrado(s)

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo () Não sei () Não existe.

22. Qualidade no atendimento e informações prestadas pelos funcionários(as)

(☐) Ótimo (☐) Bom (☐) Regular (☐) Ruim (☐) Péssimo (☐) Não sei.

23. Hospitalidade

(☐) Ótimo (☐) Bom (☐) Regular (☐) Ruim (☐) Péssimo (☐) Não sei.

24. Sua opinião/impressão sobre os espaços sagrados de Quixadá? (Pontos fortes e fracos - oportunidades de melhoria).